
REVISTA DA SEMANA
Nº [illegible] ★ 3-5-52
CR$ 4,00 EM TODO O BRASIL
AMOR DE PERDIÇÃO
REVIVE NO JÚRI A TRAGÉDIA DA ILHA DO GOVERNADOR

SEJA QUAL FÔR O SEU ESPORTE FAVORITO:

AUTOMOBILISMO
TENIS DE MESA
PUGILISMO
TENIS * * *
ESGRIMA
HIPISMO
WATER-POLO
REMO * * *
CICLISMO
VOLEYBALL
TIRO AO ALVO
POLO * * *
ATLETISMO
IATISMO
BASKETBALL
SALTOS * * *
NATAÇÃO

OS CAMPEÕES
ESTATISTICAS
FOTOGRAFIAS
TUDO ENFIM!

NO

ANUÁRIO ESPORTE ILUSTRADO

BREVEMENTE EM TODAS AS BANCAS

ANO LI ★ Nº 18 REVISTA DA SEMANA ★ 3-5-52 ★

SUMÁRIO

REPORTAGENS EXCLUSIVAS

Cresce o poder naval do Brasil 4/7
Amor de perdição (Por A. Marcanti) 12/17
Hollywood passa a perna (Por Leon Eliachar) 29/33
Revelações do Continente Negro (Por Marcos Carneiro de Mendonça) 55/57

LITERATURA

A irmã enjeitada (Por Alceu Marinho Rego) 3
O Pequeno Conto (Por Geo William) 8
Peggy Storn apaixonada? (Conto de Lysa Castro) 26
O Coração Distraído (Conto de W. D. Mitchell) 35
Semana Literária (Por Edmundo Lys) 46/47

SEÇÕES PERMANENTES

A Semana em Revista 8/9
A Personagem da Semana (Stafford Crips) .. 9
À luz da Psicanálise (Pelo Dr. Luiz Fraga) .. 27
Puxe pelo cérebro 48
Tudo isto aconteceu 52/53
A Revista há 50 anos 54
Correio da Revista 54
A Pergunta da Semana 58

CERTAME FOTOGRÁFICO (Regulamento) ... 28

VARIEDADES

Divergências da cooperação anglo-americana (Artigo de Alexander Clifford) 11
Teatro-Revista 34

FOLHETINS

Aventuras do Capitão Rob 24/25
Espinhos do Amor 38

ROMANCE

A Insatisfeita (Por Irene Temple Bailey) 22/23

FEMININAS

Sugestivos (Modelos de Ramon) 36/37
A Saúde do Bebê (Pelo Dr. Saboia Ribeiro) .. 49

CINEMA 49

CARICATURA

Em se plantando... (Por Théo) 10

NA CAPA:

Constance Smith (Foto 20th Century Fox)



A IRMÃ ENJEITADA

UM amigo que andou pelo México veio contando do orgulho com que os filhos do país oferecem ao estrangeiro a **tequilla**, aguardente nacional que é encontrada nos lares, no bar dos hotéis e nas boites de luxo. A **tequilla** é dada a experimentar ao forasteiro com igual ufanía com que se mostra o boléro, a pintura de Diego de Rivera, osmonumentos da civilização incaica, o sombrero dos peões.

Cada povo tem seus usos; tem também sua bebida. A **tequilla** não é irmã envergonhada das aguardentes de outros povos, o conhaque francês, a bagaceira portuguêsa, o vodka russo, a aquavita suéca, o **kirsch** alemão. Tôdas estas bebidas são exportadas e por elas a gente-bem paga, sem reclamar, quanto lhe é pedido nas mesas elegantes.

O mal de que sofre a nossa cachaça, irmã enjeitada entre as aguardentes do mundo, é custar apenas uns tostões nos butécos do país. Nas vendas do interior, quando proximas de distilarias locais, uma talagada não vale mais que quatrocentão: quatro niquinhos de tostão com que mal se compra uma caixa de fósforos. E no entanto a cachaça, que pode ser vício como qualquer outra coisa, é indicada para esquentar o peito depois do aguaceiro ou da friagem; serve como estimulante e como abortivo de resfriados; serve de aperitivo. Além de servir, naturalmente, para o piléque dos que não se podem dar ao luxo da embriaguez pelo champanhe ou o uísque.

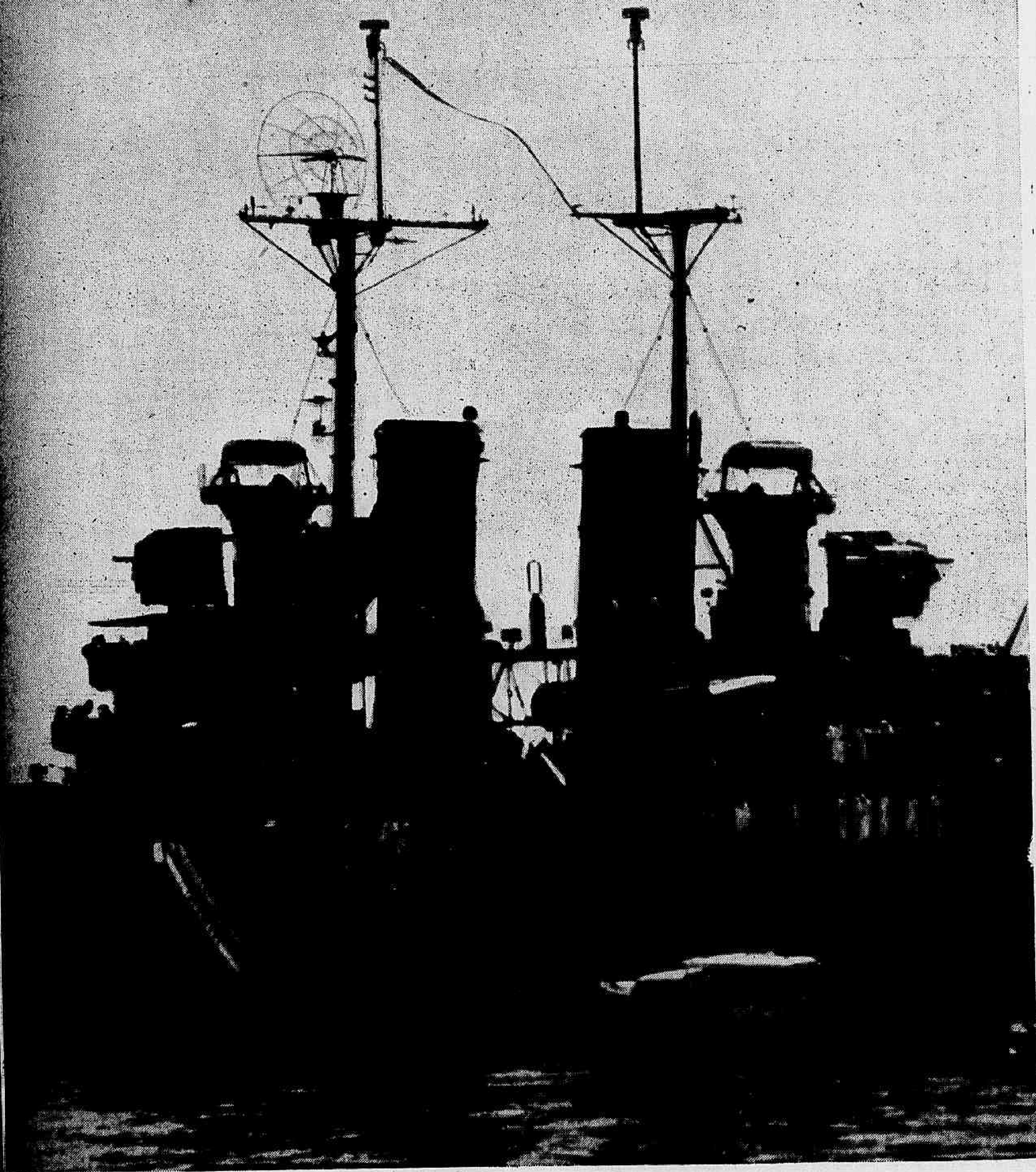
A bebida brasileira não tem apreço porque é modesta. Quando se atrevem a levá-la a lugar mais **chic** é disfarçada em **batida** Não ha hotel de classe, em todo o Brasil, nem restaurante ou bar de luxo, nem boite que se preze, capaz de oferecê-la a seus freguêzes. E quando, ocasionalmente, atendem à solicitação de um freguês importante, a quem nada se nega, a presença da cachaça na mesa assume logo um ar de conspiração ou suspeita, de coisa fora da lei e dos bons costumes.

Não é para admirar, diante disso, que um pobre deputado provinciano haja apresentado um projeto de lei destinado a banir a cachaça de sua pátria. A aguardente de cana de açúcar, produzida e consumida abundantemente de norte a sul do país, devia passar por mais esta provação.

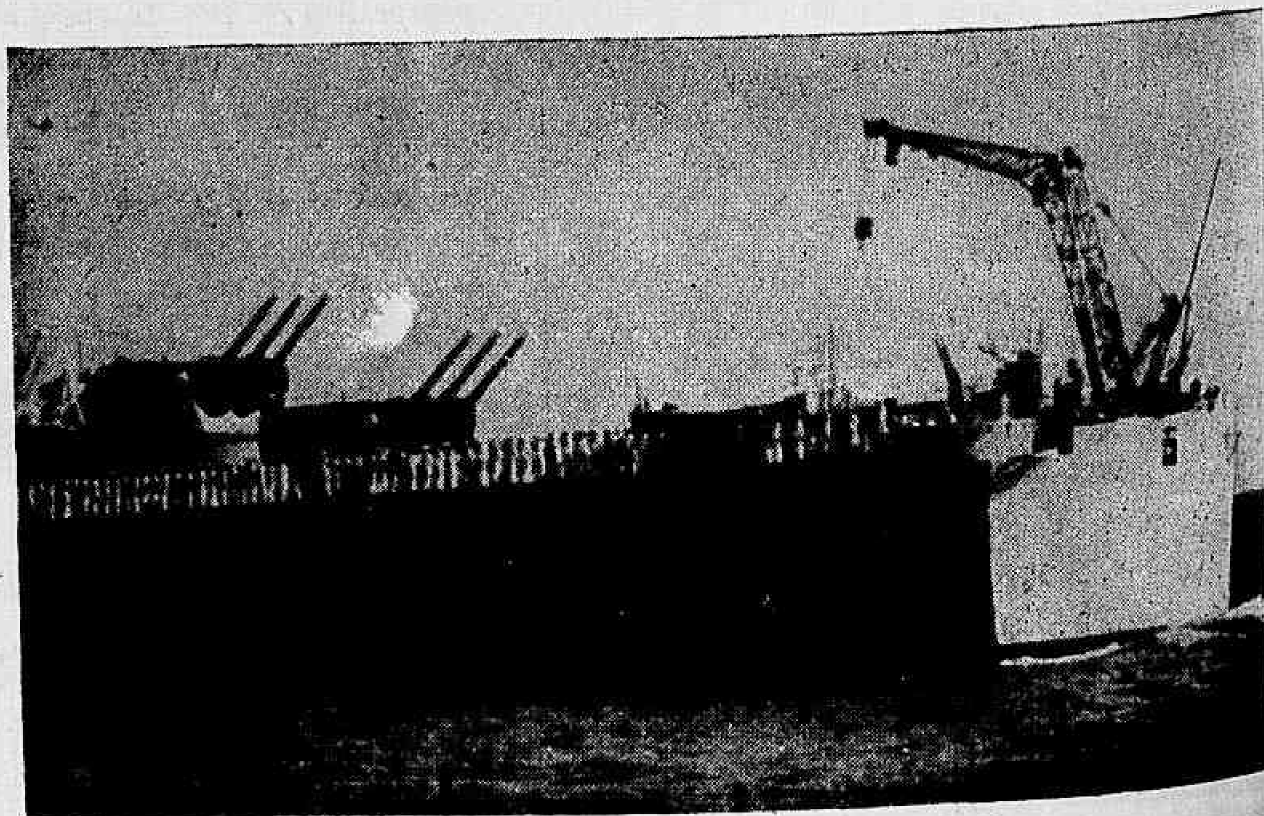
Passou a provação. Não passou o projeto.

Ficou a cachaça, como bebida brasileira que é. Ficou o deputado, depois de fazer prova pública de bestidade. Falta agora dar à cachaça o nível de outros prazeres populares que um dia, também, não foram bem vistos por gente fina: o samba, o futebol, o frêvo, o violão, o tutu com torresmos.

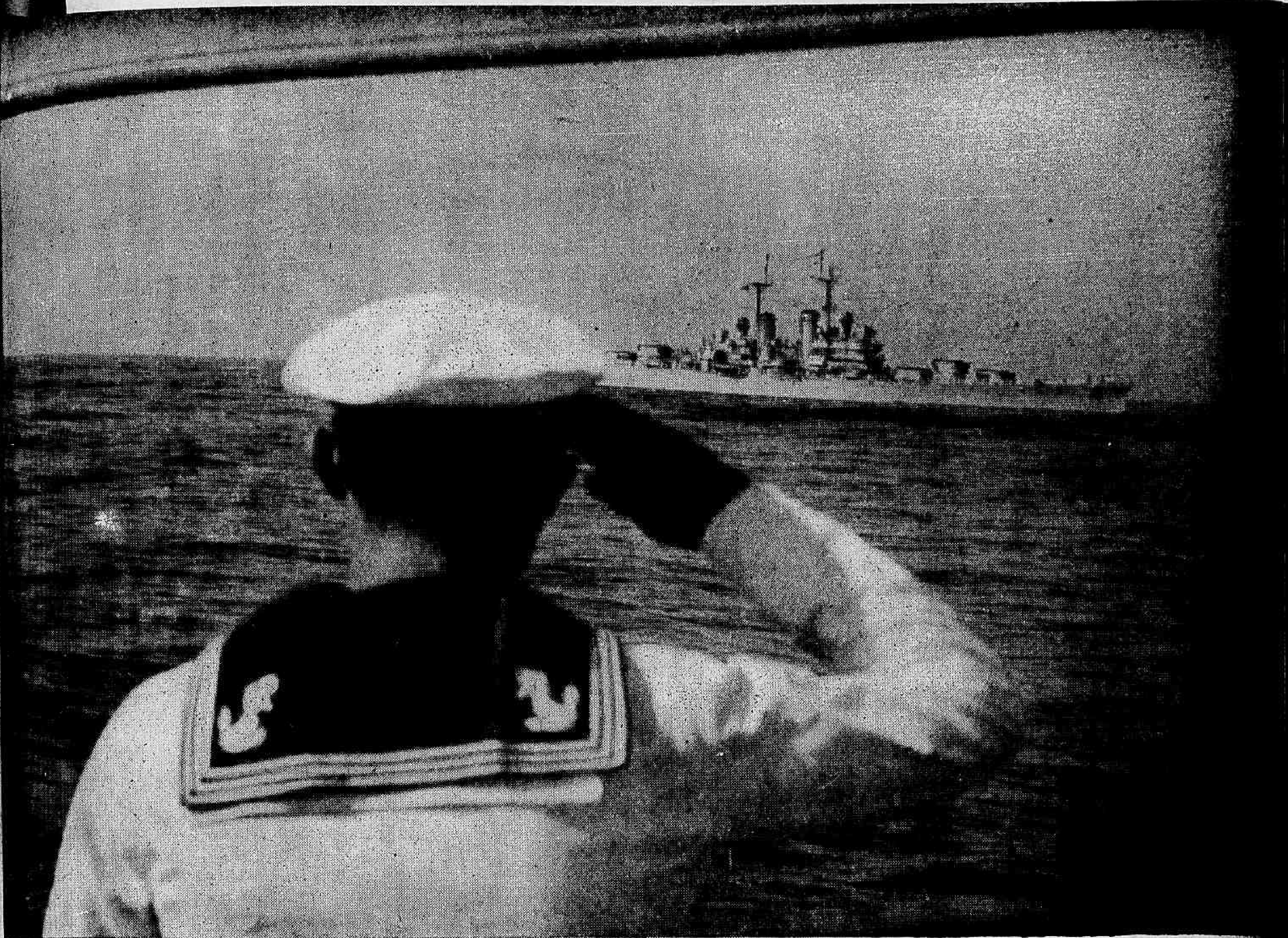
ALCEU MARINHO RÊGO



O corpo central do "Tamandaré" inclui uma bateria constituída por 5 tôrres tríplices de canhões de 152m/m. Êsse é o detalhe da foto acima



A popa chata é uma exigência da guerra moderna para facilitar o desembarque, nas cabeças de praia, de homens e material. (Ao lado)



Um marinheiro do Brasil, em continência ao pavilhão nacional, desfralda no tôpo do mastro do "Tamandaré", a nova unidade de guerra de nossa armada.

CRESCE O PODER NAVAL DO BRASIL

★ A CHEGADA AO RIO DO CRUZADOR "TAMANDARÉ"

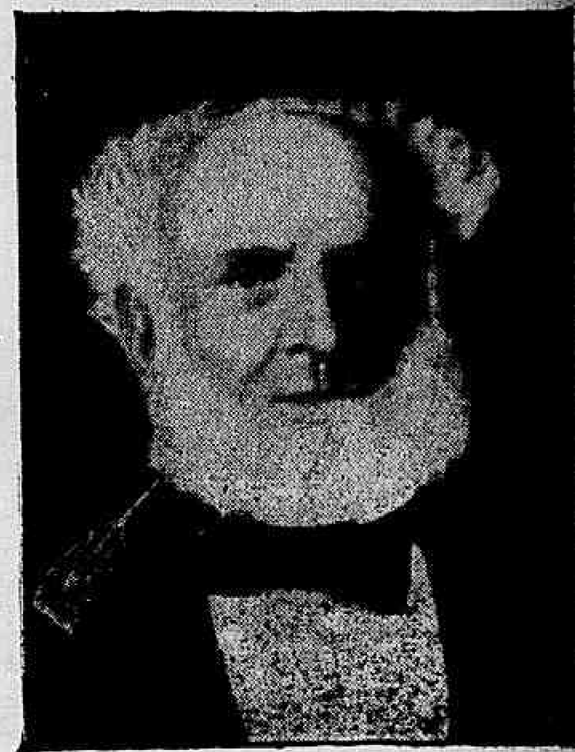
★ COMBATEU SOB A BANDEIRA NORTE-AMERICANA

★ A MARINHA DO BRASIL APTA A DEFENDER O PAÍS

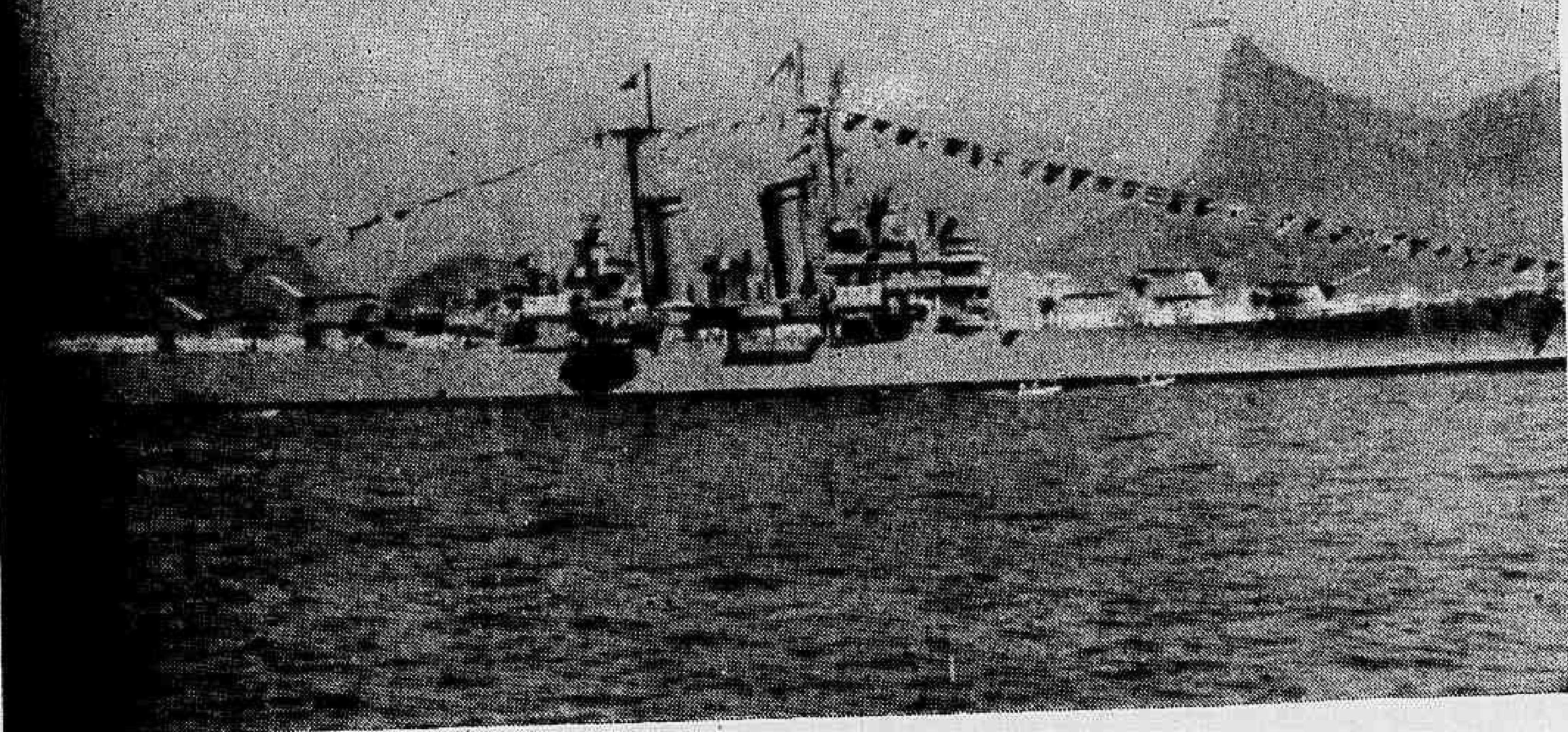
Fotos de ALBERTO FERREIRA

"TAMANDARÉ"

10.000	toneladas
186	ms. de comprimento
19	ms. de largura
6,7	ms. de calado
49	canhões — 8 metralhadoras



Almirante Marquês de Tamandaré (1807-1897), herói do Paraguai, que deu o nome ao novo barco de guerra.



O "Tamandaré", penetrando pela primeira vez as águas da Guanabara, vista o pico do Corcovado (ao fundo) onde se ergue a imagem de Cristo.



O Capitão de Mar e Guerra Paulo Bosisio, sob cujo comando o "Tamandaré" viajou do Norte até ao Rio. E' um veterano experimentado nas lutas do mar.

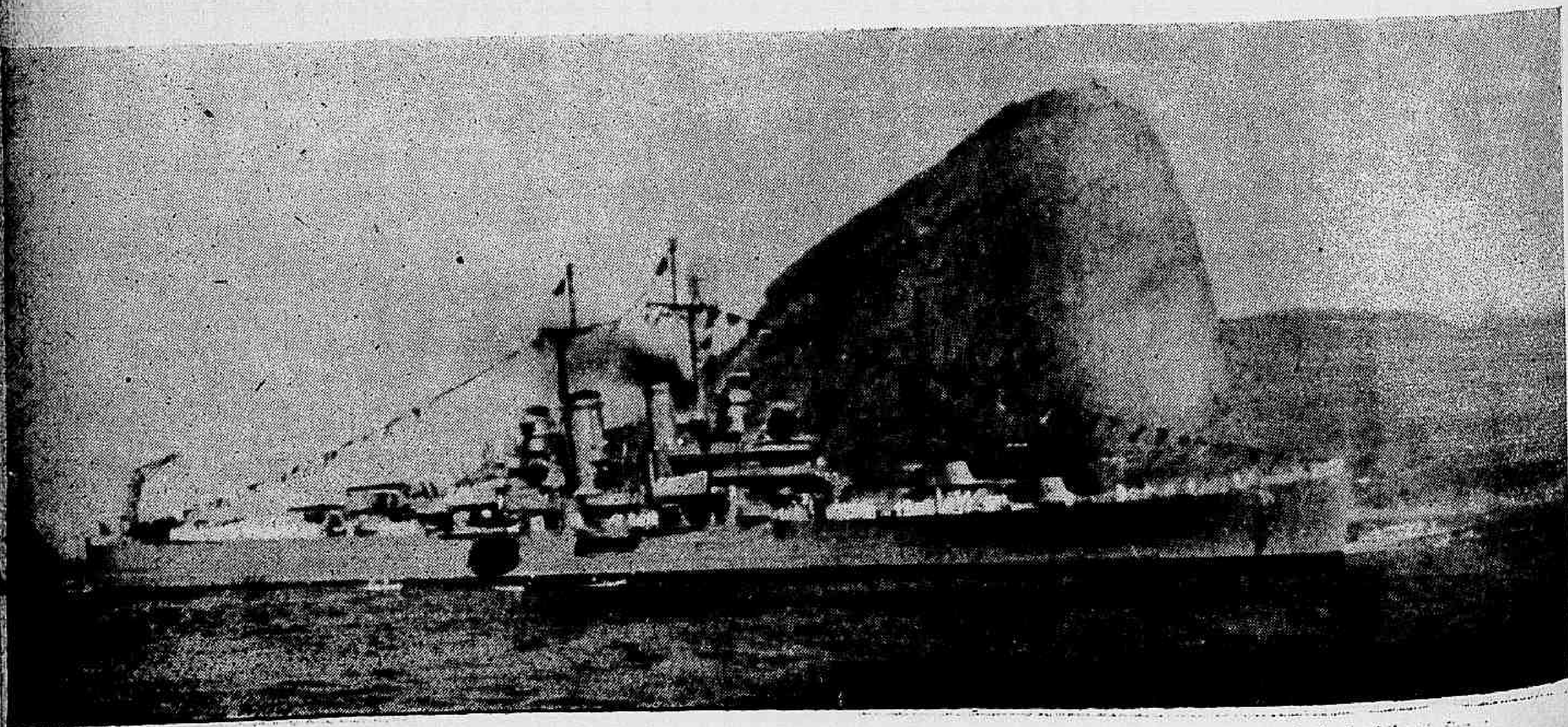
O "Tamandaré" no momento em que franqueava a barra do Rio de Janeiro, visto contra o perfil do Pão de Açucar, imagem simbólica de nossa pátria.

MANHÃ de domingo, 27 de abril. As atalaias da Guanabara, vigilantes: a fortaleza de Santa Cruz, a de Santa Cruz, a da Lage. Empavezados os mastros e o tombadilho, navios da esquadra, com as máquinas trabalhando, aguardavam o sinal do cápitanea para se porem em movimento. O céu muito limpo, as águas mansas. Na murada do cáos, na avenida Beira-Mar, o desusado vai-e-vem dos dias festivos.

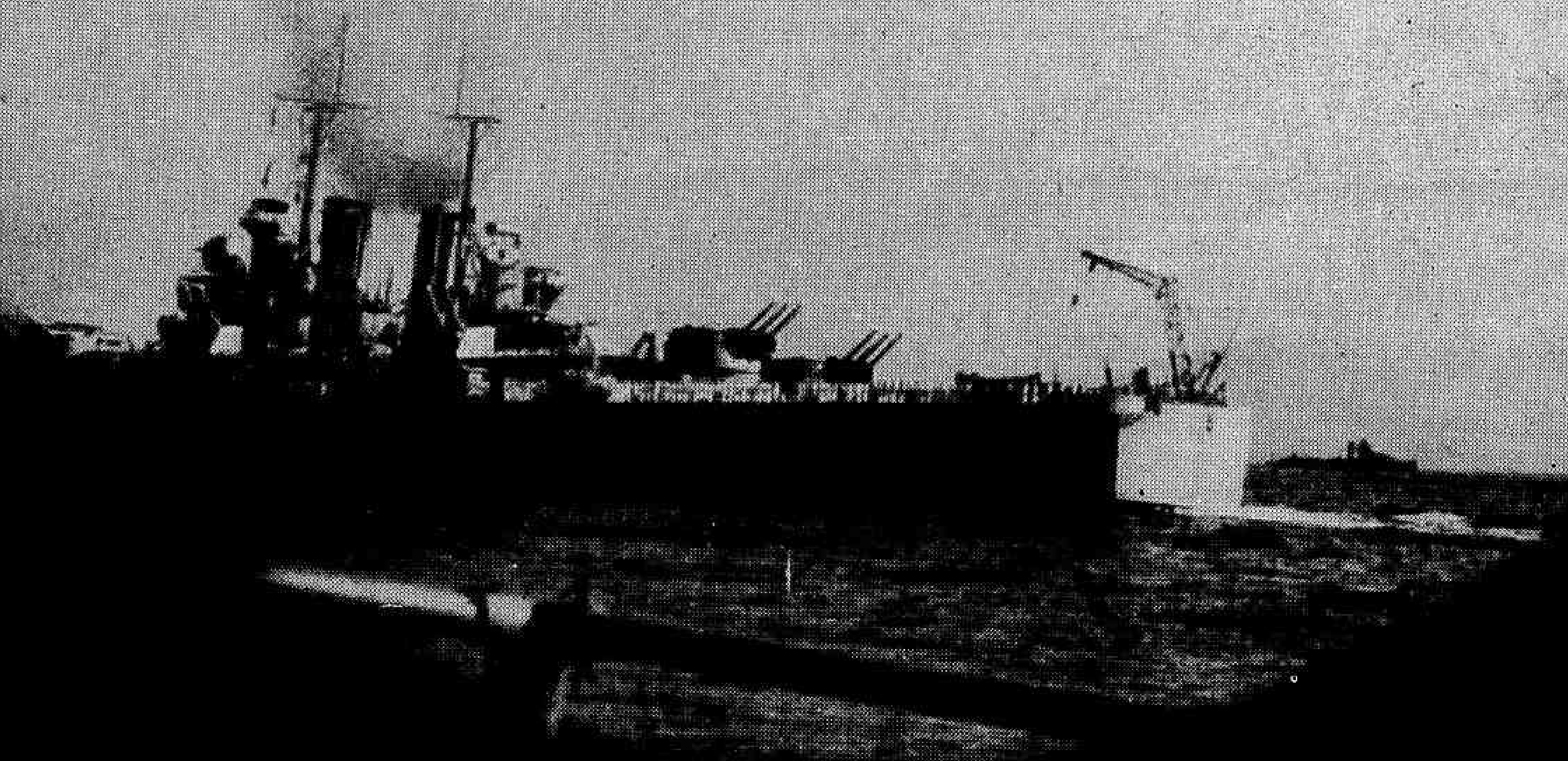
Nenhum inimigo ameaçava a capital do país. Nem os fortes, nem os barcos, nem a multidão esperava qualquer acontecimento desagradável e as fisionomias, no mar e em terra, mostravam o alvoroço das alegrias coletivas. O que se esperava apontar na linha do horizonte era o último cruzador encorporado à armada nacional, que chegava dos Estados Unidos com tripulação, bandeira e nome brasileiros: O "Tamandaré", construido em 1938 nos estaleiros da Newport Shipbuilding Co., encorporado à marinha de guerra norte-americana em maio de 1939 e posteriormente adquirido pelo Govêrno Brasileiro.

Estrutura, máquina, instalações e armamento, tudo no "Tamandaré" atende ás exigências da mais moderna construção naval para a guerra. O navio participou, durante o último conflito, com o nome de "St. Louis", mas conhecido por "Luchy Lou", que diz da felicidade com que se conduziu, de muitas e pesadas ações no teatro de operações do Pacifico.

O comandante do cruzador "Tamandaré", que o trouxe para águas brasileiras, é o Capitão-de-Mar-e-Guerra Paulo Bosisio, que



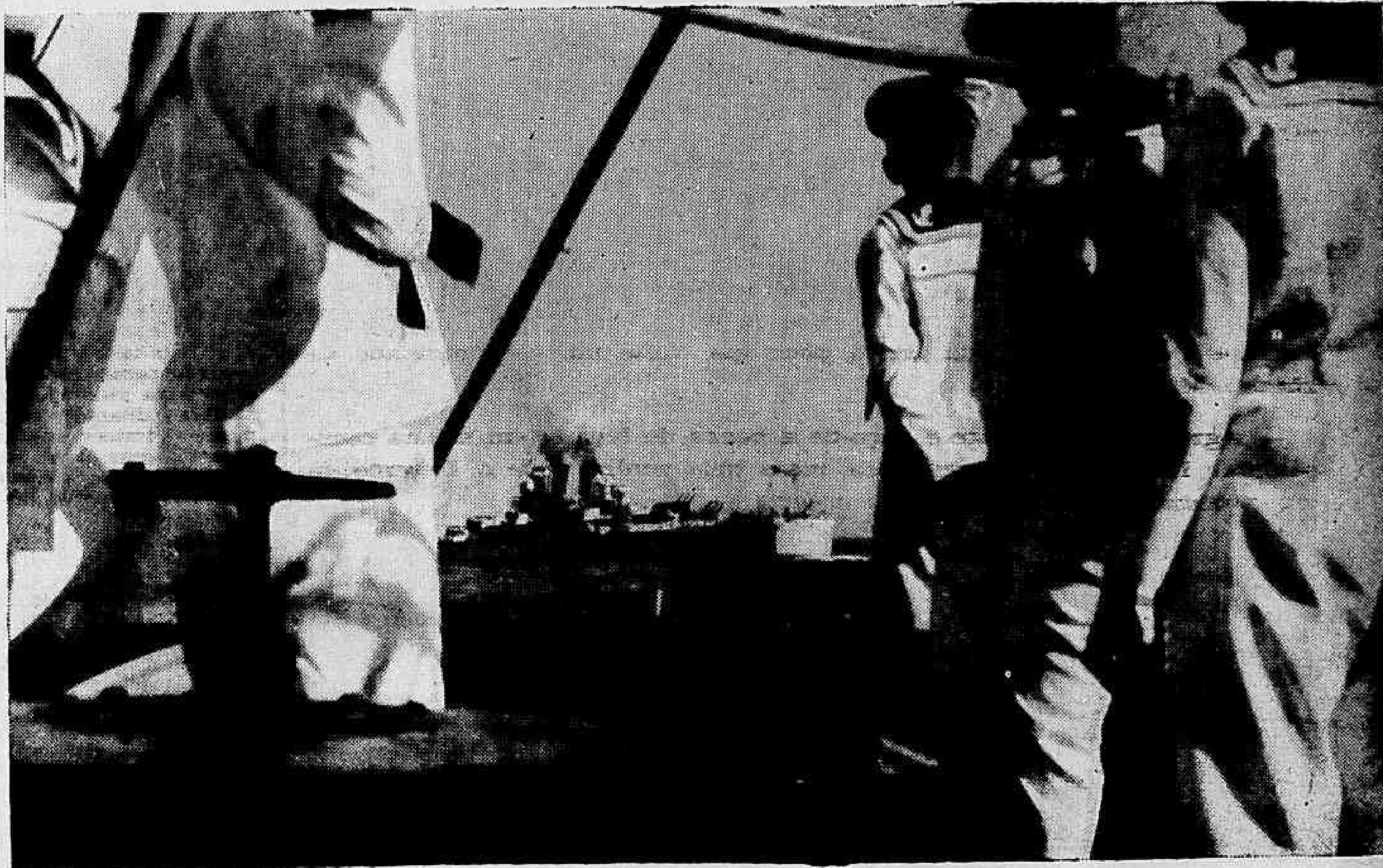
CRESCE O PODER NAVAL DO BRASIL



Pela vigia de um outro navio da esquadra o fotógrafo assim viu e fixou o "Tamandaré", em cuja popa a marinhagem formada prestava honras à bandeira.

comandou a Escola de Aprendizes Marinheiros de Pernambuco, em 1942. O imediato é o Capitão-de-corveta Augusto Lopes da Cruz, que estêve em serviço de guerra, em águas nacionais, durante a última guerra. Cêrca de mil homens, entre a oficialidade e a maruja, constituem a guarnição da nova unidade da marinha de guerra do Brasil.

Acrescida em seu poder de combate, com a incorporação do "Tamandaré", que se segue à do "Barroso", a armada brasileira se prepara para cumprir, a qualquer momento e onde se faça necessário, a missão de defender o país e honrar seus compromissos.



Outra vista da nova unidade da esquadra à sua entrada na baía. Os marinheiros dos outros navios não escondiam o entusiasmo pelo "Tamandaré".

O pequeno conto

ASSIM FALOU MAHOMÉ

Por GEO WILLIAM



ABDULLAH Farah, ostentando o turbante verde dos "hadji", penetrou na tortuosa viela dos bazares de Bagdad, justamente quando o sol a pino torrava a imensa cidade deitada à margem do Tigri.

O calor intenso imobilizara a vida tumultuante da metrópole onde tôdas as taças do universo juntam-se tangidas pelas intempéries de destinos adversos.

Mesmo na viela serpenteante, com seus toldos esticados por cima dos primeiros andares, o canícula era sufocante. A sombra artificial a nada conduzia a não ser emprestar ar de sonolência profunda nos interiores das lojas exibindo a incrível variedade de mercadorias orientais.

Os negociantes e vendedores empanturrados pelo almôço de leite de camela e pão de milho, sugavam baforadas dos "narghilés" ou estiravam-se nas esteiras sebosas, sonhando com as "huris" do Nirvana.

Abdullah Farah era, conseqüentemente, o único viandante a cortar a viela, de sul a norte, naquela hora de calma e tranqüilidade.

★

Depois de prescrutar muito, penetrou no interior de uma loja onde objetos de adorno, feitos de ouro pesado, enfeitados com gemas, chamaram-lhe a atenção. O árabe que o atendeu, meio sonolento, curvou-se reverente ante o turbante verde do peregrino que tinha estado em Meca.

— Que as sombras frescas sempre estejam contigo "hadji..."

— Faço-te a honra de penetrar em tua espelunca — respondeu êste. — Os pés de um "hadji" que pisaram a tumba de Mahomé, pisam o teu sórdido assoalho. Sabes o quanto significa isso?

— Bem... realmente é uma honra para mim e os meus...

— Pois movimenta-se e mostra-me aquêle bracelete pesado que lá está! Quero levá-lo à minha favorita...

O negociante relanceou um olhar agudo pelas vestes sujas e rotas do "hadji". Titubeou, sabendo a quanto pode chegar a malandragem de um sabido. Mas o olhar impiedoso e duro do "peregrino da Meca" induziu-o a retirar a jóia, linda peça que valia um bom punhado de libras. Muitas até...

— Agrada-me bastante e faço-te a honra de levá-la em minha companhia. Irá adornar o pulso da mais bela mulher que o Deserto já viu apanhar frutas sob as tamareiras...

— Podes levá-la "hadji". Mas deixas comigo o metal que lhe corresponde!

— Nada mais justo. "Darás metal em troca de metal! Assim falou Mahomé" — disse o "hadji", curvando-se ao citar a "surra".

Ato contínuo sacou seu afiadíssimo punhal e embebeu-o no peito do negociante que tombou sem vida.

— Deixo em ti o metal que te corresponde amigo!

E sumiu no silêncio da viela deserta, levando o bracelete riquíssimo em troca de um punhal que valia poucas piastras... (IPA).

A Semana

Crimes culposos

CRESCE dia a dia em todo o Distrito Federal o número de veículos entre uma população que também vai crescendo sensìvelmente. E o resultado disso é o aumento também alarmante de acidentes, muitos dêles mortais. O atropelamento de pedestres, as trombadas entre veículos, as contravenções de trânsito tão comuns nos motoristas desta capital constituem o pavor de quantos têm a infelicidade de andar em nossas ruas e praças. Os veículos, quando não acham gente nos leitos das vias públicas, sobem aos passeios e matam, ferem, atropelam, escangalhando a vida dos desgraçados que nada mais podem fazer senão pedir socorro à Assistência. Há poucos dias a voz de um Desembargador, o dr. José Duarte, clamou contra a impunidade com que os motoristas agem nas ruas do Rio, ao relatar um acórdão que manteve a sentença de primeira instância em referência ao julgamento que condenara dois motoristas responsáveis por um desastre. E' interessante transcrever aqui as palavras do jurista: «E' indispensável autuar todos os que dirigem veículos — automóveis, ônibus e caminhões — pondo em perigo a segurança alheia». Com efeito, as estatísticas a tal respeito nesta capital são as mais assombrosas do mundo. Não há cidade em que mais acidentes de trânsito se verifiquem do que no Rio. E há uma curiosidade para a qual chamamos as atenções das autoridades responsáveis: as bicicletas nos passeios, guiadas por empregados de armazéns, de botequins, de tinturarias, pedalando vigorosamente pelas calçadas, dobrando esquinas em velecidade de campeonatos...



Quem matou?

COM a notícia, amplamente divulgada pelos jornais, de que um advogado militante em nosso fôro sabia quem era o assassino da ladeira do Sacopã, a opinião pública ainda mais efervecеu em tôrno do misterioso homicídio. E, desta vez, o caso tomou rumos inéditos em nossas crônicas policiais. O advogado sabe quem é o homicida, mas se nega a revelar-lhe o nome ou dar qualquer roteiro à polícia, argumentando com o segrêdo profissional. Com efeito, não se pode deixar de reconhecer ao advogado o direito de não delatar aquêle que, ou por si mesmo, ou através de terceiros, bate às suas portas para solicitar proteção jurídica. A profissão do advogado é a da defesa de um réu, culpado ou não. É, em tal caso, um sacerdócio, equiparando-se ao do médico e do pastor de almas. Pode-se argumentar com a defesa da sociedade ofendida pelo ato delituoso, devendo ser comunicada à polícia o autor de crimes como o que eliminou a vida do bancário Afrânio; mas, a defesa da sociedade não pode anular juramentos solenes feitos quando se recebe um grau em função dessa mesma sociedade, que, se tem sua ética geral, não pode desconhecer a pessoal, de um portador de títulos científicos ou religiosos. A atitude do advogado está certa, embora não tenha êle razão para aborrecer-se com a insistência da polícia ao pôr-lhe cêrco aos clientes e ao seu escritório, uma vez que à mesma polícia compete a descoberta do criminoso. O episódio se revestiu, de um dia para a noite, de novas facêtas, e o povo do Rio, e mesmo de todo o país até onde chegam tais notícias, se mostra cada vez mais empolgado pela elucidação do crime.



O plural de gol

AÍ está uma palavrinha capaz de encabular os nossos filólogos. Quando o têrmo era usado no original inglês, «goal», não havia nenhuma dúvida em pluralizá-lo: «goals». Mas, depois que os vocábulos de John Bull começaram a ser vestidos à brasileira, «chute», «meia», «quiper», etc., o «goal» também passou a ser grafado «gol». E começou a dificuldade para acharmos um plural correto para essa palavrinha, que se converteu na maior aspiração dos nossos jogadores diante do arco contrário, e dos nossos torcedores que passam dias e dias, a comentar um único «goal» que lhes não saiu a contento. Com os atuais jogos de Santiago do Chile, os jornais estão cheios de «gols» como plural de gol. Mas isso é vestir uma palavra nossa com roupagem estranha ao nosso idioma. Não temos palavra terminada em L, que suporte a pluralização, simplesmente com o aditivo de um **s** final, forçando uma pronúncia exquisita e arrevesada: **gols**. Temos que seguir um dêstes dois caminhos, se quisermos fazer um gol linguístico: ou escrevemos e dizemos **gôis**, ou então **gôles**. E' a escolher, que ambos os termos estão de acôrdo com o espírito de nossa língua. O que não pode ser é continuarmos a fazer «gols», acertando nas rêdes, mas errando deploràvelmente na gramática. Não há em nossa língua nenhuma palavra monossílaba terminada em L com **o** circunflexo. Tôdas elas são com **o** aberto: rol, sol, (e que mais?) nada havendo que possa rimar com «gol». O plural daquelas é fácil: **sois, rois**. E o plural de «gol»? Gôis? Gôles? Seria mais interessante que os cronistas esportivos usassem «gôis», plural que está de acôrdo com a analogia. Continuar essa cacografia de «gôls» é pior do que o anglicismo «goals».



Em Revista

Lá vem o "Rapa"



O Rio, em certas ruas centrais, dá a idéia de bairro de Cafarnaum. É uma espécie de mercado persa, de mercado "a la diable", cheio de gente a apregoar pentes, frutas, bugigangas de tôda espécie, como se esta cidade não pudesse ser uma cidade de bons costumes, asseada, limpa, decente. Todos sabemos que a vida está dificílima, e que o pobre precisa ganhar o pão de cada dia; mas convenhamos: se as autoridades responsáveis não tomarem uma providência enérgica e continuada, o Rio passará a ser uma feira-livre para quantos pensam em vender coisas aí pelas ruas e praças, de forma tôsca e, muitas vêzes, anti-higiênicamente, ameaçando a saúde do povo. Na própria Avenida Rio Branco os "camelôs" tomam conta dos passeios, espalhando seus artigos pelo solo e dando espetáculos a quem passa. Como as multidões são curiosas, formam-se circulos amplos e densos de "mirones" que esperam o final da exposição do vendedor ambulante, o qual recorre a todos os processos para atrair a atenção pública com o fito de, no fim, vender alguns vidros de drogas para limpar manchas de tinta, abridores de lata, apitos que imitam nambus, etc. O trânsito, muitas vêzes, fica prejudicado, forçando os que não podem perder tempo, a descer ao leito da rua, arriscando-se a ser apanhado pelos veículos que passam em disparada. De quando em quando o "Rapa" surge e leva os vendedores e suas bugigangas; mas, não está a cem metros, e já outro o substitui... Até quando, meus senhores, o Rio exibirá êsses aspectos de bairro sem dono?

A rua do Senado



O Rio, como S. Paulo, são cidades cosmopolitas, a receber, diàriamente centenas e centenas de forasteiros que para as mesmas fluem a negócios ou a passeio. E' claro que ninguém pode saber onde ficam tôdas as ruas e tôdas as praças de cidades das proporções desta e de outras semelhantes. A quem recorrer? A guardas-civis, e guardas de trânsito, pessoas que, naturalmente, devem estar a par das ruas da cidade. Mas, infelizmente, não é assim que sucede. Conforme publica um dos nossos matutinos do dia 10 de abril, um cidadão, ao chegar ao fim da rua da Carioca, esquina com a praça da Constituição (ex-Tiradentes), ficou indeciso no rumo a tomar, e procurou um guarda-civil que estacionava ali, a serviço do trânsito. Perguntou-lhe onde ficava a rua do Senado. O guarda ficou uns instantes pensativo, coçou a cabeça e respondeu: «Homem, desta vez estou atrapalhado... Pergunte ali ao jornaleiro». O rapaz da banca de jornais, com tôda a solicitude, o informou: «O senhor vai por aqui, entra ali na rua D. Pedro I, segue o trilho do bonde. Quando virar à direita, entrou na rua do Senado». O transeunte agradeceu e seguiu o seu destino. Mas, agora façamos umas considerações: Como é possível que um guarda-civil, estacionado naquele cruzamento de ruas e praças, ignore onde fica a rua do Senado, uma das mais conhecidas e mais antigas desta capital? Vá lá que êle não soubesse onde ficava a rua S. Manuel, a do Quebra Quilo, ou qualquer outra em bairros afastados; mas, a do Senado?! Francamente. Ou êsse guarda-civil acaba de chegar ao Rio, ou naquela corporação não há instruções sôbre a constituição urbana da cidade.

A Cr.$ 15,00 !



NÃO, não é a dúzia de ovos, ou o quilo de alcatra. Quinze cruzeiros é o custo de um corte de cabelos, tanto em cabeças repolhudas, como nas dos carecas. Como a gorgeta é uma instituição nacional, acaba um cidadão por pagar vinte cruzeiros pelo corte de suas madeixas, e irá a trinta, se tiver a má lembrança de pedir uma loçãozinha. E aí está: trinta cruzeiros para cortar o cabelo, na cidade do Rio de Janeiro! Mas, quem autorizou êsse aumento? Um corte de cabelo custava, até agora, nas barbearias de menor luxo, dez cruzeiros. O assunto tomou certo aspecto de sensação porque os proprietários dessas casas depiladoras da humanidade barbada e cabeluda, passaram telegramas aos jornais negando que houvessem majorado a tabela de seus serviços. Mas, afinal de contas, quem foi que mandou aumentar em cinquenta por cento o preço do cabelo no Rio de Janeiro? Os oficiais de barbeiro, espontâneamente, não podiam, ou não deviam aumentar a tabela, e sim a verba da gorgeta. Mas o fato é que os que vão servir-se dessas casas estão pagando mais caro, embora não se saiba quem mandou fazer tal coisa. Êsses processos, todos sabemos, estão sendo postos em execução em todos os setores da vida comercial desta terra. Hoje vamos adquirir qualquer coisa no comércio, e, quase sempre, nos surpreendemos com a alteração do custo. Linhas, fazendas, papel, calçados, etc., tudo sobe constantemente, como todos sentimos, sempre que vamos comprar qualquer utilidade. Ora, os barbeiros também procuraram seguir a ordem geral, e, não se sabe como, o fato se deu, apesar da vigilância dos responsáveis pela COFAP...

A PERSONAGEM DA SEMANA



Sir Richard Stafford Cripps

TODO o mundo civilizado sentiu a morte de uma das maiores figuras políticas e culturais dêstes tempos: Sir Richard Stafford Cripps. Nascido a 24 de abril de 1889, depois de cursar Winchester, na Inglaterra, diplomou-se em ciências jurídicas e sociais na universidade de Londres. Tomou parte na primeira grande guerra, quando contraiu uma doença intestinal que o obrigou a tornar-se vegetariano. Ingressando na profissão de advogado em 1930, tornou-se imediatamente político, lutando pelo Partido Socialista. Churchill nomeou-o embaixador em Moscou, onde permaneceu de 1940 a 1942. Voltou a Londres como Lord do Sêlo Privado e de Líder da Câmara dos Comuns, sendo depois nomeado Ministro da Produção Aeronáutica. Com a subida do Partido Trabalhista ao poder, em 1945, foi êle nomeado Ministro do Comércio e em seguida, chefe de um Ministério especialmente criado para assuntos econômicos. Naquele pôsto efetuou verdadeira revolução na política econômica da Inglaterra. Mas, embora fôsse o mais lógico sucessor de Clement Attlee, em virtude da solidez de que gozava no Gabinete, o seu estado de saúde o forçou a demitir-se e procurar descanso numa Casa de Saúde da Suíça. O seu afastamento do Govêrno Britânico provocou verdadeira tempestade. Deixou traços de sua grande cultura, como se vêem nas obras "O que é o Socialismo" e "A Luta pela Paz". Muito se interessou pela situação da Índia, sendo elemento de entendimentos entre aquêle povo e a Coroa Britânica. Visitou a China e outros países asiáticos, discutindo a situação internacional com muito senso e equilíbrio. Nos últimos 18 meses, com o agravamento de seu estado de saúde, manteve-se lúcido e interessado pelos problemas mundiais, sempre assistido pela espôsa, Lady Isabel, que nunca deixou a cabeceira de seu leito em Zurich. Sua morte acaba de verificar-se em Zurich, a 20 de abril, quando faltavam quatro dias para completar sessenta e três anos. Deixa do matrimônio, um filho e três filhas. Seus despojos foram incinerados. Churchill, em discurso na Câmara em homanagem ao grande morto, declarou: "Stafford Cripps era um homem de poder e de fogo. Suas paixões intelectuais e morais eram tão fortes que não sòmente inspiravam, mas dominavam todos os seus atos, que eram dirigidos por uma profunda inteligência e uma viva e profunda fé cristã. Sua passagem pela Terra foi assinalada por uma espantosa indiferença para com as satisfações materiais". Perde a Inglaterra um dos seus mais ilustres e eminentes filhos, e a civilização, um dos seus mais fortes esteios.

Filhos sadios



As crianças sadias acham prazer nas menores cousas. Elas próprias inventam e confeccionam, com alegria, muitos dos seus brinquedos, porque a sua bôa disposição física lhes permite ser activas, espertas e bem-humoradas.

É, de facto, uma verdade incontestavel que a inteligência, o espirito inventivo se desenvolvem mais livre e harmoniosamente num sadio organismo infantil.

Os médicos estão sempre ensinando e lembrando que a fraqueza, uma alimentação mal orientada, o funcionamento deficiente dos órgãos, as doenças, enfim, são causas frequentes de atraso no desenvolvimento físico e mental das crianças. Tôdas as pessôas esclarecidas sabem o quanto pode a infância influir — favorável ou desfavoravelmente — na vida adulta de cada ser humano. Uma meninice com saúde é património precioso, é indiscutivel factor de êxito. Os pais devem, portanto, empregar os maiores esforços para que seus filhos possam contar, no futuro, com essa apreciável reserva de energia.

Sentir-se-á, decerto, muito mais feliz a criança inteligentemente cuidada, o petiz robusto que imagina jogos divertidos e constrói, com poucos meios, pequenos mecanismos engenhosos, do que o garoto doentio, vitima da inexperiência dos pais, o qual, mesmo rodeado de bonitos brinquedos, será, na maioria dos casos, desanimado e irritável.

Grande inimiga da saúde é a prisão de ventre, essa intoxicante atonia muscular dos intestinos, tão comum nas crianças e nos adultos, e da qual resultam perturbações gástricas, abatimento, falta de apetite, mau hálito, nervosismo, erupções na pele e outros distúrbios mais sérios.

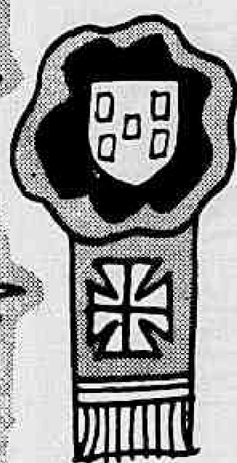
Ventre-Livre é o remédio de confiança para tratar a prisão de ventre e os desarranjos gastro-intestinais. De acção suave e sabor agradável, Ventre-Livre é largamente usado pelas mães experientes e preferido pelas crianças, tanto no Brasil como nos demais países onde penetrou.

(Não esquecer nunca:)

Ventre-Livre não é purgante

"EM SE PLANTANDO"...







CABRAL - Vê, você, seu Caminha, como foi judiciosa a nossa ressalva? Até hoje ninguem quer pegar no cabo da enxada!...

DIVERGÊNCIAS DA COOPERAÇÃO ANGLO-AMERICANA

Por ALEXANDER CLIFFORD

EXCLUSIVIDADE DA REVISTA DA SEMANA NO BRASIL

QUANDO a guerra terminou, inglêses e americanos verificaram, anos depois, que, se a haviam ganhado militarmente perderam Stalin, politicamente.

Nossos esquivocos podem ser vistos claramente agora, embora não os pudessemos vislumbrar antes. E, desde que continuamos a arcar ainda com as suas conseqüências, é preciso anilisar o ponto dêsse "porquê" agimos erradamente, verificando onde estava o elemento negativo da coalisão anglo-americana.

Mr. Chester Wilmot, um australiano que ficou muito conhecido como correspondente de guerra a serviço da BBC, escreveu volumosa, sadia e cuidadosa obra para esclarecimento do assunto. O livro tem o nome de "The Struggle for Europe" (A Luta pela Europa).

Produziu a primeira analise total, completa e coerente da guerra, pois, graças a cuidadosas e profundas buscas, êle mergulhou, igualmente, nas fontes britânicas, americanas e alemães. Em cada ponto culminante, conhecerá o leitor, não sòmente o que Churchill e Roosevelt pensavam, como também, os motivos e as reações de Hitler.

O tema principal, contudo, são as tendências divergentes da cooperação anglo-americana, cooperação essa, da qual depende o futuro do nosso mundo.

Os americanos, — ficou bastante claro — recusaram-se, positivamente, a encarar uma política de guerra. Até aos últimos dias continuaram a considerar o assunto sob o ponto de vista puramente militar.

Roosevelt se mantêve na teoria de que, se somos corteses com Stalin, êle também o será conosco. Sua política era limitada ao sentido de evitar coisas que viessem aborrecer a Rússia. Êle acreditava na "Boa Vizinhança".

Churchill acreditava no balanço da fôrça. Mas, sem o apoio americano não poderia êle fazer nada a tal respeito.

Por detrás de suas observações, contudo, há alguma coisa que Mr. Wilmot expõe com muita clareza, e em que o povo britânico dificilmente acreditará.

Os americanos, — mesmo Roosevelt — ainda olhavam a Inglaterra como potência de um imperialismo incurável, com a mania da conquista de colônias. Quando Churchill se encontrou com Roosevelt em Malta, a caminho de Yalta, êle achava que os americanos eram mais suspeitos do que os russos, em relação aos planos do após-guerra.

A América deve estar desiludida da Rússia, agora; mas sua atitude sôbre a Índia, Israel, Persia e Egito, tem provado, sucessivamente, que suas suspeitas em relação à Inglaterra ainda existem. E' isto um fator crucial no mundo.

(Mr. Wilmot, incidentalmente, não diz como o Ocidente teria vencido a guerra politicamente. Certamente os nossos exércitos poderiam ter ocupado Berlim, Viena e Praga, antes dos russos; mas, teria isso causado tôda a diferença?)

Militarmente traça Mr. Wilmot um plano paralelo. Isto é hoje importante, pois as personagens dominantes, — Eisenhower e Montgomery — ainda estão em colaboração.

A América, uma terra de grande população e fontes ilimitadas, pensa, inevitavelmente em têrmos de criar vasto potencial que possibilite uma arrancada fulminante sôbre o inimigo. A Inglaterra, fundamentalmente marítima, terá sempre que, pela sua situação em relação às linhas exteriores, procurar aproximações e explorar os pontos fracos. (A derrota de Napoleão é o clássico exemplo).



Assim, enquanto as faltas inglêsas na cooperação são ditadas pelo excessivo cuidado quanto a perdas e prejuizos, a culpa america nesses desentendidos de cooperação, têm outros motivos. O tema da guerra a partir do avanço na Normandia, como nos diz Mr. Wilmot, é a luta entre o desejo de Eisenhower de atacar por tôda parte, e a vontade de Montegomery de concentração de fôrças esmagadoras num ponto vital.

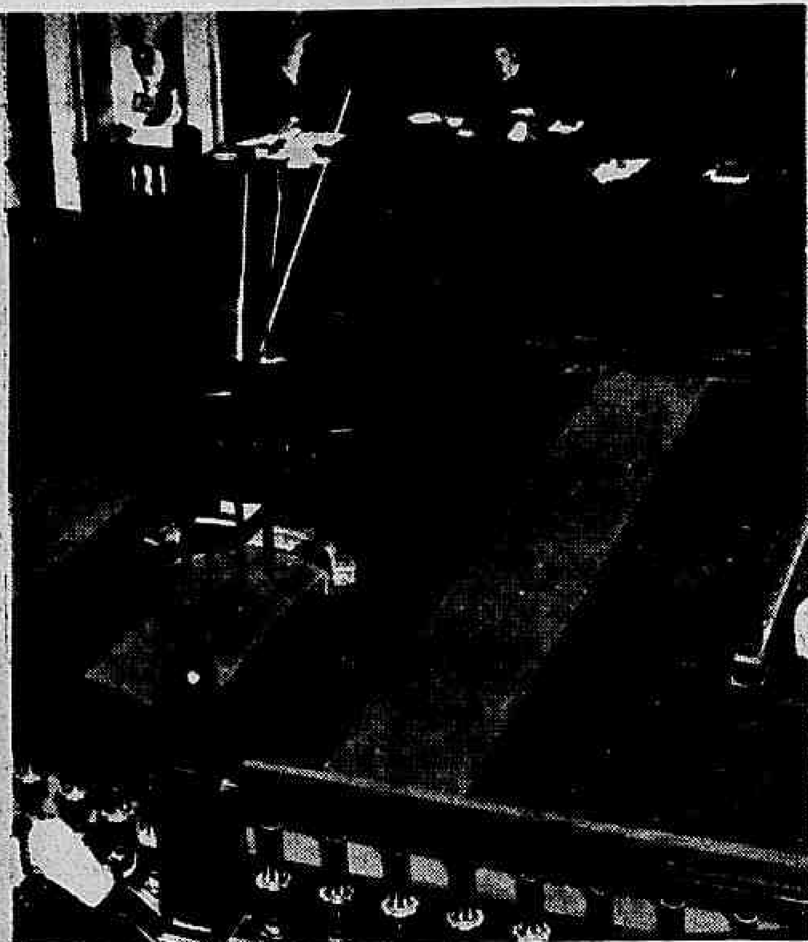
Isto vem a favor de Montegomery, no livro. Embora não absolva o Field-Marshal de uma falta de tato que alienou muitos dos seus colegas, Mr. Wilmot reivindica para êle uma vitória militar de quase cento por cento. Revolta-se ainda com a lenda americana de que os inglêses fracassaram na cabeça de ponte da Normandia, enquanto as fôrças americanas eram bem sucedidas, e confirma que foram sempre os planos de Montegomery de castigar severamente pela esquerda as grandes fôrças blindadas alemães, que puderam permitir aos americanos surgir com êxito à direita.

A luta continuou incessantemente, por vêzes violenta. Outros comandantes americanos, especialmente Patton, contrariaram os planos de Montgomery, de tal modo que até pareciam, estranhamente, como sabotagem.

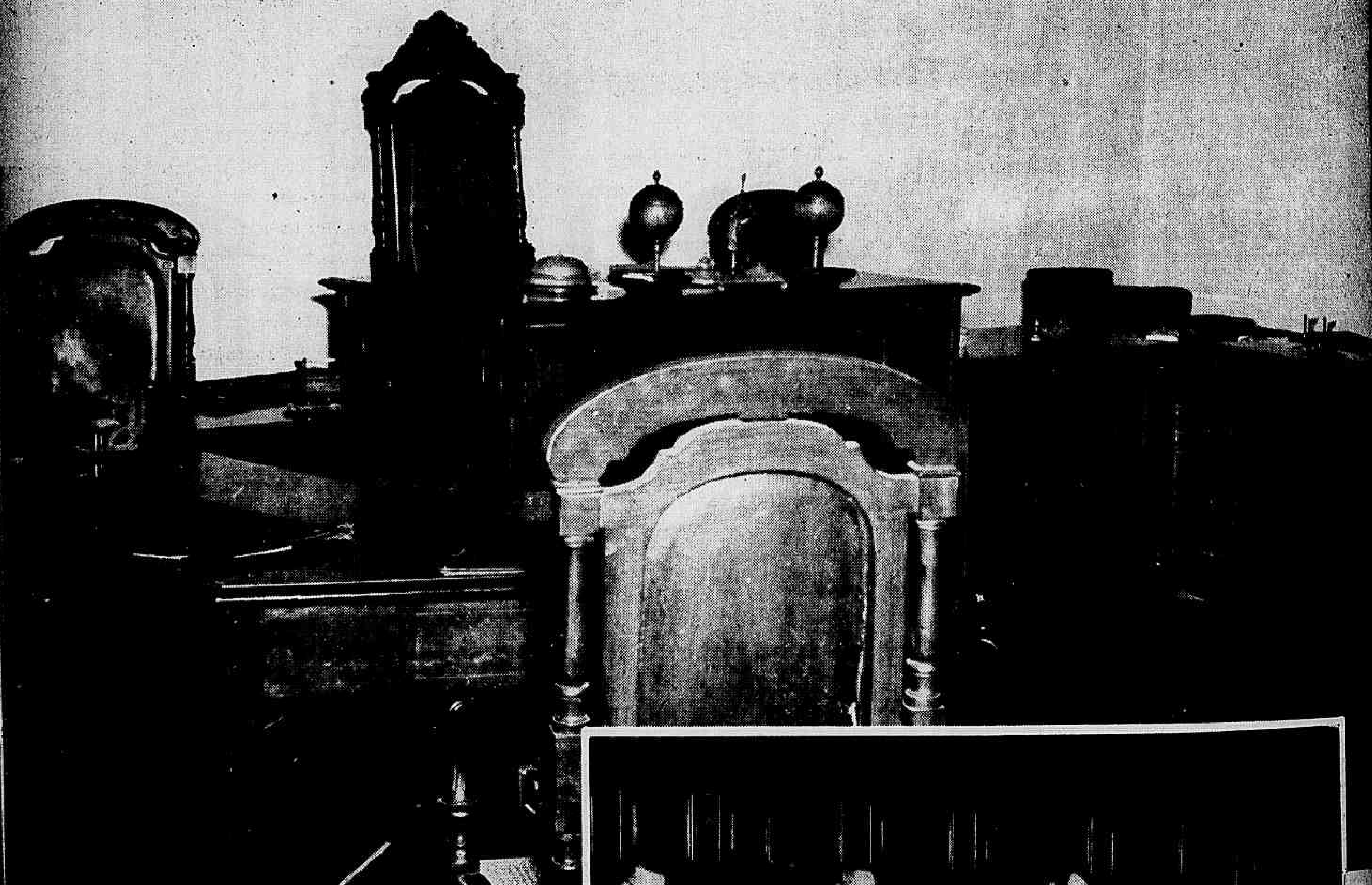
Há muita coisa mais nas longas 200 páginas de seu livro. Talvez que os mais fascinantes capitulos da obra sejam aquêles em que vemos Hitler comandando os seus soldados, algumas vêzes com inteligência brilhante, embora constantemente sabotado por si mesmo, em face de caprichosas intervenções de detalhes com as histéricas decisões intuitivas.

E' curioso contemplar-se hoje, os desnecessários erros cometidos pelos alemães. O sucesso na Normandia, por exemplo, só se deu porque Hitler estava convencido de que o desembarque seria noutro ponto.

Contudo, esta parte da história já passou. Seu corolário ainda está conosco. Êsse livro pode ser encarado, como uma análise das conseqüências da situação presente, a que nos vamos agarrando hoje em dia.



AMOR DE PERDIÇÃO



FOTOS AO ALTO: Vista do Júri, no momento em que se iniciava a sessão, aparecendo, encostados à mesa, os instrumentos do crime; uma sala vazia (numa foto inédita feita pela REVISTA DA SEMANA) onde se decide a sorte dos acusados: nelas os jurados condem ou absolvem, usando balas pretas o brancas.



Êstes jurados condenaram o pescador Murilo Costa a 28 anos de reclusão. Eram seis homens e uma mulher. O advogado de Dinaura conseguiu o adiamento do seu julgamento. Teriam êsses seis homens e uma mulher condenado também Dinaura, que ajudou o amante a assassinar o marido e a incinerar o corpo?



★ SANGUE — FINAL DE UM AMOR PROIBIDO
★ TRAGÉDIA DE MADRUGADA NA PRAIA DA BANDEIRA
★ O JÚRI — COMÊÇO DA EXPIAÇÃO DOS AMANTES
★ 1.º ACUSADO: 28 ANOS DE RECLUSÃO

Texto de A. MARCANTI
Fotos ALBERTO FERREIRA

ÀS 11 horas do dia 8 do mês passado dois carros destinados à condução de presos chegavam com pequena diferença ao oitão do Palácio da Justiça, onde se encontra o corpo de guarda da Polícia Militar, a serviço da justiça, e o portão que leva ao xadrez do Palácio. Vinha um do Presídio da rua Frei Caneca, trazendo sob rigorosa vigilância o pescador Murilo Costa, acusado do assassinato do investigador Jansen do Nascimento Cruz, cometido no dia 13 de maio de 1951, na Ilha do Governador, onde ambos residiam. O outro "tintureiro" trazia da Penitenciária de Mulheres, em Bangu, Dinaura Amorim Cruz, espôsa da vítima e amante do criminoso, ao qual prestara todo o auxílio na execução do crime.

Os soldados da Guarda e alguns populares rodearam os carros no momento da chegada e, debaixo da curiosidade de uns e outros, os acusados penetraram no edifício e foram conduzidos ao xadrez de detentos, situado no andar térreo. Mantinham-se aparentemente calmos. Êle, quase indiferente. Ela, melancólica. Durante a fração de tempo em que se avistaram, cruzaram o olhar. Mas ninguém poderia dizer o que traduzia. Ligados pela mesma paixão, jungidos à responsabilidade do mesmo crime, não se poderia dizer se no momento em que a expiação começava, com a sessão de julgamento do Tribunal do Júri, marcada para aquêle dia, êles ainda se amavam ou se detestavam.

Metidos no xadrez, o guarda correu o ferrôlho da porta de ferro e os dois criminosos, cada qual em seu canto, ficaram atirados à solidão tumultuosa dos próprios pensamentos. Por cima de suas cabeças, no andar superior, as salas do Tribunal do Júri se animavam com o vai-vém das pessoas encarregadas da acusação, da defesa e do julgamento: o juiz, o promotor, os advogados, o escrivão, o porteiro incumbido do pregão, os escreventes do cartório. Com a aproximação da hora do julgamento chegavam

Dinaura é jovem mas já tem uma tragédia na consciência. Sentada no frio banco do xadrez do Foro, que pensará a homicida da Praia da Bandeira?... ←



...Pensará, talvez, na casa em que morava e que foi palco da tragédia?...



...ou na porta que ela deixou aberta para que o assassino penetrasse?



...ou na mansa fisionomia do seu marido, o homem que ela traiu?...

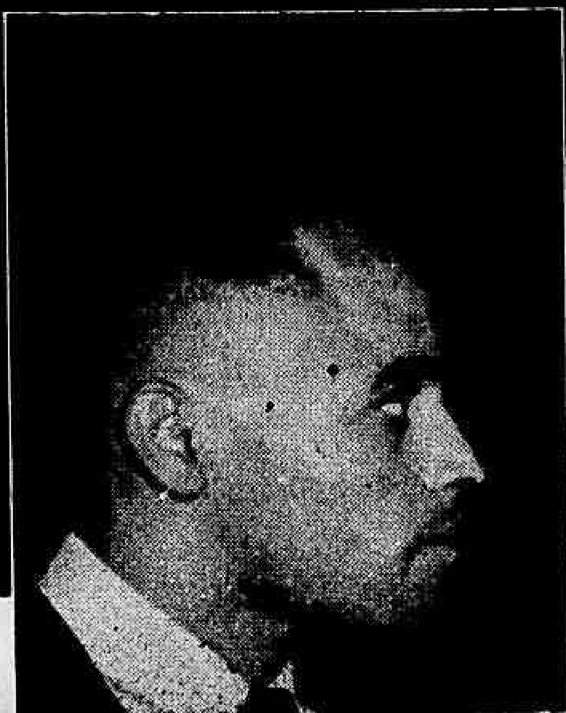
AMOR DE PERDIÇÃO



Que importam porém os seus pensamentos nesta hora? Lá em cima a Justiça se movimenta para julgá-la e ao homem com quem dividia o leito de casada. Mas sob a roupa de presidiária ainda fremem seus músculos e seus nervos.

O comparsa da tragédia, o pescador Murilo, numa foto colhida no momento em que acabava de ocupar o banco dos réus. O detalhe presta-se para um estudo fisionômico: mostra alheiamento, indiferença, cinismo. Pegou 28 anos.





AMOR DE PERDIÇÃO

as primeiras pessoas para tomar lugar na assistência, os repórteres, os fotógrafos, tôda essa numerosa classe de pessoas interessada, por ofício ou curiosidade, nas cenas de um julgamento criminal.

O LIBELO-CRIME — Na sua denúncia contra Murilo Costa o promotor público acusava-o de haver produzido na vitima, cêrca das 5 horas da manhã, na Praia da Bandeira n. 79, lesões em consequência das quais se deu a morte. Indicava que o réu se utilizara de arma de fogo, que agira a traição e por motivo torpe, concluindo por pedir as penas da lei.

Contra Dinaura Amorim da Cruz dizia o promotor que outrem havia praticado homicídio na pessoa da vitima e que a ré (Dinaura), "concorreu, de algum modo, para a prática do dito homicídio, no dia, hora e local acima referidos". Apontava, como agravantes, que Dinaura agiu por motivo torpe; que agiu contra cônjuge; que se prevaleceu da co-habitação para a prática do crime.

Apreciando essa denúncia, que em linguagem técnica leva o nome de libelo-crime acusatório, o presidente do Tribunal do Júri, Dr. Faustino Nascimento, pronunciou os acusados, determinando:

"Lancem-se os nomes dos réus no rol dos culpados e façam-se as devidas recomendações nas prisões a que se acham recolhidos."

Êsses atos da Justiça levaram Murilo e Dinaura à barra do tribunal e ali chegavam ambos, na manhã de 8 de abril, com seus destinos colocados nas mãos de sete jurados.

AMOR DE PERDIÇÃO — Os criminosos são ainda jovens, com menos de 25 anos. Ela, branca; êle, mulato carregado, homem forte e bem proporcionado.

Dinaura vivia com seu marido, investigador de policia, numa casinha de aspecto agradável, situada em meio de um terreno cuja cêrca de fundos dava para um morro onde, vinte metros acima, começava um denso matagal.

Murilo era conhecido do casal e frequentava a casa, onde também vivia um filho de Jansen e Dinaura, menino de oito anos, hoje recolhido ao Serviço de Assistência aos Menores. A mulher e o conhecido fizeram-se íntimos e era na própria casa que, na ausência do marido, Dinaura recebia o amante. O casamento, o filho, o confôrto relativo de que desfrutava, a tranquilidade da existência que levava, tudo ela arriscou pela paixão que a ligava ao pescador, pois era essa a profissão de Murilo. Amor de perdição em que devia se consumir insensatamente, até chegar ao crime.

Não se sabe, porque não ficou apurado, de quem teria sido a idéia de eliminar Jansen, o perturbador dessa felicidade proibida. Mas a idéia apareceu, ficou madura e foi um dia executada pelos dois amantes.

Dinaura combinou os pormenores com Murilo: deixaria abertas a janela do oitão e a porta dos fundos, êle tomasse o melhor caminho para chegar até o homem visado, que estaria profundamente adormecido.

Às quatro e meia da madrugada, ainda escuro, Murilo chegou à porta da casa silenciosa, na praia a essa hora deserta. Não teve hesitações. Estava tudo sossegado, Jansen devia estar mergulhado em sono pesado, a mulher estaria alerta. A amada que desejava para si, numa paixão exclusivista e feroz que daí a momentos seria uma paixão assassina.

Avançou pelo terreno, pé ante pé. Pela janela, avistou na cama o casal. Dinaura lhe fêz um sinal quase imperceptível. Podia continuar e assim se encaminhou até à porta através da qual alcançou o interior da casa.

Ao receber o primeiro golpe de enxada na cabeça (era uma enxada que Murilo carregava), Jansen, apesar de profundamente atingido, ainda teve fôrças para se erguer e oferecer resistência. Mas inùtilmente porque a luta era desigual e tinha que ser breve, apesar de violenta. No mesmo quarto de dormir em que era traído pela espôsa, na frente desta e com sua cumplicidade, Jansen terminou bàrbaramente abatido por Murilo.

O cadáver foi removido, pelos dois, para o pátio cimentado que fica atrás da casa e daí, atravessando uma cêrca de arame farpado, levado até o matagal, num ponto alto do morro. Para as providências que se deviam seguir Murilo se valeu do menino, já despertado e aturdido com o espetáculo que presenciava. Êle foi buscar uma garrafa de querozene que lhe era pedida. Murilo e Dinaura embeberam no combustível as vestes do morto e deitaram fogo ao corpo. Depois, com instrumentos apropriados, cavaram um buraco e o enterraram.

Dias depois, diante de uma denúncia, a policia tomou conhecimento do suspeito desaparecimento do investigador. As diligências realizadas logo descobriram tôda a sinistra extensão da tragédia e Dinaura foi detida.

(Cont. na pág. 48)

À esquerda, de cima para baixo: cenas do local da tragédia, feitas pela nossa reportagem. Vêem-se: o lado da casa em que se encontra o quarto do casal; o pátio cimentado dos fundos, mostrando a porta deixada aberta por Dinaura; o mesmo pátio, visto do alto; finalmente, o capinzal para onde foi levado o corpo e queimado.





O "Alemão", soldado n. 861, do 2.º Bat. da Polícia Militar que prendeu o assassino de Murilo.





Através do seu advogado, Dinaura conseguiu escapar dêsse julgamento e volta ao xadrez precedida do soldado da guarda. Mas sua liberdade continua ameaçada pelo júri. No detalhe: pernas que levam à expiação de um crime.



O advogado Celso Nascimento veste a beca para subir à tribuna de defesa.



Assunção, o porteiro do Tribunal, prepara-se para apregoar os réus.



O promotor Sá Peixoto empregou tôda sua dialética para condenar o acusado.



A presidência era ocupada pelo juiz Bandeira Stampa, que deu mais 1 ano.

O CENTENARIO DO HOSPITAL DA MISERICORDIA

PARA ERGUÊ-LO JOSÉ CLEMENTE PEREIRA TOMOU A VARA DA PROVEDORIA E EI-LO, NAS RUAS, A ESMOLAR FUNDOS PARA A REALIZAÇÃO D OMAIOR DOS INTENTOS DE SUA EXISTÊNCIA





José Clemente Pereira, o grande inolvidável provedor que iniciou a construção do Hospital.



José de Anchieta, a cujo espírito humanitário deve a cidade a fundação da Santa Casa.

A data de 2 de julho, histórica e amorável nos fastos da velha e nobre Instituição da Misericórdia, assinala, êsse ano, um acontecimento memorável: — o centenário da inauguração do "Grande Hospital", no majestoso edifício em que se encontra.

Nesse longo período de glórias, por vêzes de atropelos, acompanhou a vida da própria metrópole, cresceu, multiplicou-se, para, afinal, tornar-se um monumento de piedade e amor, solenemente erguido nas fronteiras ilimitadas da caridade evangélica.

O GRANDE PROVEDOR

Deve-se-lhe a criação — moral e material — a um dos vultos mais eminentes — senão mesmo o mais eminente — entre os que, desinteressadamente, aportaram o cérebro, o coração e os braços, a essa obra santificada, capaz de merecer, e melhor justificar nossa permanente admiração: — JOSÉ CLEMENTE PEREIRA.

Tôda sua edificante vida constituiu um autêntico apostolado pelo bem dos fracos e desprotegidos. A renovação do Hospital foi, por assim dizer, sua biblia permanente, seu breviário.

Para erguê-lo, dada a endemia permanente da Misericórdia a falta de recursos em pecúnia, tomou a vara da Provedoria, e ei-lo, nas ruas a esmolar fundos para a consecussão do maior dos intentos de sua existência.

Claro os conseguiu da filantropia particular, que, jamais se eximiu, antes espraiou-se, em auxiliar as finalidades humanitárias da Santa Casa.

O LANÇAMENTO DA PEDRA FUNDAMENTAL

A pedra fundamental do edificio foi lançada com austera solenidade, aos 2 de julho de 1840, com a presença de S. M. o Imperador D. Pedro II, aliás um dos benfeitores da Instituição, que o reverencia em reverência permanente.

Doze anos decorreram até a data que se vai festejar e dai até hoje, o Hospital cumpriu a generosa missão que lhe cabe, — distribuindo benefícios a quantos, jamais em vão, lhe batem às portas.

O CUSTO DO EDIFICIO

Hoje, quando sabemos, pelos dados oficiais da Santa Casa, que a construção de todo o edificio se elevou a cifra, altissima para a época, de 3.883.091,50, ficamos estupefatos com a pertinácia dos beneméritos cidadãos que não se arreceiaram com despesa tão considerável.

Vamos, pois, a título de curiosidade, inserir aqui o detalhe daquela cifra:

Planta	2.917,00
Obras de escultura	128.190,40
Fogões	34.800,00
Empregados	125.542,20
Operários	1.465.407,10
Materiais	1.689.118,20
Ferragens	266.346,50
Condução	81.630,40
Desatêrro do morro	89.091,50

A construção durou de 1840 até 1873, segundo a planta do Engenheiro Domingos Monteiro, alterada, em 1850, pelo Engenheiro José Maria da Silva Rabelo, executada, finalmente, pelo Comendador Francisco Joaquim de Bittencourt da Silva.

Cabe aqui referir que a derrubada das fraldas do velho Morro do Castelo foi trabalho — e trabalho insano — dos escravos, que, aliás, eram pagos pelo rude serviço.

OS GRANDES MESTRES NO HOSPITAL

Da modéstia de então, temo-lo agora com 33 enfermarias e outros tantos consultórios e serviços especializados onde pontificam os sábios mestres da medicina, herdeiros dos valorosos ancestrais que nêle se formaram e vieram formar os sucessores.

Tôrres Homem, Pedro Affonso, Barata Ribeiro, Francisco de Castro, Jobim, Miguel Pereira, Miguel Couto, etc., têm, nos atuais chefes das enfermarias do Hospital os mais legítimos herdeiros de suas glórias.

AS IRMÃS DE CARIDADE

Ergue-se em cada uma delas um altar, santuário, que as acompanha desde as origens, e ante êles dobram joelhos, em unção que ousaríamos dizer quase canônica — a essência de fé, aureolada na fronte das soberbas Irmãs!

Em suas vestes, há focos das luzes eternas que vêm do alto: — são as luzes do SENHOR, ilumiandno-lhes as mãos dadivosas no aconchego ao leito dos enfermos, que, às centenas de milhares, hão tido morada airosa no Hospital.

Bem-vindos sejam assim para sempre à nossa memória, à nossa admiração, nosso preito, nosso reverente culto, aos nomes dos egrégios Provedores: — JOSÉ CLEMENTE PEREIRA e ZACARIAS DE GÓIS E VASCONCELOS, iniciador e ultimador da obra grandiosa!



Voluntárias de Ana Né
que colaboram no serviço
de enfermagem, transpon-
do o pórtico da escadaria
do Salão de Honra.

O CENTENÁRIO DO HOSPITAL DA MISERICÓRDIA

Houve mister de extraordinária coragem, talvez audácia, para que se levantasse o edifício.

Souberam êles vencê-las, e vencendo-as conquistaram o título que lhes cabe: — Triunfadores!

Triunfaram especialmente sôbre o futuro, na certeza de que lhes viéssemos recordar o feito extraordinário.

E hoje, ao lhes grafarmos os nomes, se engalana o bico da pena em letras de ouro; preces vão ao céu do peito dos enfermos, para glória de JOSÉ CLEMENTE PEREIRA e ZACARIAS DE GÓIS E VASCONCELOS!

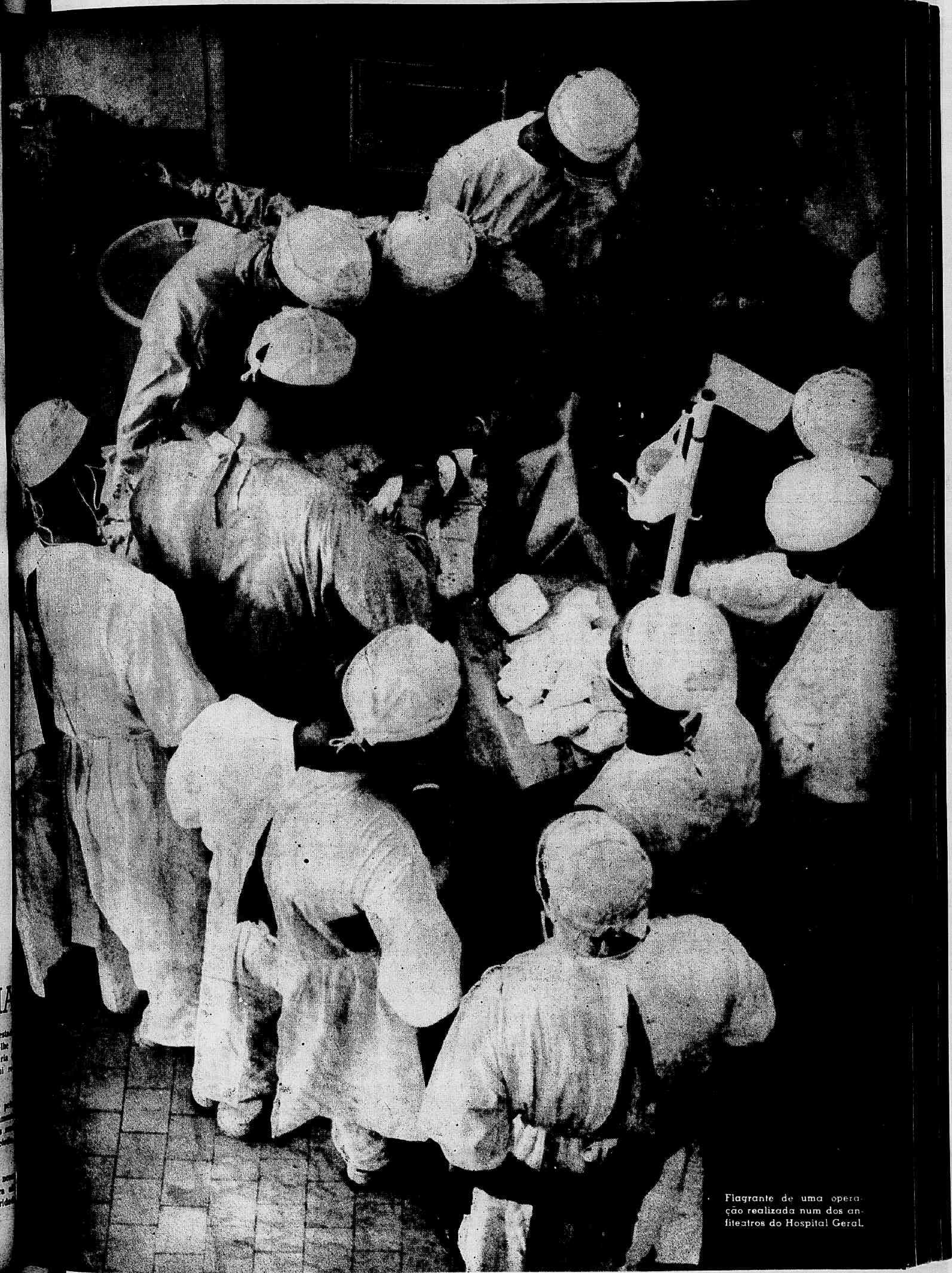
Do chão em que se ergueu a casa hospitalar da misericórdia restam sepultadas as relíquias, ali postas, pela mão do Imperador sôbre a bênção dos Vigários, inclusive o texto, solene e austero, que lhes indicava a finalidade, o roteiro que teria que seguir para o cumprimento da missão excelsa de bem fazer!

A FRONTARIA E' UMA OBRA DE ARTE

Mas já é tempo de referir, pelo menos um dos seus aspectos artísticos mais empolgantes: — a fachada. Lá, no alto, está a Misericórdia, — na majest de seu porte augusto. E se lhe viéssemos dar corpo e alma, conceder-lhe voz, a palavra, o gesto, teríamos imaginado que de seus valores partiria verbo da ressurreição; verbo que caber-lhe-ia servir de lema: — aqui nasce a esperança!

Resta assinalar, em assinalamento imperioso, o papel desempenhado p atual Provedoria, que tem à sua frente, a figura de um homem sábia operoso: — O Ministro Antônio Carlos Lafayette de Andrada que, pelos feitos, já conquistou um pôsto de alto relêvo na Irmandade da Miseric e, certamente, vai figurar na extensa galeria de seus Benfeitores.

Desçam pois as bênçãos do céu para santificá-lo, sejo todo êle, data augusta do centenário, envolvido por uma torrente de flores, para cerçar, tempos afora, a majestade suprema dessa Acrópole da Carida que se emblema na velha Irmandade da Misericórdia.



Flagrante de uma operação realizada num dos anfiteatros do Hospital Geral.



A Insatisfeita

Novela de IRENE TEMPLE BAILEY

CAPÍTULO XX

O verão se escoa monótono, num calor úmido e lânguido. E foi durante êsses dias quentes e úmidos que Mary começou a pesar bem a condição de sua nova existência. Passou a considerar sua entrada no escritório com os outros ocupantes imóveis por detrás de suas mesas. Ela ia ficando cada vez mais agitada no decurso das horas de sua reclusão, saindo com muita alegria no final do trabalho, todos os dias. E quando chegaram os dias mais frios, chegou também a tristeza da chuva e dos ventos gementes. E agora era novembro, e já decorrera um ano que Roger Poole partira.

O jardim morrera, e Mary se alegrava com isso. E' que os jardins fenecidos ficavam melhor ao seu estado d'alma, do que os cheios de flores. Resolutamente, decidiu tornar-se alegre. Conscientemente decidiu pautar sua vida dentro das teorias que havia professado. A rigor teve que reconhecer, consigo mesma, que não estava tão contente com a liberdade com que havia sonhado. Constantemente sua razão entrava em luta contra seu coração, e era êste último que saía ganhando.

Mary teve que admitir que tôdas as estações seriam sem graça, sem Roger Poole.

As cartas que ela lhe escrevia já não tinham a espontaneidade que as caracterizava antigamente. Ela sentia isso e procurava retomar a antiga impressão de intimidade com êle. Mas, tudo o que Porter havia semeado, conseguira frutificar. E, entre Mary e Roger, flutuava a visão daquela santa vestida de encarnado.

Inevitàvelmente as cartas de Roger também mudaram. Cessou de mostrar-lhe o lado do seu caráter que havia começado a desvendar-lhe de maneira surpreendente. Sua correspondência se tornara superficial, intermitente.

"A culpa é minha" — murmurava Mary, mas essa convicção não lhe trazia mais tranqüilidade.

E foi aí que começou o seu descontentamento. Se alguém lhe houvesse dito, no começo de sua jovem confiança nela mesma, que ela se sentiria ainda esgotada ao recolher-se ao leito, e que despertaria mal humorada, Mary acharia graça de tal profecia. Entretanto, reconhecia agora que os frutos de sua independência eram terrivelmente amargos.

Foi devido a uma carta que recebera de Barry, que ela resolveu retomar o tom marcial de sua marcha pela vida.

"Achei um trabalho que me convém, — escreveu êle — e você pode imaginar como é bom. Durante tanto tempo eu ia a meu bureau como um menino a quem se arrasta para a escola. Mas agora eu trabalho mesmo depois do expediente, apenas pelo prazer de trabalhar, e porque me parece que isso me aproxima cada vez mais de Leila".

Era incrível tais palavras saírem da pena de Barry, um gozador da vida! E ela, que lhe dera tantas lições de moral, estava a choramingar por causa do calor, do frio, das longas horas de trabalho esgotante... como se tais coisas tivessem significação. Ora veja! A vida nada mais é do que uma grande aventura, e ela já o havia esquecido! Então Mary começa a olhar em tôrno de si, como que em busca de algum raio de luz para iluminar-lhe a vida de cotidiano labor.

E acha êsse raio de luz na amizade e na camaradagem de seus colegas de escritório, — e eram bons amigos — partilhando entre si a luta pela vida, dividindo as canseiras da caminhada, todos precisando de solidariedade recíproca, dos exemplos de coragem de Mary, da contribuição de outros a levar-lhes mais do que pediam para vencer. Quanto mais Mary se enfronhava na amizade e nas relações dos colegas de Ministério, mais se ia afastando das antigas amizades. E, se no momento a sua luta lhe parecia vã, pelo fato de não poder apagar os gritos de seu coração, é que ela era mulher, e feita para amar, capaz de fazer coisas mais belas e mais verdadeiras do que traçar riscos cabalísticos em cadernos, que depois eram transcritos em máquina de escrever.

Leila continuava a manter as melhores relações de amizade com Mary. Sempre que podiam, faziam juntas uns passeios pelos arredores da cidade, em auto alugado. Evitavam as ruas centrais e iam despairecer nos parques e pelos terrenos militares mais afastados do centro urbano. Foi no curso de uma destas excursões que Mary notou estar sua amiguinha muito mudada em seus modos de viver. Leila sempre confiara muito em Mary, mas a bela espontaneidade de antigamente como que estava banida de seus atos.

Por isso, aproveitando o momento, Mary falou a Leila:

— Você envelheceu da noite para o dia, Leila. — diz ela — Está como um ratinho tão tranqüilo...

Leila suspira.

— Tenho tantas coisas em que pensar...

Observando-a, pensa Mary, de si para consigo: "E' mais duro para ela do que para Barry. Êle tem seu trabalho, mas ela só tem que esperar por êle e se mortificar".

À fôrça de tanto esperar e de enlanguecer, a pequena Leila ficou parecida com um pobre ratinho triste. Mary, sem nada dizer, falou ao general:

— Leila precisa de um meio qualquer que a divirta.

O velho concordou.

— Sei bem. Estou com vontade de levá-la para fora na primavera.

— Que bela idéia! Já lhe disse isso?

— Não. Quero fazer-lhe a grande surprêsa.

— Diga-lhe agora, general. Ela tem necessidade de ter os olhos fixos em alguma coisa.

Também o general, cujo reumatismo o havia encerrado dentro de casa durante todo o inverno, estava disposto a ir à Alemanha a fim de tomar uns banhos terapêuticos que muito lhe serviriam.

— Penso que posso ir até lá, — diz êle a Leila no dia seguinte ao da conversa com Mary, e você poderá aproveitar a oportunidade e ir ver Barry, na Inglaterra.

— Barry!

Ao ouvir isso, a moça se lançou nos braços do pai.

— Oh! Papai! Papai! é verdade o que me diz?...

— Sim.

Ela recostou a cabeça no seio paterno e chorou de alegria.

— Papai, sinto-me felicíssima!

Com êsse raio de esperança em seu coração a pequena Leila volta a ser aquela radiosa criaturinha de outrora. De novo os seus pés dançaram no soalho do vestíbulo e a música de sua voz invadiu, a esvoaçar por entre as paredes daquelas salas.

Delilah, conversando com o seu artista, diz:

— Leila me faz pensar em Romance com R maiúsculo. Eu, porém, jamais poderia amar como essa pequena criança.

Colin sorriu.

— Você amará, sem dúvida, como uma leoa. Eu reformei a sua personali-

RESUMO DA PARTE JA PUBLICADA

MARY BALLARD, órfã de pai e mãe, vivia em grande casa acastelada em companhia de suas tias Frances e Isabelle. Para fazer face às despesas, ela resolvera, à revelia das tias, alugar um dos cômodos a um senhor funcionário público, que vivia só. O casamento de sua irmã Constance, deixou Mary desalentada, ficando apenas com seu irmão Barry, mais jovem que ela. Dentre os que pretendiam a mão de Mary havia um moço rico de nome Porter Bigelow, mas que não era correspondido por ela. O inquilino da casa, Roger Poole, começou a apaixonar-se por Mary, em silêncio. Numa festa do «Dia de Graças» êle apareceu na reunião íntima, integrando a festa como um dos convidados. Nessa ocasião declamou um poema e se tornou o centro de tôdas as atenções. Mary ficou encantada, mas não dava demonstração de estar apaixonada por êle. Roger sentia aumentar sua paixão para com Mary, mas a diferença de idade era um entrave. Depois do Natal estava sòzinho em seu apartamento, lendo, quando Mary pediu licença e entrou. Mary desejava ser estenógrafa, trabalhar num dos Ministérios, e fôra ouvir a sua opinião. Mas o inquilino achava que ela devia casar-se, dedicar-se ao lar e não ficar arquivada numa repartição pública. Leila e Delilah foram com Porter, Mary e o general Dick assistir a um exercício de cavalaria e evoluções de artilharia, e Barry, aproveitando estar a sós com Leila, declara seu amor. Mas o amor entre ambos é coisa secreta. Barry, porém, revela-o à irmã, Mary, e esta procura ouvir a opinião de Roger sôbre o assunto. Roger se oferece para ir buscar Barry, que está ausente de casa e do trabalho sem ter dito nada a ninguém. Mary não sabe como agradecer tanta gentileza de Roger, o qual vai «descobrir» o fugitivo, ao lado de Leila e do general Dick, seu pai, numa praia de banho e lhe dá muitos conselhos úteis. Em setembro todo mundo volta a Washington, inclusive a irmã de Mary com seu espôso, Gordon, que reconhece em Roger Poole um antigo colega de colégio. Roger confessa que se dedicara à vida religiosa, tendo dirigido uma igreja evangélica; mas depois abandonara as ordens. Roger acha que terá de confessar a Mary êsse episódio de sua vida, o que faz, através de uma longa carta. Depois de ler a carta de Roger, Mary foi à igreja, onde meditou durante largo tempo, resolvendo convidar Roger para tomar chá em sua companhia, mas êles dois, a sós. Mary conduziu a palestra no sentido de Roger voltar às suas funções como pastor de uma igreja. Mas êle parecia resistir, embora estiveses adorando as sugestões e a fôrça de fé que a jovem possuía. O problema de Barry é discutido e Gordon parece não aprovar os amores do rapaz com Leila, bem como não via com bons olhos qualquer tentativa de Roger para entrar na família, casando-se com Mary. Roger, que se ausentara, escreve uma carta a Mary. Em casa de Mary a situação se inclina para separar Barry de Leila. Gordon propõe levá-lo para Londres, onde lhe daria emprêgo. Apesar de ter concordado com sua viagem para a Europa, Barry ilude a vigilância e casa-se, secretamente, com Leila, mantendo o caso em segrêdo. Quando êle voltasse, então, tudo seria revelado e se uniriam. Leila estava repassada de paixão e cai, chorando, nos braços de seu, que não pode adivinhar o que está acontecendo. Mary resolveu falar a Porter sôbre a carta que recebera de Roger, e Porter ficou consternado diante da fugidia esperança que alimentava de casar-se com ela. Tia Frances e Porter foram os que mais se mostraram indignados com os propósitos da moça de trabalhar como estenógrafa no Ministério das Finanças, e Gordon não ocultava sua contrariedade. Delilah levou Porter para tomar chá com ela e ali contou como iniciara relações de amizade com o seu hoje amigo íntimo, Colin Quale, exímio desenhista de modas femininas. Durante o conhecimento que Porter fêz com Colin Quale, soube que o artista conhecera a Roger Poole e à espôsa do mesmo, mostrando-se muito interessado pela novidade. Nesse ínterim, Mary escreve longa carta a Poole, contando os episódios mais emocionantes. A carta de Mary, Roger respondeu com uma outra na qual falava de seus trabalhos e dava informes acêrca de sua prima Patty, de quem Mary pedira notícias. Porter estava ansiando por encontrar um momento que lhe proporcionasse mostrar a Mary o retrato da mulher de Poole, pintado por Colin Quale. Então mandou que Leila a convidasse para darem um passeio de auto pela cidade. Porter deu várias voltas até que consultou a tôdas se desejavam fazer uma visitinha a Delilah. Tudo ajustado, êle a levou até lá. Mas sua intenção era a de mostrar o tal retrato a Mary. Mas Porter não teve coragem de revelar aquêle segrêdo. A conversa pendeu para férias, enquanto todo mundo tomava refrescos e comia bolinhos. Porter, não podendo suportar mais, confessa a Mary que a levara ao atelier de Colin apenas para mostrar o retrato da mulher de Roger. Mary, porém, não se perturba. Mas, diante do que lhe dissera Porter, seu espírito começa a vacilar. Chegou mesmo a pensar que a carreira de funcionária pública não lhe servia.

dade no exterior, mas, no seu íntimo, você ainda é muito primitiva.

— Não sei se será assim mesmo — diz ela como que a sonhar.

— O homem que lhe servia (Colin se recurva para ela) é Porte Bigelow. Quero esclarecer, porém, que falo do ponto de vista do artista. Vocês como que foram feitos um para o outro, uma dupla de jovens deuses. Aquela cabeça afogueada a dominar a sua cabeleira morena, como todo mundo viu lá no "garden-party". Todo mundo viu e notou.

Delilah começou a rir.

— Os seus olhares não são para mim. Para Porter só há Mary Balard. Se eu me apaixonasse por êle, passaria a odiar, a detestar Mary. Mas isso não é o caso. Eu, ao contrário, a amo e muito. E ela, ela está apaixonada por Roger Poole.

Colin, que estava ocupado a escolher amostras de fazendas para o guarda-roupa de Delilah para a primavera, ao ouvir essa referência, exclama, bruscamente:

— Poole! Eu conheci sua mulher! Era o retrato dela que eu mostrei naquela noite! Aquela santa que posou como uma visão angelical! Será o mesmo de que ouço agora você falar?

Delilah atravessa a sala e vai buscar a tela.

— A mulher de Roger Poole? — Exclama Delilah surpreendida.

Depois ela fica silenciosa a mirar o quadro.

— Você não me havia dito que era ela.

— Não.

Colin estava imaginando de si para consigo a atitude de Porter nesse episódio.

— Não. Eu não disse a ninguém, exceto a Porter Bigelow.

— E êle a mostrou a Mary!

Ambos se entreolharam e se puseram a rir.

— Talvez que tudo seja leal em amor, — diz ela — mas eu não posso crer que êle o tenha sido, diante disto.

E encostando a tela contra a parêde, exclama:

— Mary Balard vale cem mulheres como esta.

— Uma mulher como você, vale cem outras mulheres, sejam elas quais forem — brada Colin deliberadamente.

Delilah corou um pouco. Colin lhe acabava de render uma homenagem que nenhum outro homem lhe havia feito até então. Ela ficara sensibilizada.

— Você sabe o que fêz de mim. — diz ela sentada junto à janela — Você me fêz crer que eu sou semelhante à mulher que você pintou quando fêz aquêle meu retrato.

— E você é mesmo assim. — sustentou êle calmamente — E' uma questão de aparência superficial.

Colin continuou a ocupar-se atentamente com as amostras de tecidos, e os seus dedos e os seus olhos estavam inteiramente voltados para a escolha das fazendas, quando Delilah retorna:

— Se Leila e seu pai forem à Alemanha em maio, eu vou fazer tudo para que papai faça outro tanto para mim. Penso que você não se interessará a unir-se a nós, não? Certamente preferirá voltar àquela cidadezinha de Amsbury ou Newburyport, não sei bem como é o nome, e onde está aquela jovem.

— Que jovem?

— A que você deve desposar.

— Não tenho que desposar nenhuma jovem ali ou onde quer que seja. — respondeu êle firmemente — Não tenho nenhuma jovem a desposar, nem jamais terei.

Aproximando-se de Delilah, Colin encosta contra seu rosto uma amostra de fazenda de amarelo pálido e muito suave.

— Leila Dick pode usar muito bem um tom dêsses; mas não assenta muito bem em você.

Depois ficou em pé diante dela, com ar meditativo.

— Colin, — intervém Delilah — quando você começa a olhar-me assim, eu tenho a impressão de que sou um manequim de madeira.

Êle sorriu.

— Foi o que acabei por encontrar em você. — diz êle — Não posso ver em você uma mulher.

— Por que assim? — Interroga Delilah com audácia.

— Porque você é, para não dizer mais, perturbadora.

E volta a examinar as fazendas.

Balançando a cabeça com gesto negativo, ela volta:

— Nada disso servirá para o jantar com o Ministro. Você vai precisar de outras fazendas e de outros adornos, de acôrdo com a nova moda de rendas e pregueados. E eu vou penteá-la de outra maneira. Solte os seus cabelos.

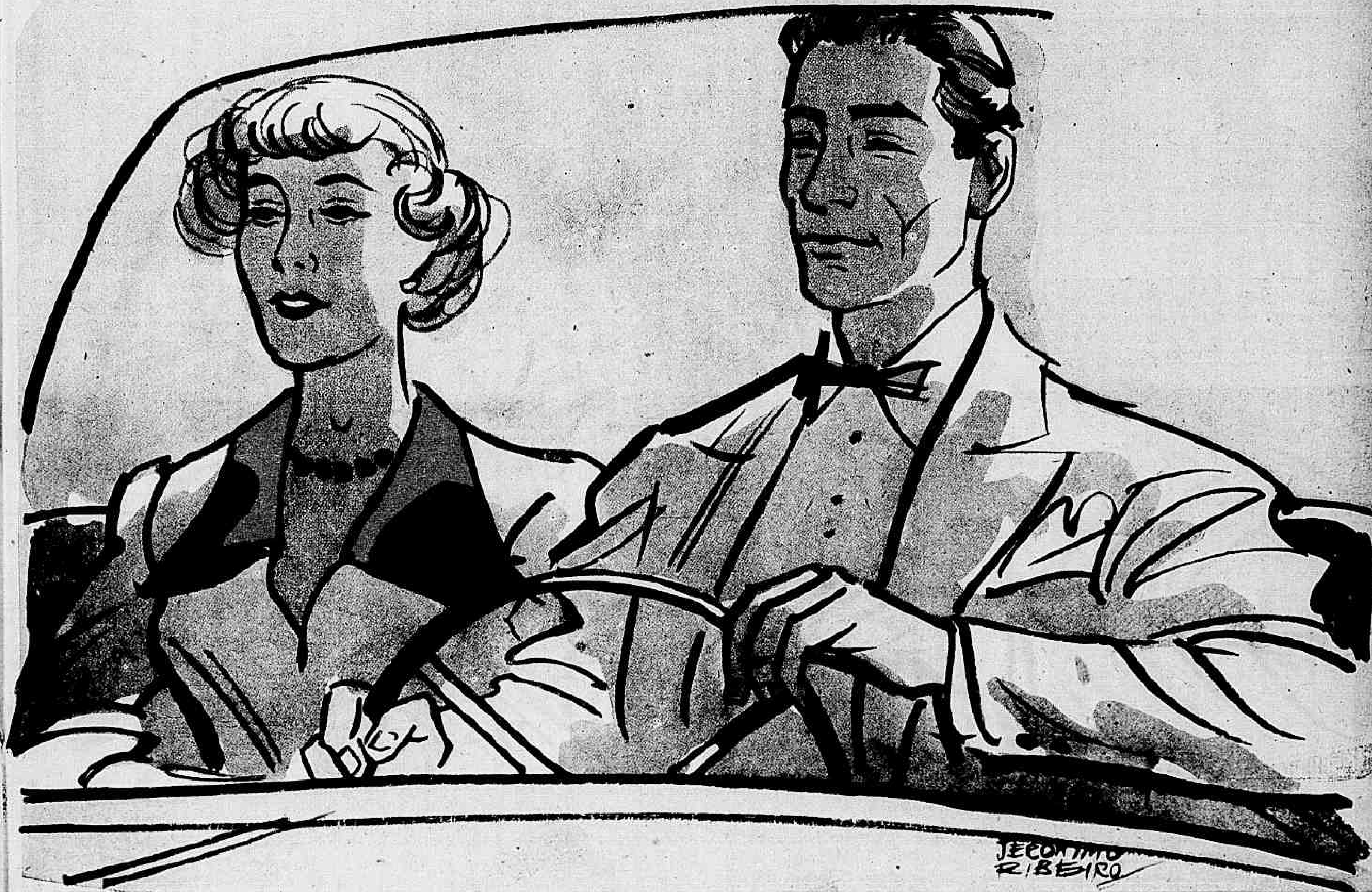
Delilah já estava habituada a tais ordens. Imediatamente os seus belos cabelos se derramaram pelas espáduas em tôda a sua beleza. Quando êle separava as madeixas, dir-se-ia que eram sêres vivos, mexendo-se em suas mãos. Prepara-lhe uma trança em forma de diadema como na antiga moda, no alto da cabeça de Delilah. E assim feito, o que era moda antiga passaria a ser moderna, e Delilah semelhava uma rainha.

— Veja agora: com seu vestido novo e suas pérolas, não haverá nada de extraordinário ou sensacional, mas nenhuma mulher será como você.

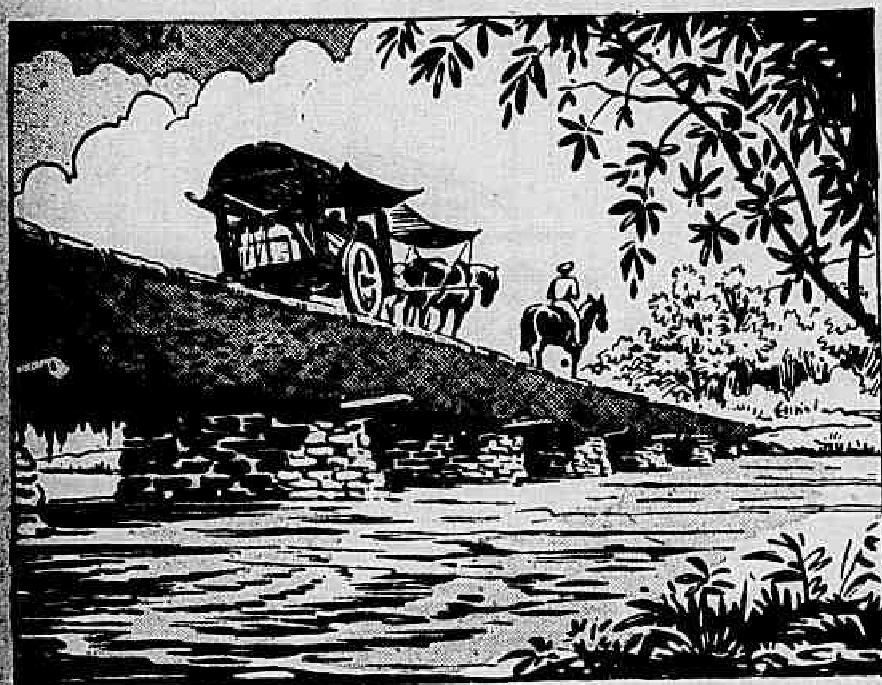
E, com efeito, ninguém foi como Delilah. E por causa de seu vestido concebido por Colin e de seu penteado sugerido por êle, pôde Delilah anexar ao número de seus admiradores, naquela noite do jantar ministerial, um cavalheiro distinto e titulado, que anda à cata de uma mulher que pudesse embelezar o castelo de seus ancestrais. E êsse "gentleman" ficou impressionado com a figura heráldica de Delilah, que se prestasse para aquêle fim.

(Continua no próximo número)

Tradução de RENATO DE ALENCAR **Ilustração de JERONYMO RIBEIRO**



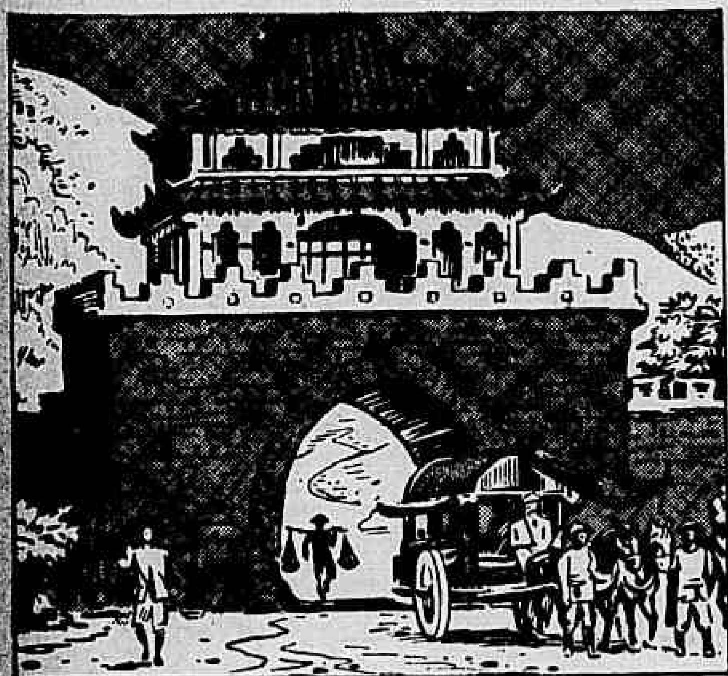
AVENTURAS DO CAPITÃO ROB
O IMPÉRIO CELESTIAL







49 Nenhum embaraço encontraram depois daquele ataque. De súbito, à esquerda êles viram uma região cheia de colinas e muitas florestas, lagos e rios. Quando atravessavam um rio, Tony, que consultava o mapa, disse: "Já não estamos longe do final de nossa viagem. Dentro de duas horas chegamos". Tony ordenou que parassem. Êle conhecia todo o cerimonial da etiqueta chinesa. Então deu várias lições de como todos da caravana deveriam portar-se diante do Mandarim e de sua côrte, para que conquistassem as simpatias dos habitantes e do mandão do lugar. Depois disso iriam agir para libertar o repórter.



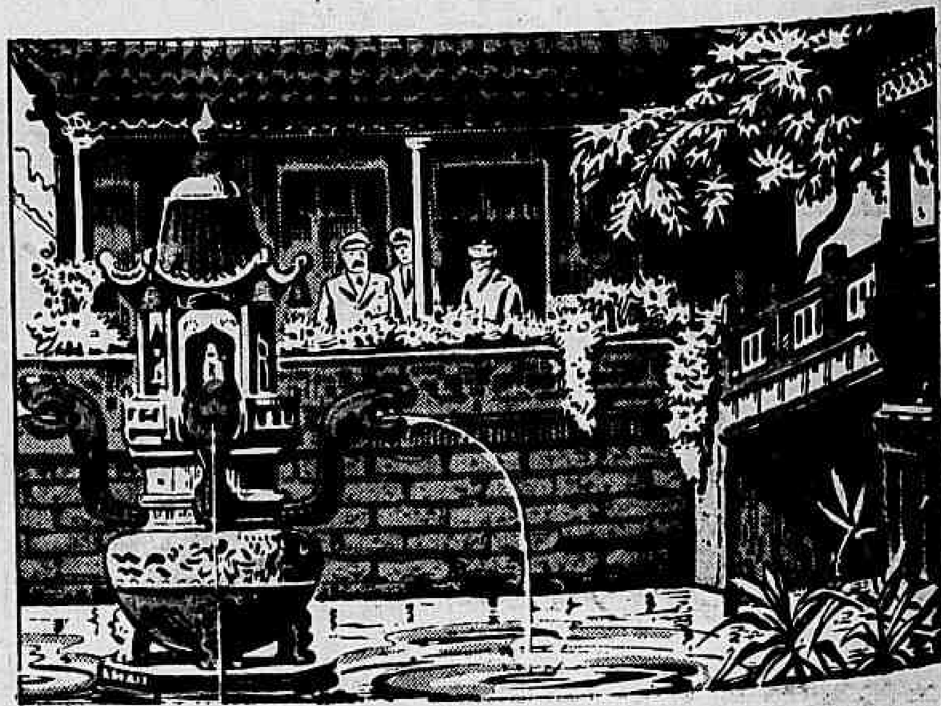




50 Duas horas depois entravam êles na cidade, transpondo a grande porta da muralha. Tony parece estar em sua terra natal, ali. Logo que pediu audiência, foi introduzido no palácio do Mandarim, que apareceu com um véu no rosto, ocultando-se do nariz para baixo. E Tony falou: "Viajei para aqui com meu filho e minha filha, e trouxe uma partida de ópio, Senhor!" A êsse tempo Marga é recebida pela mulher do Mandarim, a qual se expressa em excelente francês: "Peço-lhe desculpas pelo forte cheiro de incenso desta sala, mas é que meu filho está doente". Marga se interessou, imediatamente, pela criança, e...







51 "Seu filhinho está doente?" E correu para ver o garotinho lá no berço. Marga, que havia feito um curso de puericultura na América, examinou o bebê e diagnostica difteria, perguntando: "Que medicamentos deram ao menino?" A favorita do Mandarim lhe mostrou alguns vasos e frascos contendo panacéias. "Não se aflija, senhora", respondeu-lhe Marga, quando percebeu que ela estava alarmada, ao ver que Marga preparava uma injeção. Aplica a injeção no menino, que, logo depois parece melhorar. A chinesa fica contente. Nesse ínterim, o Mandarim vai mostrando seu palácio aos visitantes.

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA — O Cap. Rob estava em aventuras pelos mares da China, quando o seu iate é pôsto a pique por terrível tempestade, sendo salvo por Marga e Willy, duas jovens desportistas que andavam em excursão em poderosa lança. Elas o levam para terra firme e apresentam-no ao pai de Marga, um construtor naval, que se prontifica a armar um novo barco para Rob. Sabendo Rob que os piratas chineses haviam aprisionado um repórter que fôra investigar contrabando de ópio e de armas, êle aceita o convite das moças e vai procurá-lo. Dias depois eram aprisionados por um navio chinês, comandado por Tony, holandês. São levados ao junco de Wang Hang, para vender o ópio que o Tony trazia e ali são vítimas de uma traição. Fogem, e seguem em direção ao feudo do chinês que havia aprisionado o repórter. Já a êsse tempo Tony se aliara a Rob, contra os piratas. Atravessavam uma região deserta quando são atacados por bandidos, mas os vencem. Uma das moças ficara a bordo da lancha "Pandora",







52 Um par de dias depois, Tony e Rob já começam a impacientar-se porque não encontram o menor traço da presença do repórter aprisionado. Marga prossegue no tratamento da criança. Ao abrir a maleta de viagem, caiu ao solo uma fotografia. A chinesa a apanha e exclama lívida de emoção: "Êste é... Roy Robinson!" gagueja ela. "Sim, é êle", responde Marga. "Conhece-o?" A chinesa informa que sim, e que seu marido o retém prisioneiro. "Onde?" Indaga a moça interessadíssima. "No porão, sob o Templo". E explicou: "Meu marido depois que ficou com a face defeituosa, na guerra, tornou-se um homem cruel.







53 Marga sabe então que o repórter está prêso ali, e lhe diz a chinesa que, para chegar-se até lá só há um caminho: uma escada que leva a um corredor. A moça corre para Tony e Rob e lhes narra o que ouvira. Os dois combinam um plano. Os guardas do palácio viviam com os olhos sôbre êles. Mas os dois ardilosos visitantes promoveram um lauto jantar com bebidas e ópio para os soldados. Duas horas depois, estavam todos êles, embriagados, a dormir profundamente. Dois tripulantes do "Pandora", ficaram de atalaia, enquanto Tony e Rob, guiados pela favorita do Mandarim, iam em direção do subterrâneo.







54 Havia ali enorme pedra, que êles removeram e penetraram na escadaria, tudo muito escuro. Rob acionou sua lâmpada iluminando o caminho que leva ao subterrâneo. E' estreito e tenebroso. Êles têm que andar curvados, em virtude da pouca altura. De súbito chegam diante de uma porta de ferro. Naquele mesmo instante ouvem uma espécie de toque de sino, longe. Examinavam a grade de ferro, quando Tony solta um grito. Outra porta de ferro desce do teto. Êles estavam também prisioneiros. Caíram na ratoeira. Aquêle som distante que ouviram, fôra o de um gongo, com certeza o sinal para prendê-los.



VOCÊ, leitor amigo, que conhece já a nossa detetive Peggy Stone, de certo terá sentido sua ausência prolongada. Eu, como criadora da famosa jovem, aqui estou com mais uma de suas aventuras, e desta vez, apresentando-a por um aspecto bem curioso, como o indica o título desta novela.

O gigantesco tenente Cummings, também lhe deve ser familiar, desde que vem acompanhando tôda a carreira da jovem caçadora de criminosos. Cummings, como chefe do departamento de homicídios, de início não gostava nada da intromissão de Peggy no seu trabalho profissional, chegando mesmo a perseguí-la com ironias. Finalmente, reconhecendo que a moça possuia qualidades apreciáveis sôbre deduções lógicas, sendo habilíssima em seus raciocínios, acabou por não só concordar com sua atuação em numerosos casos, como chamá-la mesmo, a auxiliá-lo nos momentos de desespero. Devo adiantar que Peggy Stone não trabalhava a êsmo, pois em uma casa de campo que seus pais lhe haviam deixado de herança, a moça fizéra instalar no porão, um confortável laboratório subterrâneo, com refrigeração artificial e todo um equipamento próprio para pesquizas elementares sôbre a procedência de mil e um produtos. Além do curso de detetive, Peggy é também causidica, conhecendo portanto, a lei em todos os seus detalhes e procura sempre não inflingí-la, só o fazendo quando a situação a obriga e ainda assim, de modo a resolver um problema sem conseqüências imprevisíveis. Mas vamos aos fatos:

Fazia já uma semana que Peggy se entregava ao gozo das férias que ela mesma se impuzéra, quando o correio lhe entregara um telegrama. Ràpidamente a jovem interrompia o repouso à que se vinha entregando e já no mesmo dia, um trem de carga com apenas um vagão de passageiros a trazia de volta para a cidade. Viajando tôda a noite, apenas recostada no banco sem conforto, a moça pensava no trabalho que iria ter. Poucos foram os momentos que conseguiu conciliar o sono, porque as sacudidelas do trem logo a despertavam. Finalmente, já pelas quatro horas da manhã, o trem chegava ao destino. Embora extranhando não ter ninguém à sua espera, Peggy apanhou um táxi e rumou para o seu apartamento.

Diante de sua porta, a jovem tirou a chave e ao introduzí-la na fechadura, sentiu que alguem a antecedia do lado de dentro. Recuando um passo, Peggy recostou-se à parede, esperando que o seu visitante se manifestasse. Em frações de segundos, o revólver com cabo de madreperolas estava espunhado por sua mão firme.

— Entre, miss Stone...

Peggy suspirou aliviada e entrou. O gigantesco tenente Cummings estava diante dela, um tanto divertido pelo susto que lhe pregara.

— Você é ligeira, hein? — Disse vendo-a com o revólver ainda empunhado. — Se eu fosse um criminoso já não estaria vivo.

— Isto não se faz, tenente. Imagine se eu fosse precipitada? Sua sorte foi o fato de eu não atirar nunca antes de saber quem é o alvo.

Desfazendo-se do casaco e chapéu, Peggy atirou-se em uma poltrona estofado, relachando os músculos.

— Pelo que vejo o caso é realmente sério. — Murmurou com os lábios quase cerrados.

— Dê o serviço, tenente: o que o preocupa desta vez?

— E' um tanto difícil explicar, porque tudo está envolto em mistério que a fôrça policial até agora não conseguiu resolver. Estou certo de que sòmente você, com seu tato e truques infalíveis conseguirá descobrir alguma coisa. Espero que me desculpe essa invasão ao seu apartamento, mas eu estava certo de que você amanheceria aqui, depois de receber o meu telegrama. Você é uma grande "praça", miss Stone, e estou certo de que o misterioso desaparecimento de carros e motoristas será definitivamente resolvido. Ouça agora com muita atenção: precisamos agir...

Peggy sorriu levemente, recordando que não fazia muito tempo, Cummings, o chefe do departamento de homicídios era o seu maior antagonista, fazendo mesmo cerrada barreira quando a encontrava tentando descobrir um assassino.

— Como as coisas mudam... — suspirou como se falasse consigo mesma.

— Acho que sei em que você está pensando, miss Stone. Mas não me guarde ressentimentos, sim? Será que ainda não mereci o seu perdão?

— Desculpe-me, tenente. Vamos ao que interessa, porque pretendo tomar um grande banho antes de dormir êste resto de manhã. Que horas são? Não tenho nem disposição para olhar o meu relógio de pulso.

— Quatro e trinta e cinco. — Disse Cummings consultando o pròprio relógio. Vou deixá-la dentro em breve, mas preciso antes dizer-lhe em que pé estão as coisas: Você conhece a "Estrada da Tortura", não é? Pois bem, exatamente no trecho mais tortuoso estão acontecendo coisas extranhas, o completo desaparecimento de certos carros com seus motoristas. Tivemos já várias reclamações neste sentido e por mais que investiguemos, nada encontramos.

— Quantos carros desapareceram até agora?

— Cinco, em apenas um mês, e todos filhos de grandes financistas, que dirigem carros de praça para aprenderem tôdas as exigências do trânsito. Alguns dêles costumam fazer viagens de recreio para a cidade vizinha. Os carros destinados a essas experiências tem o número anotado e os três carros desaparecidos pertencem ao grupo.

— O que fêz a polícia até agora? E por que o senhor está no caso?

— A polícia tem investigado o trecho do desaparecimento sem ter encontrado nenhum indicio. Agora quanto à minha intervenção, está justificada pelo aparecimento de um cadáver. Trata-se de Karl Stefan, amigo de um dos rapazes desaparecidos e que estava com êle no carro. Stefan foi encontrado à margem da estrada, com três balas no corpo e nem signal de seu amigo ou do carro.

— Quem era o desaparecido?

— Gregory Stil, filhò do insdustrial Stil, fabricante de tecidos. O rapaz não teria mais de vinte e dois anos, foi o última a desaparecer.

— Compreendo que devo agir o mais rápido possível. Muito bem, tenente. Durante o banho pensarei em algum plano. Preciso seguir uma pista qualquer.

— Muito cuidado, miss Stone. Destacamos um dos homens mais inteligentes da polícia para seguir um dos carros e... êle também desapareceu sem deixar vestígios.

— Então fique certo de que eu também desaparecerei, mas enquanto tal não acontece, peço-lhe licença para dormir um pouco, antes de entrar em ação.

— Desculpe, miss Stone. Desejo-lhe um bom sono e não se esqueça de me chamar tão logo esteja pronta para trabalhar.

— Quero apenas um pouco de tempo para repousar e comer alguma coisa.

O tenente retirou-se, certo de que aquela mulher adorável, de cabelos côr de cobre e olhos brilhantes mais uma vez mostraria sua superioridade diante dos criminosos.

Quando o sol veio brincar nas madeixas bronzeadas da cabeleira de Peggy, a calidês de seus raios logo a acordou. Seu primeiro olhar caiu sôbre o relógio: onze horas. Dormira bastante. Distendendo os músculos, Peggy quase sentiu seus nervos estalarem. Afastou os lençóis e saltou da cama. Alguns momentos de ginástica lhe devolveriam a flexibilidade até então anulada pelo cansaço. Meia hora lhe foi suficiente para voltar à forma antiga. Um telegrama para o tenente completou os preparativos. Peggy estava pronta para entrar em ação.

★

A noite avisinhava-se lentamente. A brisa fresca provocava um bem estar indisível no rapaz que dirigia um dos carros destinados ao treino dos motoristas particulares. Conservando a marcha moderada, seu olhar percorria os arredores como se estivesse admirando a paisagem. Finalmente divisou ao longe, um pôsto de gasolina, do qual procurou aproximar-se sem muito ruido. Uma breve investigação fê-lo verificar que o pôsto estava aparentemente deserto, e embora não houvesse nenhuma casa por perto, a verdade é que o empregado não poderia ter se afastado muito dali, apesar dos fregueses serem em número reduzido. Voltando para o carro, o rapaz fêz funcionar a buzina. Como por encanto, um homem apareceu saindo de detrás de uma bomba aparentemente estragada, porque estava abandonada nos fundos do pôsto. Trajava um macacão sujo de graxa. Aproximando-se um tanto desconfiado, perguntou:

— Abastecer?

— Sim, mas quero também um exame no motôr. Não gostei do ruido que fêz nestes últimos momentos.

Novela policial de LYSA CASTRO

Ilustração de MAIA

— Vai para a cidade vizinha? — Perguntou esforçando-se para parecer natural.

— Vou sim. Preciso concluir uns negócios muito importantes. Vou adquirir algumas lojas para a ampliação da minha indústria.

Nesta altura a gazolina descia para o tanque do carro e o marcador indicava já, a quantidade suficiente. O rapaz desceu e fêz sinal para o homem que retirou o tubo.

— Vocês aqui não têm concorrentes, hein? Quer dizer que o negócio vai sempre bem, embora fôsse muito melhor se houvesse um bar qualquer por aqui.

— O homem o olhou fixamente. — Um bar? Quer dizer que está com sêde?

— E muita, meu amigo. Será que você sabe me informar se posso encontrar alguma coisa para beber mais adiante?

— Bem... o senhor não é... pode me mostrar os seus documentos de identidade?

— Se disto depende a sua informação, aqui estão êles

— Carlo Gonzalez... Mexicano... industrial... Qual é o seu ramo?

— Porcelanas.

— E'. Aqui diz o ramo. Ótimo. Venha comigo.

— E o carro? Não vamos nêle?

— Não é preciso. Eu tomo conta, fique descançado.

O rapaz deu uma volta pelo carro, curvando-se sôbre as rodas, uma de cada vez como se examinasse os peneus.

— Tudo em ordem. Podemos ir.

Os dois homens desapareceram atrás da velha bomba de gazolina, onde havia apenas um alçapão que dava para uma escada subterrânea. O rapaz mostrou-se surprêso, mas o homem explicou que alí em baixo havia um bar clandestino, exclusivamente para os que estivessem dispostos a "colaborar" com sua proprietária que em troca de algumas notas proporciona aos seus cientes, confôrto, bebida, mulheres e música. Efetivamente, chegava aos ouvidos do rapaz a música suave de um blue. Agora achavam-se os dois em uma pequena sala de espera mobilada com um jôgo estofado. Duas jovens em trajes reduzidíssimos estavam sentadas fumando longos cigarros. Indiferentes, nem mostraram interêsse pelos recém-chegados. Afastando um reposteiro pesado, o homem convidou o rapaz a entrar. Um bar moderníssimo e confortável apareceu a sua frente. Mergulhados em poltronas estavam vários homens, alguns fumando e outros adormecidos. O disco terminara na vitróla e outro o substituia automaticamente. Um garçon veio atendê-los.

— Uma bebida para o nosso amigo, Michel. Êle vai para a outra cidade. Creio que gostará de conhecer Dolly. Diga-lhe que temos um freguês novo. Eu volto para o pôsto.

O rapaz pediu um whisky com soda. O garçon o atendeu e em seguida desapareceu atrás de uma cortina ao fundo do bar. Dois minutos depois voltava para dizer com tôda a cordialidade:

— Dolly espera-o. — Chamando uma garôta que acabava de entrar continuiu — Mary, leva o rapaz que Dolly o está esperando.

Mary atendeu prontamente e terminado o whisky os dois seguiram para o fundo do bar. Uma salinha que devia ser o gabinete de Dolly, tal o luxo com que se apresentava, surgiu ao fim do pequeno corredor. Mary, sem se fazer anunciar parava diante de uma secretaria onde alguém estava curvado como se remexendo alguma gavêta. A moça retirou-se, fazendo sinal ao rapaz para que ficasse. Finalmente a pessoa que se achava à secretária endireitou o corpo e o rapaz mal contêve um gesto de espanto. Bem jovem, morena, com grandes olhos verdes, Dolly era uma criatura estranhamente bela e o rapaz começou a compreender um mundo de coisas até então inexplicáveis. A vóz de Dolly era impressionantemente suave:

— Como se chama?

— Carlo... Carlo Gonzales... — Disse o rapaz a voz mais masculina que pôde.

— E'... você é um tipo bem interessante. Não é demasiado gordo, nem magro, como os imbecis que tem vindo aqui. As feições são muito delicadas, tais como as aprecio. Decididamente, Carlo, você me agrada inteiramente.

— E que vantagem eu terei com isso?

— Terá as vantagens que os outros não tiveram. Dêles só me interessou o dinheiro e se os aturei por algum tempo foi apenas enquanto suas contas corrente satisfaziam meus interêsses.

— E que é feito dêsses rapazes?

— Estão por aí... bebendo whisky e fumundo ópio, sem fôrças nem mesmo para conquistar as garçonetes.

— E que pretende fazer dêles?

— Nada... Quando não mais existirem lhes darei uma sepultura condigna.

— E por que me diz tudo isso? Não receia que...

— O que posso recear de um prisioneiro? Você não conseguiria sair daqui com vida, como nenhum outro dos que entraram. Mas tratemos de assunto mais interessante. Para princípio de conversa, assine-me um cheque de dez mil dólares.

— Dez mil... — o rapaz soltou uma risada. — Você está completamente louca se pensa que lhe poderei dar dez mil dólares. Nunca tive essa importância a minha disposição.

— Como... — inquiriu Dolly colerica, — então não é um industrial?

— Só de nome, sim senhora. Desta vez você deu um golpe errado porque meu capital no Banco não vai além de quinhentos dólares.

Dolly não escondia seu desapontamento. Com que então seu capanga se havia deixado enganar. Carlo, embora lhe agradasse fisicamente, era um "pronto".

— Que vai fazer agora? Deixa-me ir?

— Não seja idiota... deixa-lo ir depois de tudo que ouviu seria loucura. Você não tem dinheiro, está certo, mas agrada-me, apesar de tudo e vou conservá-lo para mim. Posso até providenciar um casamento...

— Casa... — o rapaz estourou em nova gargalhada. Passado o acesso e diante do assombro de Dolly êle tentou explicar: — E' que... eu sou noivo e minha noiva diz sempre que se eu abandoná-la por outra ela a matará sem piedade. Como vê, está-se arriscando muito. Mas... espere aí... e se nos tornassemos sócios? Sim, eu conheço muita gente cheia da "gaita", que bem poderia passar por aqui.

— Calma... que conversa é esta de sociedade? Você é meu prisioneiro e não vai poder sair daqui para coisa nenhuma.

— Quem disse que eu quero sair daqui? Até que estou gostando do ambiente! Imagine, a gente livrar dos credores, das despezas...

— Mostre-me seus documentos. Quero ver até onde posso confiar em você.

São falsos. Não vai adiantar nada que os veja porque já os mostrei ao seu empregado. Aqui diz que sou industrial, que possuo fábrica de porcelanas, etc.

— E quem me diz que não é verdade?

— Eu, porque nesta outra carteira diz que sou escriturário de um Banco da cidade, e nesta outra, identifica-me como agente de publicidade de uma grande companhia, quando não sou nada disso. Vivo de "golpes" aplicados nos "trouxas", de quem estou sempre arrancando dinheiro, sem conseguir nunca o suficiente para pagar o luxo em que vivo. Sendo seu sócio...

— E'. Você me parece um sujeito muito esperto e não sei até onde devo confiar em sua lealdade.

Carlo deu volta à mesa aproximando-se mais da jovem.

— Sabe que você também me agrada terrivelmente? — Segurou-lhe o queixo, erguendo-lhe o rosto. — Que olhos maravilhosos você tem... e vou beijá-los assim...

(*Continua na pág. 45*)

À LUZ DA PSICANÁLISE

Pelo DR. LUIZ FRAGA

A ALEGRIA DE VIVER

..."Vive sem constrangimento, com a alma repleta de felicidade, ainda que todos vociferem contra ti ultragem incríveis..."

Com estas palavras de Marco Aurélio poderíamos resumir a resposta à carta que você me enviou, C. L. P.

Quando você veio à consulta estava apressada e discrente e fugia ao "test" que lhe propus.

Sua carta de hoje diz, entre outras coisas:

..."O senhor não pode avaliar o que estou sentindo, desde que me afirmou não se dever sentir saudades do sucedido, mas do que se poderia ter feito... Contudo, aqui estou louca de saudades por aquilo que não experimente... Tenho passado os meus primeiros dias aqui em verdadeira angústia, sentindo quanto a minha terra está velha e triste...

Desta vez não sei o que será, tenho os trabalhos dêste ano já iniciados (C. L. P. é professôra) e as férias ainda estão longe para uma fugida aí, ao Rio. Será que o senhor, como uma criatura boa, inteligente e compreensiva poderá ajudar-me em alguma coisa? Seria tão bom!... Hoje lamento não me ter submetido à análise; não ter tirado a máscara de moça alegre e bonita (segundo os amigos) e apresentar-me tal qual sou: uma triste e desencantada mulher! Aproveitei para escrever-lhe num dos meus dias "gris", onde aquela "C" que aí estêve se ocultava e sòmente a outra fala e chora. Acredite que assim estou lhe escrevendo e, quem sabe, esta carta lhe chegue às mãos num dia em que o senhor esteja ouvindo gente feliz e esteja bem humorado como sempre, não compreendendo como outra pessoa possa viver nestas subidas e descidas de humor, sem causa aparente. Não! Sei que o senhor me compreenderá"...

C. L. P. sofre as consequências dum recalque a que chamamos "Resistência Inconsciente", isto é, um processo provido de carga psíquica, destinado a impedir a mudança dum estado determinado por certas razões psíquicas. A psicanálise torna pouco a pouco as resistências acessíveis à consciência, aplainando caminho ao seu domínio pela razão.

A VISITA DE C. L. P.

C. L. P.: — Que é remoção?

MÉDICO: — E' o efeito duma inibição inconsciente, proveniente do super-égo, que se desenrola no limite entre o inconsciente e o preconsciente.

C. L. P.: — Instintos rejeitados...

MÉDICO: — Não, é sempre inconsciente. Não confunda com o fenômeno da repressão consciente.

C. L. P.: — Eu precisava remover algo que me vem martirizando.

MÉDICO: — Quando o paciente reconhece a necessidade duma remoção, a tarefa do médico torna-se mais fácil.

C. L. P.: — Não pense que vai encontrar facilidade em meu caso....

MÉDICO: — Você o tornará fácil, de vez que espontâneamente procurou-me.

C. L. P.: — Procurei-o como a um amigo.

MÉDICO: — O médico é sempre um amigo.

C. L. P.: — Mas eu não estou muito disposta a deixar-me analisar.

MÉDICO: — Tem, pelo menos, disposição para conversar sôbre você e o "seu caso".

C. L. P.: — Está curioso?

MÉDICO: — Todos os casos despertam curiosidade num psicanalista.

C. L. P.: — Então, não é o meu em particular ?

MÉDICO: — Agora é o seu em particular. A atitude psicológica é um daqueles atributos humanos que, se é fácil reconhecer, dificilmente pode medir-se ou analisar-se em seus componentes.

C. L. P.: — Acha-me uma introvertida?

MÉDICO: — Existe uma crença amplamente difundida, segundo a qual todos os que sofrem seriam introvertidos e todos aquêles livres de qualquer processo neurótico sejam extrovertidos.

C. L. P.: — Mas não é verdade?

MÉDICO: — E' absolutamente falso.

C.L.P. continuou neste diapasão, vindo irregularmente ao consultório, até que, findas as suas férias, regressou à cidade em que reside e trabalha, no nobre mister de professôra primária. Escreveu-me logo após ao seu regresso.

CORRESPONDÊNCIA

M. P. V. — São Januário — Meu consultório é Rua Senador Dantas, 76-4° andar. — diàriamente, das 15 às 18 horas.

LINDAMIR — Santos — Foi entregue. Muito bem.

EUNICE — D. F. — Pode vir ao consultório.

ANSELMO — S. Paulo — Você precisa dum exame. Procure aí um psicinalista.

JULINDA — B. Horizonte — E' caso para clínica ginecológica.

MARLY — Salvador — Desista, é melhor.

SHEILA — P. Alegre — Escreva com minúcia.

REVISTA DA SEMANA

CONVOCA
OS FOTÓGRAFOS DO BRASIL E DO ESTRANGEIRO PARA O SEU

CERTAME FOTOGRÁFICO



20 MIL CRUZEIROS

LEIA

PARTICIPE

TRIUNFE

VEJA REGULAMENTO AO LADO

A REVISTA DA SEMANA quer interessar os seus leitores fotógrafos em reportagens e, desta forma, se propõe selecionar, nas condições indicadas, alguns entre os melhores trabalhos que lhe forem enviados. A seleção será feita por uma comissão de cinco pessoas idôneas e os trabalhos aprovados serão publicados e remunerados como colaborações de qualidade excepcional.

Os pretendentes a tal gênero de colaboração só têm que observar escrupulosamente as condições do regulamento que damos a seguir, escolher seus assuntos e fazer funcionar suas máquinas. O resto ficará a cargo da comissão julgadora do mérito dos trabalhos apresentados.

1. Qualquer leitor do Brasil ou do estrangeiro, profissional ou amador, pode participar desta competição, desde que observe o Regulamento e remeta seus trabalhos dentro do prazo de noventa dias, a começar em 26 de abril de 1952. Nos trabalhos expedidos por via postal se tomará em consideração, para efeito do prazo, a data do carimbo da repartição postal expedidora.

2. A remuneração aos trabalhos classificados pela Comissão Julgadora será de duas naturezas: **a)** remunerações-prêmio para reportagens fotográficas e **b)** remunerações para fotografias isoladas.

3. Considera-se reportagem fotográfica a série ou seqüência de fotos, relacionadas com um mesmo assunto que, acompanhadas de legendas breves, contém por si sós uma história. Por exemplo: a história de um embarque no pôrto, com a seqüência das cenas de despedida no cais; do viajante na amurada do convés; dos lenços acenados pelos que ficam; do navio que se afasta; atitudes interessantes dos que vão e dos que ficam, etc.

4. Considera-se fotografia isolada tôda aquela que satisfizer as exigências de técnica fotográfica e apresentar interêsse jornalístico, realizando, sob êsses dois ângulos mencionados, uma unidade completa.

5. As remunerações para as melhores reportagens fotográficas são: 1.ª classificada — Cr$ 10.000,00; 2.ª classificada — Cr$ 5.000,00; 3.ª classificada — Cr$ 3.000,00; 4.ª classificada — Cr$ 2.000,00.

6. As remunerações para as melhores fotos isoladas serão: duas de mil cruzeiros cada, para as primeiras classificações; e quatro no valor de quinhentos cruzeiros, para as classificações seguintes.

7. As fotografias enviadas pelos pretendentes à colaboração estabelecida neste Regulamento não serão devolvidas e as classificadas, não premiadas, poderão em qualquer tempo ser publicadas, ficando o autor com direito à remuneração habitualmente paga pelos trabalhos de rotina.

8. Os nomes que compõem a Comissão Julgadora serão revelados juntamente com os resultados do Certame, em seguida ao julgamento.

9. O envio de trabalhos deve ser feito com observância das especificações seguintes: **a)** o pretendente remeterá conjuntamente negativos e cópias; **b)** as cópias devem ser esmaltadas e tiradas no tamanho 13x18; **c)** cada cópia deve ser acompanhada de legenda explicativa, com a extensão exigida pelo assunto que se explica.

10. O material deve ser metido em sobrecarta, com pseudônimo do candidato. Dentro da mesma sobrecarta deve ser incluído um envelope menor, fechado, sôbre o qual se escreverá o pseudônimo e dentro do qual se darão as indicações seguintes: nome, nacionalidade, idade e domicílio.

11. No julgamento serão considerados tanto os elementos técnicos (luz, foco, composição, etc.) como os jornalísticos: movimento, ação, singularidade, curiosidade, oportunidade, ineditismo do assunto, etc.

12. Qualquer omissão dêste Regulamento será suprida pela própria Comissão Julgadora que fará constar o fato, e sua explicação, no laudo final do julgamento.

13. Os pretendentes devem enviar seus trabalhos para: "REVISTA DA SEMANA — Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro — Certame Fotográfico". Convém escrever no envelope, com clareza, em lugar visível, o seguinte: "Pede-se não dobrar".

HOLLYWOOD PASSA A PERNA

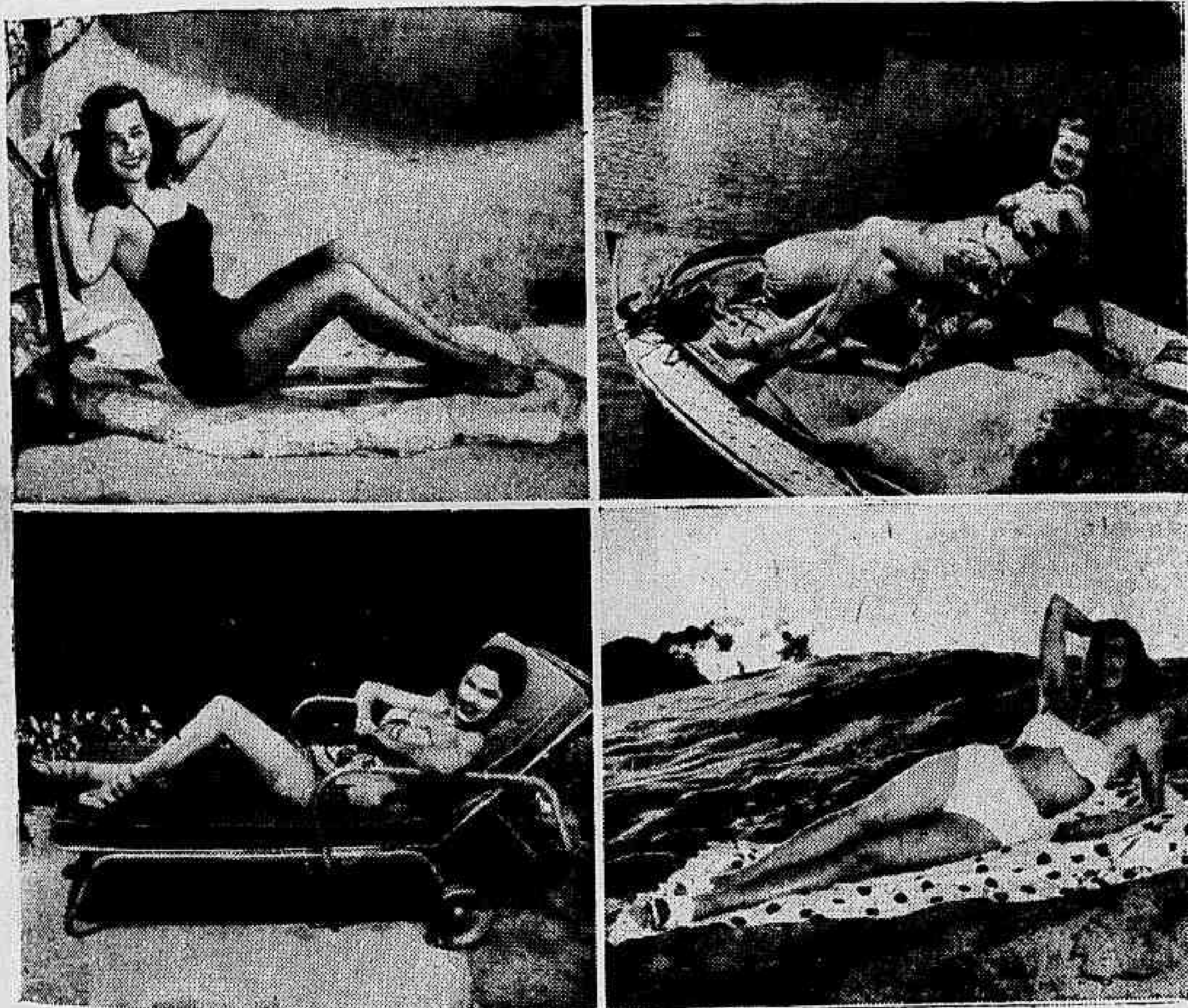
Reportagem de LEON ELIACHAR

Fotos 20th Century Fox

CERTO ou errado, o fato é que o cinema americano vai muito bem, obrigado. Há quem diga que existe, atualmente, uma forte crise de argumentos em Hollywood. Sou obrigado a contestar semelhante afirmativa. Em verdade, há, nos estúdios da Califórnia departamentos especializados em adaptar qualquer espécie de argumento às fórmulas já existentes. E há, também, por trás de tudo isso, um objetivo altamente comercial. Porque Hollywood, mais experiente do que ninguém, tem dado ao público o que o público realmente quer. Para isso, não são necessárias estatísticas nem consultas à opinião pública. E' a voz da bilheteria quem dita a moda. E Hollywood limita-se a obedecer o figurino.

Contudo, a grande fôrça que movimenta a gigantesca máquina de cinema americano é a propaganda. Peritos como ninguém na arte de «convencer» o próximo, êles sabem perfeitamente que a grande massa não está educada para o bom cinema. E nem sequer se preocupam em educá-la, com produções de quilate superior. Nada disso. Afinal de contas, é muito mais prático — e mais rendoso — obedecer às fórmulas já estabelecidas e fazer a sua produção em série. A quantidade tem dado provas de superioridade sôbre a qualidade. Na maioria dos casos.

Assim, Hollywood descobriu, muito fàcilmente, que o público gosta de ver pernas. Sendo a maioria do público frequentador de cinema composta de jovens adolescentes, adolescentes que se convencem em beber Coca-Cola ùnicamente porque a propaganda é feita por um cartaz de moça semi-nua, o problema fica logo resolvido aos cinco minutos de raciocínio: as pernas são o verdadeiro chamariz. Para movimentar essas pernas, existe um corpo de técnicos especializados para explorá-las. Desde o «caçador de talentos», que descobre as pernas das futuras candidatas ao estrelato, passando pelo teste de fotografia, de elegância, de caminhar corretamente, até à foto-



Em noventa e nove por cento dos casos, Hollywood contrata uma jovem para o cinema pela sua plástica. E, por isso mesmo, as que desejam vencer pelo talento iniciam cedo sua carreira. Charlote Austin, (17 anos) Helen Westcott, Joanne Dru, Hildegarde Neff e Constance Smith, (à direita) talvez esperem anos e anos por uma chance — que nem sempre aparece.

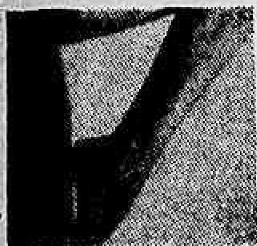


Um corpo de técnicos para movimentar a indústria dos membros inferiores ★

Uma canção, um sorriso, um penteado, tudo é pretexto para levantar a saia. ★

Nem sempre o talento está na cabeça ★

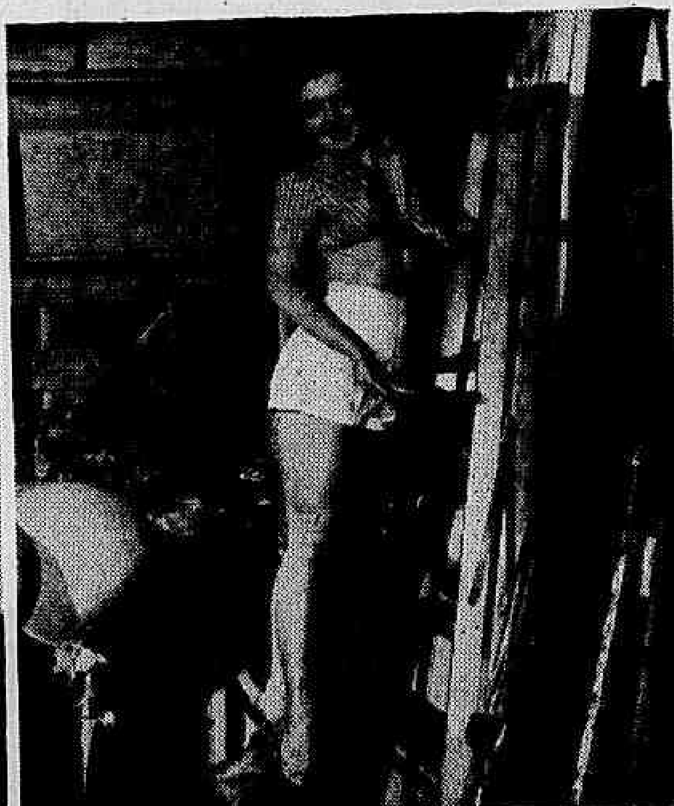
Hollywood sustenta uma tese: pernas. E as pernas sustentam Hollywood



hollywood passa a perna



A MODA é sempre um pretexto para exibir a plástica das futuras candidatas ao estrelato. Aqui vemos Charlotte Austin.



DEGRAU por degrau, elas sobem lentamente para as culminâncias da glória. Merry Anders, desconhece seu futuro, mas é paga para sorrir.



PENNY Edwards, como muitas outras, alimenta uma esperança: ser atriz. Mas não sabe se a câmara deixará, algum dia, de focalizar suas pernas.



TUDO é pretexto para e[illegible]s pernas. June Mc Call, de 17 an[illegible]ra algum dia abaixar a saia. Por [illegible]o, limita-se a obedece[illegible]

genia dos membros inferiores em technicolor, o objetivo é sempre o de salientar as pernas para vender a sua coca-cola. Centenas dêsses descobridores de talentos estão espalhados no mundo inteiro, frequentando, assiduamente, concursos de beleza, competições aquáticas, universidades, etc. Nunca é demais fazer contratos de pernas — mesmo porque, há a esperança de que, algum dia, o talento lhes suba à cabeça.

A maioria das pernas contratadas por Hollywood, sustentam corpos jovens, colegiais de 16 a 19 anos, que largam os estudos para dedicar-se à carreira cinematográfica. Muitas mesma, antes de ingressar no cinema, posam para capas de revistas — e fazem disso uma profissão, a chamada «cover-girl» (garôta da capa). Outras são modelos de casas de moda, cantoras de «night-clubs» ou secretárias de agências de seguros. De qualquer forma, o objetivo é sempre o cinema — e as condições para o ingresso, com raríssimas exceções, são sempre as mesmas:

A jovem crédula e ingênua que pisa, pela primeira vez, num estúdio cinematográfico para um teste, leva no peito um coração palpitante e na cabeça um mundo de sonhos. Quando é contratada, começa a ver seu nome faiscando, a gás neon, nos letreiros luminosos das fachadas dos cinemas. Afinal, ela dança, canta, sapateia, representa. Sim, será uma grande atriz. Beijará Gary Cooper, Humphrey Bogart, Tyrone Power, Robert Taylor. Arrancará lágrimas da platéia, receberá propostas de amor do mundo inteiro. Sob o pêso confuso de



HOLLYWOOD não se limita ao produto nacional; tem também carteira de importação e exportação. O movimento no cais e no aeroporto de Nova York é verdadeiramente assustador. Ava Norring veio da Hungria e seu passaporte foi: pernas. Visado, é claro.



A INDÚSTRIA DE PERNAS favorece também outras indústrias. Milhares e milhares de maiôs, de todos os tecidos e feitios, são vendidos anualmente no mundo inteiro, graças às fotos de propaganda, como êste que se vê no corpo de Joyce Mac Kenzie.



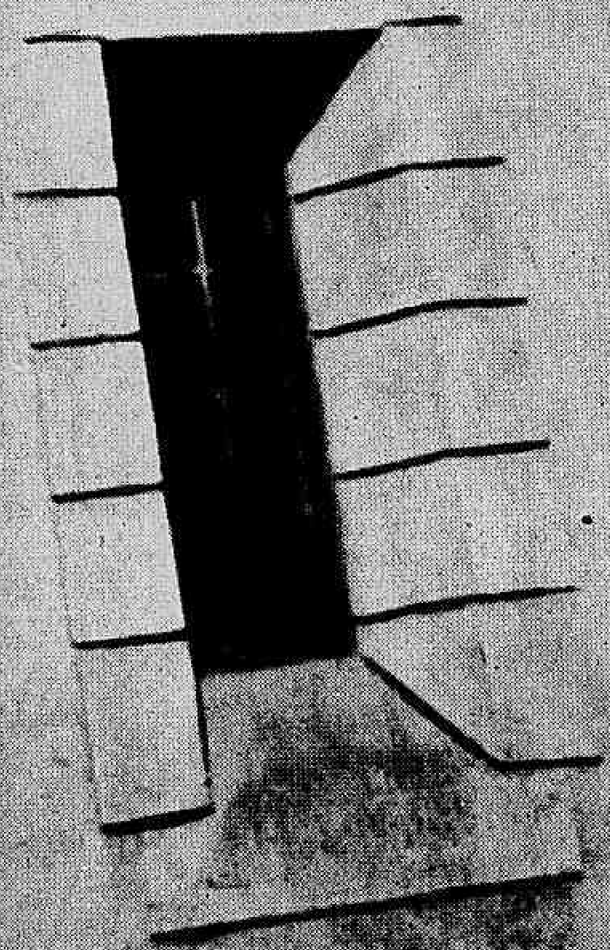
NOVOS ângulos são sempre estudados pelos técnicos da publicidade. Hollywood gasta milhões, anualmente, para lançar novas pernas no mercado.

OS PRODUTORES DESCOBREM AS ESTRELAS
E AS ESTRELAS DESCOBREM AS PERNAS!

hollywood passa a perna







Cêrca de 4 horas por dia, as estrêlas submetem-se a um trabalho exaustivo, sob possantes refletores, porque a máquina de propaganda não pára de funcionar. Para a futura estrêla, êste é o verdadeiro preço da glória.



O CINEMA tem seus paradoxos. Hollywodd faz a maquilagem do rosto — para realçar as pernas.

pensamentos que se baralham em seu cérebro, ela baixa os olhos. E é quando vê suas pernas e compreende que elas são tão bonitas. Bonitas ao ponto de terem lhe tirado, há poucos minutos, nada menos que 128 provas fotográficas — e apenas meia dúzia de seu rosto. Ela sabe, então, que, apesar de estar dentro do cinema — ainda está completamente fora. No estúdio, só serão notadas suas pernas — e se quiser ir mais além, terá de lutar, terá que se impor às próprias pernas.

Mas Hollywood não quer saber do drama pessoal de cada um. O cinema é uma fábrica como outra qualquer, que produz, ininterruptamente, emoções as mais diversas para vendê-las em latas ao mundo inteiro. Sua técnica, cada vez mais perfeita, supera-se a si mesmo para êsse fim. E assim como criou a indústria do crime, compreendeu que a indústria das pernas é, também, um negócio rendoso. E muito embora nem todos os seus filmes comportem bailados e exibições de epouca roupas, a publicidade se encarrega de despir as estrêlas para as fotos de divulgação. Isso lhes garante uma propaganda permanente em jornais e revistas. Porque o mundo está ansioso de pernas, quer ver pernas, e Hollywood lhes proporciona essas pernas, através de suas lentes miraculosas e seus possantes refletores. Porque tudo é um comércio. E Hollywood, mais do que ninguém, encontrou várias formas para ganhar dinheiro. E explora essas formas. Como se vê.



NEM SEMPRE a candidata ao estrelato tem pernas bonitas. Nesse caso, os fotógrafos sabem qual o ângulo que lhe vai melhor. Mas uma coisa elas sabem fazer: sorrir. Porque é dêsse falso sorriso que depende o seu êxito.



AS FOTOGRAFIAS americanas atingiram o máximo de perfeição, tanto e qualidade como em quantidade. Isso garante a Hollywood uma eterna div gação de seus produtos nas capas de revistas. As pernas sempre atraem o públi



O TALENTO dramático também é reconhecido em Hollywood. Mas as pernas dão o primeiro passo. Um corpo jovem e lépido, um sorriso gracioso e simpático, têm de ser sustentados por um par de pernas descobertas.



SETENTA por cento da produção fílmica de Hollywood explora as pernas, prêto-e-branco e em tecnicolor. Mas os outros 30 por cento lhe garantem o vilégio de ser «o melhor cinema do mundo».

TEATRO-REVISTA

RAINHA DA GRAÇA E DA SENSIBILIDADE, QUE VIVE DA POESIA E PARA A POESIA, NOS CONCEDE UMA ENTREVISTA.



Direção e legendas: ROBERTO LOBO

Fotografia: MOZART

Principal intérprete: LUDMILLA

Um grande espírito numa grande dama. Ela nos recebe à porta, com sua cativante simplicidade, permitindo-nos beijar-lhe as mãos.





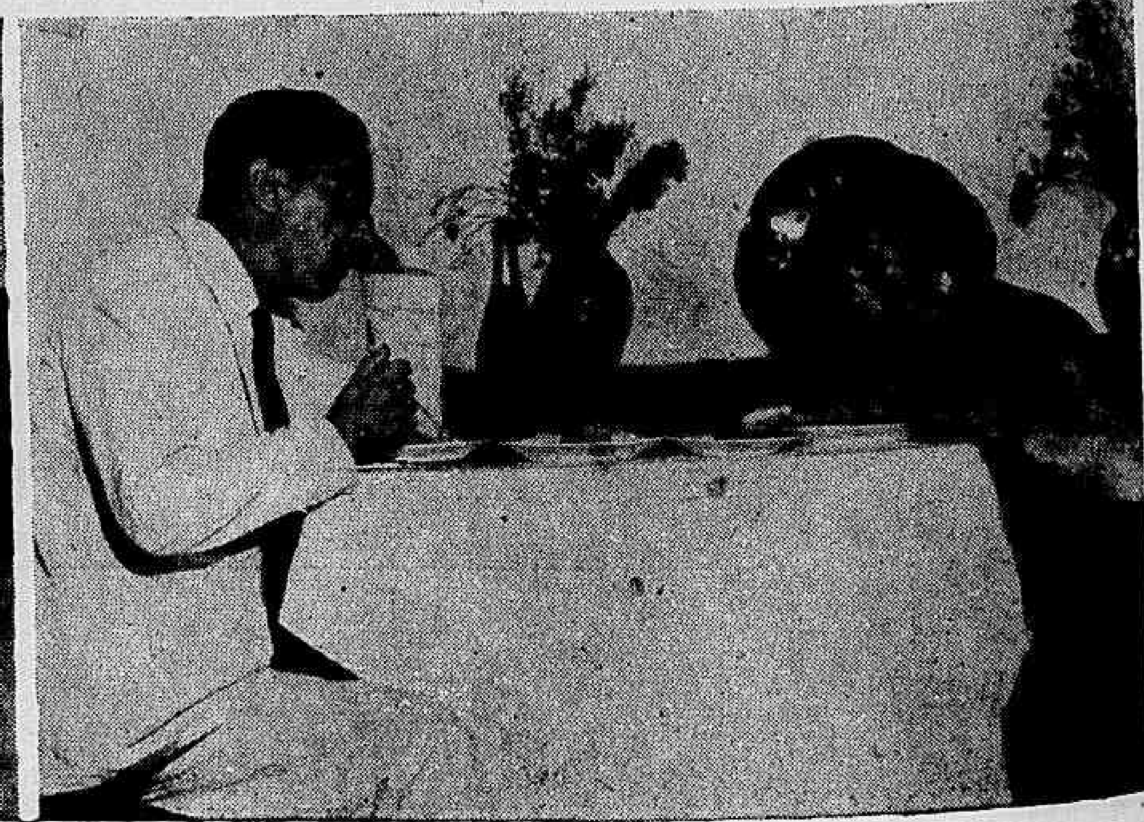


E declama pela milésima vez (o poema é portanto milionário), e só para nós. "A Avinha que voa, que voa sempre a voar, um belo dia voando.

3 Encontra um gavião. Bichão. Papão. Zangado. De bico prêto. De pés prêtos. De cara preta. Não. De cara azul. Brrrr... Vou te comer.

4 Chih! A avinha morreu? Quase. Não diga. Digo. Mas, fugindo, a ave ruma para Arariroba, Arariroba, Arariroba. O disco rachou."





E' assim, bem assim, nesse abandono assim das coisas materiais, longe do mundo, assim, é assim que ela compõe os seus poemas místicos.

6 E tanto insistiu, tanto insistiu, que não nos foi possível deixar de almoçar com ela. Pronto... Quanta poesia perdida, madame...

O CORAÇÃO DISTRAÍDO

Conto de W. A. MITCHELL

AS caixas em feitio de coração (1) cobriam duas longas mesas armadas sôbre cavaletes no andar térreo dos estabelecimentos Brentano, e não havia entre elas, naturalmente, nenhuma daquelas maravilhas mecânicas do período de 1910 a 1920, que se abriam com um estalo e revelavam, com todo o encanto da perspectiva estereoscópica, um bote, um cisne e um portão de jardim. Imagino que Morison Tyler, quarentão com uma preferência feita de simplicidade e emoção pelas coisas do passado, tenha pensado com os seus botões que nunca conheceu aquelas lembranças de São Valentim, com botes, cisnes e jardim, não sente realmente falta delas. Isso até pode ser considerado uma vantagem, julgou, pois quanto menos se sabe dos tempos antigos mais fácil é ser feliz nos dias presentes, que são os que nos vemos obrigados a viver sem faculdade de escolha. Por outro lado, não lhe parecia provável que daqui a trinta anos venha a ocorrer a qualquer um procurar saudosamente exemplares dos insípidos cartões comemorativos que ali se achavam expostos à venda. Mesmo naquele momento ninguém lhes dava atenção, na realidade. Êle era o único freguês naquela parte da loja.

Recordou repentinamente uma velha papelaria da Avenida Lexington que costumava vender pequenos presentes comemorativos do dia, no estilo antiquado mas não, não serviriam, seriam excessivamente gênero antigo, do último modêlo vitoriano, e também caríssimos. E estava chovendo e não tinha tempo durante o horário do almôço para ir até lá. Por isso resolveu escolher um dos cartões que havia ali, com uma vagem verde pintada, dentro da qual duas sementinhas de ervilhas se aconchegavam, e a legenda: "Seja minha, Valentina!"

O vendedor entregou-lhe o cartão acondicionado num envelope, e o trôco, e êle se dirigiu para as estantes de brochuras. Correu tôdas as prateleiras, examinando os títulos, por uns dez ou quinze minutos, decidindo-se afinal por cinco aventuras policiais e dois romances. Numa mesa próxima havia uma seleção de livros artísticos remarcados, com a indicação dos preços: curvou-se ràpidamente para um grande volume sôbre Jean Fouquet e outro sôbre pintores franceses da Idade Média. Ao sair do estabelecimento meteu os dois pacotes de livros, com o cartão entre êles, por baixo da capa, para que a chuva não estragasse os invólucros. Estava com pressa — tinha ainda que comer e passar pelo banco e chegar ao escritório às 14,30 — mas quando viu do outro lado da 5ª Avenida a fachada vermelha de uma casa de bombons hesitou, atravessando depois e parando para examinar o arranjo da vitrine.

Variavam consideràvelmente os preços das caixas em forma de coração. Por doze dólares e cinquenta cêntimos podia-se comprar um ornamental coração de pelúcia escarlate atravessado por uma seta de metal dourado; por seis e cinquenta, um em tafetá vermelho; e por cinco um em moiré (segundo informava um cartaz) branco coberto de rosas artificiais vermelhas. Os corações de papel dourado eram para quatro dólares e setenta e cinco. Os de papel vermelho com rosas brancas para quatro dólares e um quarto. E os de simples papel vermelho, sem adôrno, do tipo comumente exposto em tôdas as casas do ramo naquela época do ano, para dois dólares e um quarto. Tanto quanto Tyler podia concluir, os chocolates no interior de todos eram da mesma qualidade.

Olhou as horas no relógio de pulso e entrou na loja, pedindo um dos corações de cartolina simples. Uma das empregadas alcançou um, dentro de uma caixa, e êle fêz um gesto apressado para apanhá-lo. Mas a rapariga se pôs a embrulhar displicentemente a caixa em papel branco plissado. Tyler olhou de novo para o relógio e quando a moça se preparou para amarrar o embrulho com uma fita vermelha êle disse: "Não tenha o trabalho, vou levar assim mesmo como está". Embora tempo valha dinheiro para muita gente, evidentemente não valia para a balconista e ela tinha ainda que zelar pela honra da casa. Amarrou, pois, o pacote com um laço perfeito e protegeu a embalagem de presente com papel e barbante comuns. Quando Tyler afinal pôde sair lembrou-se de que ainda tinha uma compra a fazer, mas esta teria que ser deixada para a noite.

Tyler e a mulher haviam morado no campo durante os últimos seis anos e tinham perdido o hábito dessas comemorações anuais. No inverno, o longo percurso de trem num vagão aquecido era prejudicial às flores e no verão o jardim tinha abundância de flores para serem colhidas, de modo que não haveria sentido em comprá-las na cidade. Êle poderia (e deveria) ter comprado bombons de vez em quando para Lois, pensava agora, mas é que era sempre obrigado a correr para não perder o trem das cinco e vinte e quatro, não passando por nenhuma casa de balas quando ia do escritório até à Estação Central. Naquele in[illegible] haviam fechado a casa no campo e alugado por três meses um apartamento na cidade, para variar um pouco, de modo que lhe sobrava tempo para agir galantemente.

Às cinco e um quarto, quando Tyler deixou o escritório com os bombons, os livros e o cartão de novo sob a capa, chovia ainda, e grandes flocos de neve caíam com a chuva. Êle ia ziguezagueando de sul para leste e chegou a uma pequena casa de flores na 3ª Avenida. Não eram muito bonitas as flores, mas Lois tinha pena da italiana velha que tomava conta do negócio e preferia flores dali, embora não muito frescas, às de qualquer outra casa. A velha não estava presente naquela tarde, o homem de meia idade que a substituía não era de tipo a despertar simpatia mesmo nos mais sensíveis, nem de ligar a isso. Caberia muito bem num filme de "gangsters". O primeiro olhar de Tyler sôbre a mercadoria foi desencorajador. Deveriam melhorar, pensou, pelo menos no dia de São Valentim. As anêmonas já começavam a murchar e deixavam cair as pétalas. As rosas, na geladeira, haviam desabrochado demais. Haviam belas palmas, mas Lois detestava-as, e lindos junquilhos, que não eram próprios para a ocasião. Afinal, Tyler escolheu uma dúzia de cravos rubros e pediu um galho de mimosa. "Não sei se ficará bem para dia de São Valentim", observou quando viu as flores sendo envôltas em papel verde. O florista resmungou e juntou alguns verdes.

Tyler pagou, levantou a gola da capa e, carregado de ofertas de São Valentim para a mulher mais amada que homem já teve, saiu para a noite especial. Quando chegou ao vestíbulo do edifício de apartamentos uma mulher acabava de abrir a porta de dentro, mantendo-a aberta para êle passar. Por sua vez, êle abriu para ela a porta do elevador automático. Quando a porta se fechou ela o observou curiosamente.

— Três — disse êle.

— Vou também para o terceiro — disse ela.

Êle apertou o botão e quando o ascensor se movimentou ela se manifestou, olhando para o cone de papel que êle segurava com a mão esquerda:

— Que bom, flores numa noite assim!

— E' por ser dia de São Valentim — explicou Tyler.

(Cont. na pág. 50)

1 — (N. do Tr.) — Nos Estados Unidos o dia de São Valentim, 14 de fevereiro, é comemorado como o dia dos namorados, que trocam presentes. Os homens homenageiam as suas eleitas com caixas de bombons ou outras lembranças em forma de coração.



Ilustração de OSWALDO DA CUNHA

SUGESTIVOS





Modelos simples, elegantes, para senhoras como para senhoritas, seguindo as duas tendência da moda: *a linha justa* e *a de saia em campânula*

SONHOS DE GLÓRIA













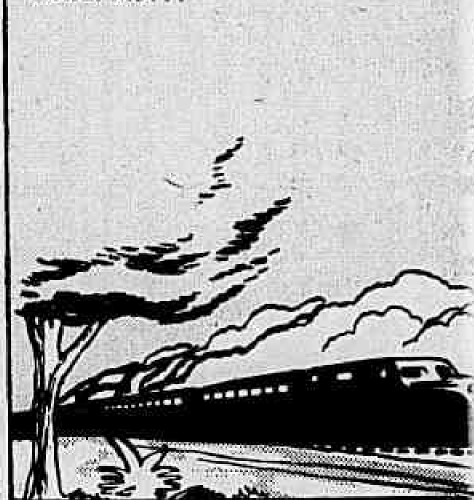










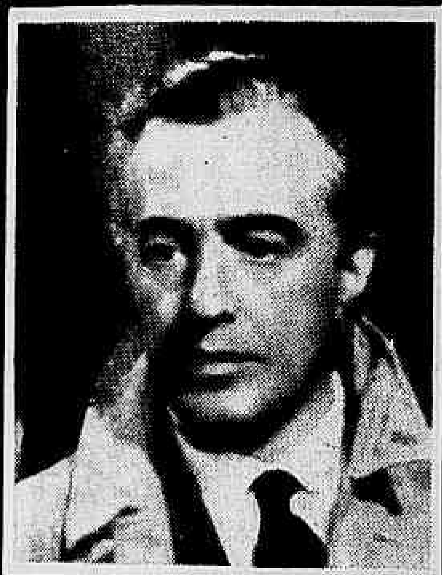








PIER ANGELI
A infância abandonada.



VITTORIO DE SICA
O professor compreensivo



GABRIELE DORZIAT
O freio do progresso.



LOIS MAXWELL
O idealismo frustrado.

"A época mais importante da vida é a infância, quando a criança começa a modelar-se por aquêles em cuja companhia vive. Todos os mestres que se seguem ao primeiro, exercem menos influência do que êste, e se considerarmos a vida como uma instituição de educação, um circunavegador do mundo será menos influido pelos paises que percorrer do que por sua alma." RICHTER.

AMANHÃ SERÁ TARDE DEMAIS

(Domani é troppo tardi — Art Films)

RARAS vêzes o cinema exerce a função que deveria exercer: educar, instruir e divertir ao mesmo tempo. Quando muito, apresenta apenas dois dêsses requisitos. "Amanhã será tarde demais" alcança perfeitamente os três objetivos. Desde a sua intenção, de apontar o problema da educação infantil, até a sua realização como obra de arte cinematográfica, é alcançada plenamente. O que o filme visa, pròpriamente, é a educação sexual da criança. A tese apresentada é que essa educação deve ser ministrada na escola e completada no lar, no momento oportuno. Por isso mesmo, a explicação inicial é perfeita: 'Êste é um filme dedicado às crianças... e aos adultos que já esqueceram que também foram crianças".

No mundo em que vivemos, impregnado de sexo, a criança sente o impulso e não sabe de que provém, como provém e para que provém. Segundo Freud, êsse impulso é o próprio instinto sexual que já nasce com a criança e, ao atingir a puberdade, se desenvolve com mais intensidade. Nessa idade, em que a criança começa a perceber as coisas, o sexo lhe continua sendo um mistério insondável, que ela procura descobrir por sí. Sem uma orientação, os instintos da criança em nada podem diferir dos instintos animais. A cada passo, nas esquinas, um cartaz de mulher nua lhe desperta o sexo. As revistas ilustradas, as histórias em quadrinhos, as conversas sujas que ouve nas ruas, lhe dão uma vaga idéia e uma noção muito errada do sexo. Desperta-lhe assim uma curiosidade que ela própria procurará dissolver. E isso, fatalmente, a um caminho errado. Porque não se pode deixar para mais tarde o mal que pode e deve ser evitado hoje. A educação sexual é uma matéria como outra qualquer e, quiçá, a mais importante. Porque é dela, exclusivamente, que depende a formação do caráter do indivíduo.

Em linhas gerais, é isto o que pretende o filme. O argumento, que prende a atenção do espectador para uma história profundamente humana e comum, não o deixa de se afastar um só instante do problema sexual da criança. O pudor, a vergonha, o meio de ferir o problema de frente é que é o responsável direto da má educação na formação da mentalidade juvenil. O amor de Mirella e Gino é puro e inocente, como todos os amôres de adolescentes.

E uma educação sexual se torna necessária para ambos, a fim de evitar erros que permanecerão marcados em suas mentes para o resto da vida. Porque a cicatriz do espírito é mais árdua e mais penosa que a cicatriz física. Nem todos os remédios podem ser administrados igualmente a cada paciente. E uma pessoa com recalques, com complexos, devido à uma educação em sua infância, não é mais que um doente desajustado no meio da sociedade — essa mesma sociedade que cria as doenças e não sabe como curá-las.

Leoni de Moguy, o diretor, não é apenas um psicólogo, um conhecedor de almas. E', antes, um poeta. As cenas de amor entre os dois jovens são qualquer coisa de extraordinário, dentro do que já vimos no cinema. As minúcias e os detalhes o conduzem à perfeição absoluta. E a sua câmara fica como que extasiada, perplexa, fitando de perto os olhinhos inocentes e curiosos da jovem Mirela, como que tentando penetrar-lhe no coração palpitante. Para ela, tudo é mistério. Ela sente, apenas. E o espectador chega a sentir por ela, sofrer com ela. Tem a vontade de estender-lhe a mão, ajudá-la, dar-lhe um amparo, uma explicaçãozinha que seja, para não vê-la torturada diante de um fato simples, como é o amor, mas que os homens adultos insistem em complicá-lo com a sua filosofia, adquirida, certamente, à custa de recalques provenientes de uma infância desamparada pelas leis nocivas do falso-pudor e da falsa moral. Dessa mesma filosofia que brutaliza o amor pela ignorância, conduzindo à desonra, ou o transforma em ódio, levando ao crime. Sim, Leoni de Moguy é um poeta. Porque só um poeta poderia arrancar poesia das cenas que poderiam ser chocantes nesse filme e que êle transforma em versos, suaves em lágrimas tênues que se diluem brandamente nas imagens. Mirella e Gino representam, a infância de ontem e de hoje — e que êle tenta evitar que seja também a de amanhã. — Uma infância incompreendida e sem protenção. A diretoria do colégio, com sua mentalidade retrógrada, e o professor Landi, homem vivido e experiente, são as duas correntes em choque. Mademoiselle Ana, jovem professôra recém-formada, representa a nova geração que não pode pôr em prática os ensinamentos adquiridos e que se vê prejudicada na luta pelos seus ideais. Franco, o menino "sabido", espertalhão e precoce, bem denota o homem que será no futuro — se um freio não segurar-lhe as rédeas. Todos êsses tipos estão bem marcados e não podem passar despercebidos. Porque são um reflexo da própria vida que vivemos, com os mesmos erros, os mesmos vícios, e a mesma displicência.

Aquí, dificilmente veremos os artistas senão os próprios personagens que vivem. Pier Angeli, em seu primeiro filme, é uma verdadeira revelação, dentro dos seus 15 anos (hoje ela tem 18). E' a menina adolescente que ama, silenciosamente, que vive assustada com o seu futro. (Cont. na pág. 50)

L. E.



O AMOR INOCENTE
Pode ser perigoso.



A EDUCAÇÃO SEXUAL
Deve ser ministrada.

cine-novela

REBENTO SELVAGEM

(LE GARÇON SAUVAGE)

ELENCO:

Mário	MADELEINE ROBINSON
Simon, seu filho	PIERRE-MICHEL BECK
Paul	FRANK VILLARD
O Capitão	HENRI VILBERT
Uma prostituta	DORA DOLL
Gilles	BEAUCHAMP
Annie Flynt	JANINE MILLER

Inspirado no romance de EDOUARD PEISSON ★ Adaptação cinematográfica de JEAN DELANNOY e HENRY JEANSON ★ Distribuiu da FRANÇA FILMES Direção de JEAN DELANNOY

A carriola sacolejava pelo caminho tortuoso e pétreo que subia através de uma região selvagem. Nenhuma flor. Apenas uma erva sêca e rara surgindo por entre as fendas rochosas. Lá de cima, o duro e causticante sol da Provença curvava as cabeças dos dois viandantes. Dá no mesmo — falou a mulher após um pesado silêncio apenas interrompido pelo ranger dos pedregulhos sob as rodas do carro e as ferraduras da mula — dá no mesmo; antes de mandar o menino para a companhia dêsse homem, o senhor deveria ter pedido a minha opinião! — Era jovem, loura, trajava-se com um rebuscamento algo gritante a contrastar com a indumentária do camponês, calças de brim e camisa aberta. Ela guardava, no enatnto, um ar gentil e sedutor, mesmo nesse flamejamento de cólera. — E'... — resmungou êle de mau humor — mas o menino já estava conosco há tanto tempo... Quando vimos que a senhora não mandava o dinheiro do trimestre... Mas, não tenha receio, Gilles é um bom homem... — Isso era certo. Ela bem o viu ao chegar à choupana do pastor, quando se defrontou com aquêle velho alto e sêco, tisnado de sol, uns olhos claros de antigo marujo. — Chamo-me Marie sou a mãe de Simon... Êle está? — O garôto chegou em breve trazendo carneiros. Era bronzeado hirsuto, sujo mas soberbo. Marie extasiava-se: — "Como estás crescido para os teus doze anos... Tu me reconheces?... Anda, dize, gostas de tua mamãe?... Mas que é isso? Nem ao menos sabes beijar? Que selvagem... Olha, trouxe-te brinquedos. — Simon, intimidado, quedava-se mudo diante do presépio de papelão e do cavalo de pau saidos da maleta e ridículos em semelhante lugar. Êle não conhecia senão animais de verdade, os carneiros e a cadela Duquesa, ao lado dos quis passou junto de sua mãe, sôbre uma enxerga, a sua derradeira noite nas montanhas. Vinda a manhã, partiram. Marie levava seu filho para Marselha... Já no trem, quantas surprêsas para Simon! Os automóveis, tôda aquela gente... E a estação de Saint-Charles, e tráfego da grande cidade, as lojas e até mesmo os cestos do mercado, no velho bairro onde Marie tinha a sua morada, num quarto andar aberto sôbre um estreito beco tortuoso e íngreme... A' sua chegada, vizinhas, transeuntes interpelavam-na: "Então, beleza, é o teu novo apaixonado?... E' meu filho — respondia ela sorridente e altiva. Marie mostrou-lhe as venezianas cerradas de seu quarto. Uma vez vencida a escada, abriu-as largamente iluminando um aposento bem limpo que ofuscou o garôto. Movéis brilhantes, uma Virgem colorida, um rádio toalhas de renda e um leito; um grande leito baixo que parecia encher todo o quarto. Pouco depois, no banheiro: — "Mamãe, que recipiente é êsse? — Que recipiente que nada! E' uma banheira! Lavado, esfregado, Simon ouvia o programa: viveriam sempre juntos. Dormiam em um pequeno quarto perto da cozinha. Seriam muito felizes. A campanhia soou. Surgiu um homem vestido com apuro, aparentando uns quarenta anos: — Perdão... Como eu vi as venezianas abertas... — E' meu filho, explicou-lhe Marie. Venha de noite... De noite, nessa primeira noite, Marie, maternalmente meiga, acariciava Simon quando soaram passos na escada. Era o homem. Marie deu um último beijo no rosto do filho: Boa noite, querido... E no limiar da porta; Boa noite, querido — repetiu ela em outro tom. Acima de sua cabeça, antes de adormecer, Simon ouviu risos furtivos, depois de um ruido sêco: Marie fechava as venezianas... Pela manhã, e por tôdas as manhãs subsequentes, êle despertava embriagado de sua felicidade nova. Sua mãe o levara ao cabelelreiro; um amigo. Levara-o em seguida a uma loja onde lhe comprou um formoso traje de marinheiro ao qual não faltou nem mesmo o gorro de estílo. Mas sua grande alegria fôra, sobretudo, a descoberta do mar, durante um passeio que fizeram de automóvel. Era ainda um amigo o cavalheiro que os conduzia. O pugilato de Simon com um vádio que atirara um rato morto no colo de Marie fôra a única nuvem a empanar todos aquêles prazeres: "Não quero que toquem em minha mãe! Dizia surdamente o pequeno, com os olhos iluminados por uma chama negra. De volta, Simon demora-se um pouco na rua. O outobobilista entrara com sua mãe. Lá no alto, as venezianas bateram... A criança não dera importância ao caso. De pé já bem cedo, corria em busca do café, dos biscoitos, do correio. Uma carta, a conta da eletricidade, surpreendeu-o. Marie explicou-lhe: — Mas sim, tudo é pago, a luz, o gaz; a água... E onde arranjarás dinheiro, mamãe? — Bem... eu trabalho... Faço negócios!... Acaba de comer, vamos à Nossa Senhora da Guarda: Uma tarde, pararam numa praça para comprar sorvete: ainda uma revelação para o jovem Simon. — Aí estava, a uma das mesas dispostas ao ar livre, um homem de bigode tratado, elegante, gravata onde brilhava uma pedra rara, no pulso um bracelete de ouro. Moças de cílios pintados e lábios em sangue o cumprimentavam: Bom dia, senhor Paul. Marie abriu a carteira, tirou um cigarro. Paul ofereceu-lhe o fogo de seu isqueiro em sua mão repleta de anéis... Não agradou à Simon, aquêle senhor Paul. Via sua mãe nervosa, perturbada... completamente outra... E Simon sentia que era por causa daquele homem. — Toma, vai comprar um doce — disse Marie dando-

"Não agradou ao pequeno, o senhor Paul.







lhe dinheiro. E, rápida, seguiu sòzinha. No dia seguinte, Simon já não se surpreendeu ao vê-la agitar-se dentro de um vestido novo. Começava a compreender. — Depressa Simon, temos uma pessoa esperando por nós... Ah!... E' o homem que te ofereceu fogo ontem, ein, mamãe?... — Sim, era êle. Ainda êle. Nêsse primeiro dia, no táxi, o garoto olhava pela vidraça para não ver a mão de sua mãe crispada no joelho do senhor Paul. Foi-lhe preciso almoçar com êle, jantar com êle. Sua mãe cobria o intruso com o olhar. Simon entrou com êles em casa, ao anoitecer... e refugiou-se na solidão de seu quarto. — "Oh, coitadinho, eu tinha esquecido de te dar boa-noite!" — Era a sua mãe que descera, mas para apanhar uma garrafa de champanha. Logo tornou a subir, rápida e leve. No dia seguinte, Simon não tomou café em sua companhia. Cançada, lânguida, remexendo-se no leito, ela o mandou embora: — Vai brincar, sê bonzinho... Vai... Por muito tempo êle perambulou, melancólico e triste, ao longo do cais e à margem do rio. Foi a primeira de suas longas caminhadas plena de devaneios, de longíquas viagens imaginárias... Quando regressou, encontrou o senhor Paul em seu próprio quarto. Ouvia-se lá de cima a voz de outro homem no quarto de sua mãe, o que não parecia perturbar o belo amante. Êste tentou domesticar o menino selvagem. Vou mostrar-te uma coisa. Olha, escolhe uma carta... Mas Simon nunca tinha visto um baralho em sua vida e fixava um olhar sombrio em seu rival no coração materno: E' verdade que o senhor é marinheiro; — Foi tua mãe quem disse? Sim, é verdade. Devo embarcar no "Galliéni", um navio que vão lançar... O homem de cima foi-se embora. O senhor Paul estendeu a Simon uma nota de mil francos estalando de nova: toma, vai-me comprar uma garrafa de vinho... Algum tempo depois, o pequeno achou-se a sós na cozinha. Procurava alguma coisa quando Marie e o senhor Paul entraram na peça ao lado. — Mandarei pintar tudo, instalar um divã — dizia ela. Estarás bem aqui... perto de mim... Simon irá para um colégio interno... Amorosa, ela chegava-se a êle. O homem atirou-a sôbre a cama de Simon, que, perturbado, deixou cair uma garrafa, traindo a sua presença. Tôda corada, Marie pôz-se a falar num tom de volubilidade: — Estavas aí? Por que não dissessete? Falavamos a teu respeito, eu e Paul. Conheço uma boa escola, um internato que... A instrução — sentenciou Paul — é tudo na vida! — Nesse mesmo dia, Marie foi ao cabeleiro. Uma outra freguesa tagarelava ao telefone. Era Annie Flynt, a cantora do cabaré "A Escala". — E's tú Paul?... Sim, eu te adoro!... Vem esta noite ao "Escala..." Tú não estarás sòzinho? Não tem importância... Nós arranjaremos uma horinha... O empregado do cabeleleiro disfarçava o riso enquanto soprava ao ouvido de Marie: — Essa Annie Flynt... enrabichou-se por um tipo. Êle se diz marinheiro e que espera o lançamento do "Galliéni" para embarcar. Ora essa!... Um barco que não entrará para os estaleiros antes de cinco anos... — Nessa noite, o senhor Paul conduziu Marie ao "Escala". Indo ao telefone, surpreendeu-a tentando estrangular a cantora Annie Flynt. O homem interferiu e Marie largou-a após aplicar-lhe a corrigenda de um par de tabefes. No mesmo momento, o bravo capitão de um cargueiro corso fundeado no cáis ouviu um ruido na água negra, perto da prôa de seu barco. Êle atirou-se, mergulhou... Um garoto, surgiu desmaiado em seus braços. O homem reanimou Simon, o garoto, vestiu-lhe a roupa sêca, deu-lhe de beber um pouco de rum. O ambiente era doce e calmo no camarote envernisado. O marujo, delicadamente, interrogou a criança — "Não tens pai?... E tua mãe?... — Não sei... Anda por aí... Diante do homem comovido, êle, entretanto, erguia a cabeça, afirmava que caira nágua por acidente. Foi também o que disse à sua mãe, já bastante inquieta, ao entrar em casa. O senhor Paul acabara de partir batendo a porta, furioso com a cena do "Escala". Houve, então, uma lua de mel entre Marie e o filho. Simon julgava que o intruso partira para sempre. Assim, quando seu amigo, o capitão, lhe ofereceu engajamento a bordo de seu navio, êle disse: Não, mamãe precisa de mim... Mas a sua mãe vivia agora chorando. Tôda noite ia procurar o amante pelos cafés do pôrto, chegando ao ponto de mandar o próprio Simon procurá-lo. Êste acabou esbarrando um dia com o seu grande inimigo. — "Ah, estás a minha procura?, disse o senhor Paul, triunfante. E tua mãe?..., — Não encontrei ninguém — afirmou Simon à sua mãe apesar de vê-la banhada em lágrimas. Certa noite, ao regressar, Simon encontrou Paul ao lado de Marie. Perto, o leito em desordem. Pobre Simon! Tão alegre vinha; trabalhara a bordo do barco de seu amigo e ganhara o seu primeiro dinheiro. Seu primeiro pensamento fôra o de convidar sua mãe para jantar... Em lugar disso, as reprimendas... E de quem!... Por que não disseste à tua mãe que me tinhas encontrado num café? Não tens coração? Para mim minha mãe é sagrada! — Ou vir tal coisá do senhor Paul!... E ver sua mãe aprovar tais palavras... Louco de dôr, Simon correu ao pôrto, resolvido a embarcar, mas o cargueiro corso acabava de levantar ferros... Era necessário que Simon suporatsse ainda o inimigo. Êle possuia, ao menos, uma arma guardada em segrêdo. O dono do bar tinha-lhe dito: "Menino, aquela nota de mil com que me compraste uma garrafa de vinho... Lembras-te? Pois bem, era falsa. Marie reembolsara o vendeiro sem

Via sua mãe nervosa, perturbada"...



Rebento Selvagem







nada dizer ao senhor Paul. Suas preocupações eram outras. No café que êle frequenatva em companhia de amigos, uma prostituta gritava aos quatro ventos a sua ligação com o "marinheiro" Paul. Mas êste nem por isso deixava Marie, e nessa noite convidou-a, e também a Simon, para jantarem com êle em um restaurante de primeira. Essa noitada familiar acabou mal. O senhor Paul quis por brincadeira, obrigar Simon a beber. Um criente revoltado, interveiu, insultou-o. Acovardado, humilhado, o senhor Paul, aquietou-se. Ansioso por ir embora, abriu a carteira e pagou a conta. A nota foi-lhe devolvida: era falsa. E a sua raiva explodiu quando já estavam em casa... mas as vitimas foram apenas os móveis indefesos... E' mais fácil... — disse Marie num desabafo. Furioso, êle bateu-lhe. No instante seguinte Simon atirava-se sôbre êle, empunhando sua velha faca de pastor. O senhor Paul não teve mais que um arranhão no dedo, e já Marie desarmava o filho, esbofeteava-o, expulsava-o do quarto; Simon rugiu: — Hei de matá-lo! — No dia seguinte sem nenhum receio, o pequeno pediu ao senhor Paul a devolução de sua faça, uma recordação do velho Gilles. O intruso ergueu o punho cortado. Se me tocar, disse o garôto, eu o denuncio. Tenho comigo a sua nota falsa de mil francos, a da garrafa de vinho... O senhor Paul ameaçou, tornou-se conciliatório, ofereceu uma nota verdadeira em troca da falsa. Tudo inútil.

Acabou devolvendo a faca. Durante a noite, porém, Marie foi falar com Simon em seu quarto, suplicando com lágrimas nos olhos, na angustia de seu amor insensato: e Simon, dá-me a nota, bem sabes que eu preciso dela... Então, envergonhado por sua mãe, o pequeno entregou o que ela lhe pedia. Passou a noite em claro e, apenas amanheceu, dirigiu-se ao pôrto, onde encontrou o capitão, que regressava da Córsega. Indagando sôbre a próxima partida do navio, soube que o cargueiro tornaria ao mar na noite desse mesmo dia. Quando o menino o deixou, o capitão notou que o seu revólver tinha desaparecido. O olhar de Simon não o enganara e êle correu à casa de Marie. As venezianas estavam cerradas, um murmúrio passava através da porta. O punho robusto do homem do mar abateu-se: a porta abriu-se. Por fim, Marie apareceu, semi-nua, os cabelos em desalinho. O capitão contou-lhe o que se passara. — Meu Deus!... gemeu ela empalidecendo. Eu sei o que êle vai fazer. Vou correndo procurá-lo. Peço-lhe... procure-o também: Caso o encontre, telefone-me para o Café Inglês. Pergunte por Marie... Sim... Sòmente Marie. — Era o Café Inglês uma espécie de quartel-general de Paul e de seus amigos, amigos que êle não cessara de acusar perante Marie, acabando por confessar-lhe que todos, inclusive êle próprio, pertenciam a uma quadrilha de moedeiros falsos. As ameaças de Simon, as suspeitas no restaurante, a vigilância que êle sentia cada vez mais ativa, tudo o alarmava. E, após uma noite de insônia, o senhor Paul saiu muito cêdo, dirigiu-se imediatamente à polícia e denunciou todo o bando. — Bem, disse o Comissário com desprêso: agora um conselho larga-te para Paris! Se nós não os apanharmos, êles te apanharão... E o senhor Paul decidiu participar aos seus amigos e cumplices que teria de fazer nessa noite uma viagem à Toulon, onde precisava ver um amigo. Chegou ao Café Inglês quando Marie, desorientada, procurando-o a fim de preveni-lo dos intentos de Simon, acabava justamente de sair. Em vão; ela interrogara os componentes do bando, inclusive Luccioni, o chefe; nenhum de vocês viu Paul? Êle saiu muito cêdo hoje pela manhã, responderam... Logo depois entrou Paul e disse fingindo displicência: Dormi agora com a Marie... Num relance, Luccioni tudo advinhou. Quando Paul saiu, após ter anunciado sua pretendida viagem à Toulon, êle dirigiu-se ao lavatório. Era tempo. Os policiais, surgindo de vários lados, foram arrebanhandos os demais cumplices. Nesse interim, o senhor Paul caminhava sem ver Simon, que o seguia com astúcia de índio. Foi diante da casa da meretriz loura do Café Inglês, que o inimigo se dirigira em busca de subsídios, que o garôto se ergueu de súbito, a arma alta, e atirou. A bala chamuscou a roupa de Paul, que logo se atirou sôbre o pequeno. Que fazer? Mas o tempo urgia, o perigo aumentava. Paul soltou Simon. E disse: desaparece, patife! — Não tinha tempo a perder se quisesse apanhar o trem de Paris. Correu ao hotel a fim de arrumar as malas. Foi alí que Marie por fim o, encontrou, alucinada e desfeita. A um chamado do Capitão, ao lado do qual Simon se tinha refugiado, ela vira seu filho adormecido, exausto das aventuras do dia. Consentira em deixá-lo partir com o bom marujo e logo correra em busca de seu amante, suplicando-lhe que a levasse em sua companhia. Bem, disse êle por fim, impaciente — vai arrumar as tuas malas. Passarei lá as oito horas de táxi, apanhar-te... Às oito horas, um táxi parou diante do hotel do senhor Paul, mas Annie Flynt estava dentro dêle. Era com ela que êle partia... O senhor Paul deixou o hotel. Ei-lo, na rua... Um veículo aproximou-se velózmente com Luccioni no estribo. O cano de uma metralhadora brilhou à luz dos lampeões, ouviu-se uma descarga furiosa, um clamor prolongado ao qual respondia o grito histérico de uma mulher. As mãos no ventre, Paul jazia hirto na sargeta, e já o negro veículo desaparecia na primeira esquina... Fazendo soar a sirene, o cargueiro corso dobrava o molhe do pôrto, levando Simon apoiado à amurada. O pequeno tinha os olhos fitos na sombria Marselha a desaparecer aos poucos entre as trévas da noite. Seu pensamento estava com sua mãe, sua pobre mãe sentada em seu quarto, á malêta pronta aos pés, certa de que o táxi de Paul, jamais iria buscá-la, pois que a hora do trem, a hora do grande amor... tinha passado.



HANKA TRAUB, uma jovem vienense, órfã de guerra, recebe a visita de Tyrone Power e sua espôsa, Linda Christian, num orfanato de Londres, onde Hanka foi internada por um grupo de 15 secretárias da Fox, que contribuem para o seu sustento e educação.



GARY MERRILL, espôso de Bette Davis, surgirá no filme «Phone Call From a Strangers», da Fox, onde contracenará com sua espôsa. No elenco estão ainda Michael Rennie e Shelley Winters. Na foto, acima vemos os dois, num intervalo dessa filmagem.



JAMES CAGNEY vem aí matar as saudades, no filme «What Price The Glory», da 20th Century Fox, ao lado de William Demarest e Corinne Calvet. A direita, vemos John Ford, diretor da película, dando instruções aos astros antes de entrarem em cena.

FLASHES

★ "A TRAGÉDIA DO MEU DESTINO" (This Woman is Dangerous), estrelado por Joan Crawford, com Denis Morgan e David Brian, alcança sucesso no Paramount Theatre, da Broadway, onde está em segunda triunfal semana!

★ KARL MALDEN, ator premiado pela Academia de Artes e Ciências Cinematográficas pelo seu trabalho em "Uma Rua Chamada Pecado" (Streetcar Named Desire), assinou contrato com a Warner, devendo aparecer em "The Fighting Marine", cujo astro principal é Cornel Wilde. Steve Cochran também trabalhará nesse filme que Lewis Seiler dirigirá.

★ "EDDIE CANTOR aparece como êle mesmo em "The Story of Will Rogers", em filmagem nos estúdios da Warner, que também preparam "The Eddie Cantor Story", baseado na vida do grande comediante!

★ CAUSOU EXTRAORDINÁRIO sucesso a exibição especial que a Warner promoveu para mostrar "Luta Selvagem" (The Lion and the Horse), primeira produção filmada pelo processo revolucionário "Warnercólor". Outro filme que está em preparo também pelo novo processo em côres intitula-se "Os Milagres de Nossa Senhora de Fátima" (The Miracle of Our Lady of Fatima), que aliás é aguardado com vivo interêsse por todo o mundo católico!

★ DEBORAH KERR aparecerá novamente ao lado de Stewart Granger (os dois foram os principais de "As Minas do Rei Salomão", como sabem) na nova versão de "O Prisioneiro de Zenda", que se acha em preparo nos estúdios de Culver City e que será filmada em Technicolor. James Mason e Robert Coote também integram o elenco, em papéis de relêvo. Jane Greer e Louis Calhern haviam sido escolhidos anteriormente.

★ SAM ZIMBALIST, produtor de tantos sucessos, entre os quais "As Minas do Rei Salomão", regressou aos estúdios da M.G.M., após uma estada de seis semanas na África do Norte e na França em estudos para a realização de "Mocambo", que êle deverá produzir. Clark Gable seria o principal do elenco.

★ OS ATORES da Broadway, Robert Burton e Frank Silvera, foram incluídos no elenco de "Shameless", película da M.G.M., com Shelley Winters, Ricardo Montalban, Wendell Corey e Claire Trevor..

★ BARBARA STANWYCK foi contratada para aparecer em "The Lonesome Gal", da Metro.

★ GENE KELLY, o admirável intérprete de "Sinfonia de Paris", aparece ao lado de Pier Angeli na película que a M.G.M. filma atualmente na Alemanha, intitulada "The Devil Makes Three".

★ ROBERT TAYLOR e Eleonor Parker, após terminarem "Ivanhoe" e "Scaramouche", respectivamente, estão filmando juntos "Eagle On His Cap", em que também aparecem James Whitmore e Marilyn Erskine.

"LILI" é o título do Technicolor ora em filmagem nos estúdios de Culver City que apresenta Leslie Caron, Mel Ferrer, Jean Pierre Aumont, Kurt Kasznar, Zsa Zsa Gabor nos papéis centrais.

★ FILMES EM preparo nos estúdios M.G.M.: "Dream Wife", produção de Sidney Sheldon; "The Girl Who Had Everything", com Elizabeth Taylor e William Powell; "I Love Melvin", com Debbie Reynolds, Donald O'Connor, Dean Miller; "Naked Spur", com James Stewart, Janet Leigh, Robert Ryan, Ralph Meeker; "Never Let Me Go", com Clark Gable; "Prisioneiro de Zenda" (Technicolor), com Stewart Granger, Deborah Kerr, James Mason, Jane Greer, Louis Calhern, Robert Coote; "Rogues' March"; "Small Town Girl", com Jane Powell; "The Story of Three Loves", com Pier Angeli, Ricardo Montalban; "Student Prince", com Jane Powell; "Time Bomb", com Glenn Ford.

★ LANA TURNER e Kirk Douglas são os principais de "Tribute To a Bad Man", que Vincente Minnelli dirige para a Metro-Goldwyn-Mayer atualmente. Walter Pidgeon, Dick Powell, Barry Sullivan, Gloria Grahame e Gilbert Roland também aparecem no *cast*.



CARA WILLIAMS (à esq.) e June Haver, posam para um teste fotográfico depois de fazerem a maquilagem para o musical da Fox — «The Girl Next Door». Cara tem um importante papel nesse filme e, segundo dizem, é uma grande descoberta do cinema nos últimos anos. Para o gênero musical, entendido.





Leslie Caron, com apenas um filme se impõe ao público, pela sua personalidade. Vemo-la com Van Johnson e uma pose para publicidade.

O CINEMA

DESCOBRE

O "BALLET".

E

MAIS UMA FIGURA

SE PROJETA

NA TELA.

Fotos Metro

leslie caron

A revelação de "Sinfonia de Paris", nasceu em Paris. Gene Kelly viu-a em um espetáculo de "ballet". em Paris, em 1948, e "marcou" a pequena. Já então se pensava em levar à tela "An American in Paris". Naquela ocasião Kelly quis falar à jovem "bailerina", mas esta, muito tímida, esquivou-se, desapareceu. Dois anos depois, voltando a Paris com a incumbência de coordenar elementos para a produção de "Sinfonia de Paris" (Gene Kelly colaboraria em tôda a linha com o diretor Vincente Minnelli), o bailarino da Metro-Goldwyn-Mayer não descansou enquanto não conseguiu uma entrevista com a pequena, que já então não se mostrava tão esquiva. (Faça-se aqui um parêntesis para informar que nesse meio tempo Leslie Caron viera ao Rio de Janeiro e a São Paulo com a companhia de "ballet" do Teatro Champs Elysées, de que a primeira figura era Jean Babillée). Aceitando a oferta que lhe fêz Gene Kelly, Leslie Caron viajou então para Hollywood, onde se submeteu a "tests" para interpretar a Lisa Bourvier de "An American in Paris". E logo depois foi escolhida para papel de destaque em "O Homem das Sombras" (The Man with a Cloak), com Joseph Cotten, e, com Ralph Meeker, em "Escravo de um Segrêdo", filmes que veremos pròximamente. Neste momento, com Farley Granger, Leslie Caron interpreta um dos três episódios que compõem o filme "A História de Três Amôres", que Sidney Franklin está produzindo. Leslie Caron gostou da Califórnia e a Califórnia não pode ter deixado de gostar de Leslie Caron, que não é bonita — parece uma azeitoninha, não parece? — mais tem uma simpatia muito grande e é uma bailarina de classe, e com isso não estamos fazendo trocadilho para frizar que Leslie é bailarina clássica... Adora rosas brancas, não fuma, não toma chá (mas é muito bem educadinha, *oui*) — e se pudesse, segundo disse, só usaria roupas tipo esporte. Não nada nada, mas diz que, por isso mesmo, sempre se sente bem em companhia de Esther Williams, uma de suas maiores amigas... Casou-se há pouco. E está feliz. Felicíssima.



Depois de Moira Shearer e Vera Ellen, a sétima arte fêz outra grande conquista: esta simpática jovem que já dominou as platéias do mundo.

PEGGY STONE...

(Cont. da pág. 27)

— Que atrevido, hein?

— Veja se gosta do meu beijo...

Dizendo isto o rapaz colou os lábios nos de Dolly que a princípio tentou reagir, mas depois deixou-se beijar longamente.

— Gostou? — Perguntou num sussurro.

— Maravilhoso... — suspirou Dolly beijando-o novamente.

A partir daí, Carlo era dono da situação. Durante dois dias êle não fêz nada mais que prodigalisar carinhos à jovem Dolly que se deixava adorar com a felicidade das deusas. O que mais admirava em Carlo era o respeito, a elegância, a delicadeza do seu aféto que se manifestava apenas nas palavras apaixonadas e nos géstos de ternura. Tratava-a como se ela fôsse realmente uma noiva muito querida, e Dolly sentia crescer em seu peito uma paixão devoradora. Pouco a pouco sua precaução foi desaparecendo. Em uma semana, quem mandava era Carlo. Os homens apanhados lá fóra eram então tratados como hospedes. Sem despertar suspeitas, porque todo mundo acreditava na sinceridade do seu amor pela jovem dona do bar clandestino, o rapaz foi substituindo o entorpecente empregado por outra substância inócua. Dez dias depois, êle era completamente dono da situação, e com muito táto propôs:

— Dolly querida, o que você diz de começarmos logo a tratar do seu enxoval? Ou será que não vai haver casamento?

— Você fala de véras, querido? Pensei que você estivesse mais interessando nos negócios do bar do que em desposar-me.

— Não diga tolices, querida... — e beijou-a longamente. Como vamos fazer? Onde compraremos o necessário?

— Posso mandar alguém à cidade com as instruções necessárias. O que acha?

— Acho que devia ser você mesma quem deveria fazer essas compras.

— Sabe que eu não gosto nada de sair daqui? Habituei-me tanto a essa vida...

— Logo que nos casarmos, deixaremos aqui alguém de confiança e viajaremos. Quero que todo o mundo conheça a minha mulhèrzinha.

— O que você acha se fossêmos nós dois fazer as compras do meu enxoval?

— Ótima idéia, querida. Quando você quer ir?

— Daqui a três dias, está bem?

Carlo não pensou em outra coisa durante êsses três dias, e tão absorvente foi o plano que se lhe delineava na mente que quase pôz tudo a perder com sua abstração. Quando se apercebia da situação, procurava Dolly, estreitava-a nos braços e a beijava com furôr. Finalmente chegou o tão ansiosamente esperado momento de abandonar aquêle antro que lhe pesava cada vez mais.

— Tudo pronto, querido? Podemos ir?

— Sim, querida. Que prazer tê-la ao meu lado, pelas ruas da cidade.

Subiram as escadas e Carlo mal conteve a satisfação de ver o sol depois de um mês de vida subterranea. Aproveitou para olhar o rosto de Dolly, que êle vira apenas à luz velada do bar. Pareceu-lhe então, que a moça não possuia apenas os vinte e dois anos que lhe disséra ter. Sob a grossa camada de crême, pareceu-lhe perceber rugas bem definidas. Também os olhos, conquanto muito verdes, não possuiam o mesmo brilho, e em tôrno dêles as olheiras se acentuavam.

Diante do pôsto de abastecimento, um grande sedan negro estava parado. Carlo extranhou e com muito jeito perguntou:

— Não vamos no meu carro?

— Não, querido. Lembre-se que o seu carro como todos os outros "desapareceu" para sempre. Será que você esqueceu o perigo de usá-lo?

— Tem razão, querida. Será um prazer guiar essa possante máquina.

— Também isso não vai acontecer, meu bem. Vou levar Miklos, meu motorista particular. Miklos, além de guiar, também garante a minha... a nossa segurança.

Nêste momento surgiu um gigante, saido do alçapão. Com um cumprimento sêco, dirigiu-se para o carro, abrindo a porta trazeira para que Dolly e Carlo entrassem. Minutos depois corriam em direção à cidade. O solêncio que caiu entre os dois era interrompido de raro em raro, por uma palavra de carinho que Carlo se julgava na obrigação de dizer à moça. Quando entraram na cidade, o rapaz deu um endérêço à Miklos, explicando à Dolly:

— E' o apartamento de minha noiva. Vou até lá, a fim de lhe dar uma satisfação.

— Eu quero ir com você.

— Pois não, querida. Farei logo as apresentações.

— Miklos irá comnosco, por garantia.

Carlo disfarçou o seu aborrecimento e quando o carro parou diante do edifício de apartamentos onde morava Peggy Stone, os três desceram. O acensorista não escondeu sua expressão de espanto e desconfiança, diante dos desconhecidos e quando Carlo pediu o oitavo andar, êle vacilou ligeiramente.

Segundos depois Carlo tocava a campainha do apartamento de Peggy, sem que ninguém viésse atendê-lo.

— Tenho algumas chaves e vou experimentá-las. Tirando um molho de chaves, Carlo foi experimentando uma a uma, até encontrar a que servia, abrindo a porta. Os três entraram e Carlo pediu-lhes que ficassem a vontade, enquanto êle ia telefonar à sua ex-noiva que devia estar em casa dos pais. Efetivamente aproximou-se do telefone, discando um número. Dolly acercou-se com viva curiosidade, e quando Carlo perguntou: — E' você, Nora? — Dolly arrebatou-lhe o telefone para ouvir a resposta: — "Sim, sou eu. O que houve com você? Por que desapareceu?" — Dolly devolveu o telefone à Carlo. — "Então querida, como vai o "papai Richard? — "Posso falar à vontade? — perguntou Nóra, do outro lado. — Claro que não a esqueci e quero falar urgentemente com o "papai Richard". — "Onde você está? — Aqui no seu apartamento... — Diga ao "papai" que não me faça esperar, porque preciso resolver o assunto do nosso casamento. Até logo!

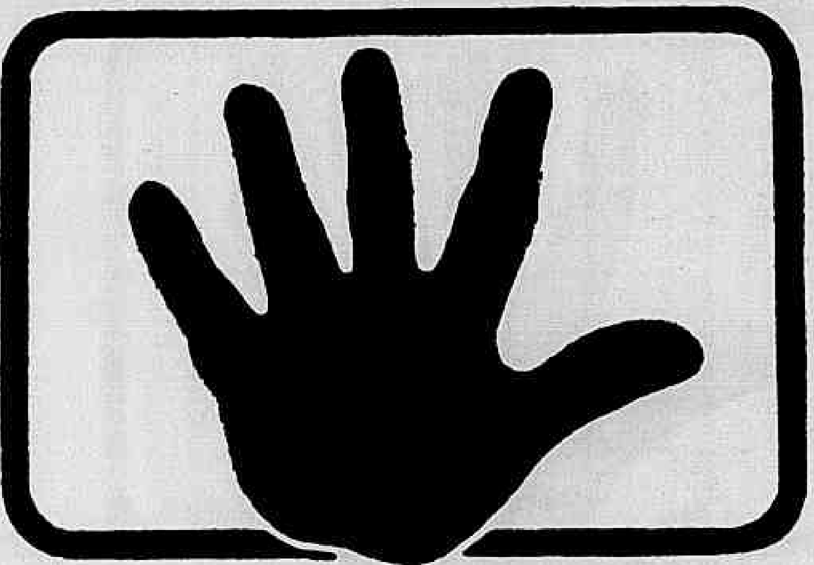
Repondo o telefone, Carlo voltou-se para Dolly: — O pai de Nóra é um sujeito importante, de modo que se eu dissér para êle que sou um "vigarista", êle concordará em que nosso noivado, (meu e de sua filha) seja desfeito e estarei livre. Agora, como estou faminto, creio que vocês também estão. Vou dar uma batida na geladeira de Nóra.

Assim falando, Carlo saiu para a cozinha. Sob um prato de frios, encontrou um bilhete de Nóra: "Venho aqui todos os dias a sua procura". Carlo guardou o bilhete e passou a preparar uma ligeira refeição. Quinze minutos depois, voltou com uma bandeja colocando-a sôbre a mezinha que arrastou para diante de Dolly. Não vendo Miklos, seu olhar procurou-o, indo encontrá-lo curvado sôbre a mezinha de cabeceira do quarto de Peggy Stone. Quando êle se aproximou, trazia uma fotografia na mão e seu olhar nada tinha de tranquilisador. Colocando a fotografia diante de Carlo, perguntou:

— E' sua irmã... ou... — Ràpidamente sua mão avançou para a cabeça de Carlo arrancando a cabeleira masculina, deixando a descoberto os longos cabelos côr de cobre. Um revólver apareceu em sua mão. Dolly, que na ocasião levava uma torrada à bôca, parou como se ficasse petrificada. Seu olhar esgazeado pela surprêsa pregara-se em Carlo, que transformara-se repentinamente na detetive Peggy Stone. — A mão armada de Miklos ergueu-se ameaçadora, mas a jovem mergulhou de cabeça, atingindo-o no estômago. A arma saltou-lhe da mão sem que Miklos se preocupasse. Suas mãos estenderam-se em garras, para o pescôço de Peggy. Foi nêste momento preciso que a porta do apartamento abriu-se com estrondo e uma bala do revólver do tenente Cummings atingiu o joelho do bandido que se curvou violentamente. Dolly, como que impelida por móla oculta, sal-

(Cont. na pág. 50)







NA POEIRA DOS ARQUIVOS

● A simplicidade, a clareza, o poder expositivo da "Pequena História do Brasil" (Edições Melhoramentos, 1952), de R. Haddock Lôbo, colocam-na, de maneira absoluta, como a obra ideal para o curso primário. E' a verdade em matrimônio com a fluência do estilo. Todavia, lembraremos que o descobridor de nossa terra não era almirante (pág. 11); e a fundação do Rio de Janeiro não ocorreu em 1567, sim em 1º de março de 1565 (pág. 28). Permitam comunicarmos ao distinto autor de tantos compêndios admiráveis que, a respeito do assunto, não será inútil a leitura de nosso "Distrito Federal", vol. 8 da série "Viagem através do Brasil", das Edições Melhoramentos.

● Caráter, inteligência, cultura cimentavam o patriotismo de Huet de Bacelar, florão de nossa Marinha — nossa Marinha, que tem sido um oceano de luz na história do Brasil! Pois reunindo, em elegante volume, sólidas páginas do grande marujo, outro prestigioso vulto de nossa Armada — comandante Gilberto Bacelar — publicou, neste ano de 1952, "Almirante Huet de Bacelar — Problemas navais", festejando-lhe, assim, o centenário de nascimento. Assinala Gilberto Bacelar, com inteira razão: "... um marinheiro e um técnico para quem não tinha segredos a complexa carreira de oficial de Marinha" (pág. 10).

● E' delicioso ler bons calepinos, forma prática de viajar no tempo e no espaço... Agora mesmo, saboreamos as páginas do magnífico "Dicionário Espanhol-Português", de Júlio Martinez Almoyna, apresentação de Pôrto Editôra e dádiva que nos fêz a fidalga Livraria H. Antunes. Trabalho de lúcida orientação, que mesmo aos sábios ensina sempre alguma coisa.

● Em seu "Dicionário de têrmos médicos" Pedro A. Pinto leciona, com oportunidade: "*Estrófio* — faixa para sustentar os seios. Traduz o francês: *soutiengorge*."

E dissemos "com oportunidade" porque, em nossos dias, predomina mesmo a faixa, pequeníssima...

"NO TEMPO DAS RIMAS"

A edição é de 1951, mas o livro ainda é uma novidade. Novidade, principalmente, porque o seu autor aconteceu inesperadamente no mundo literário brasileiro: trata-se de um livro de versos do sr. Silvestre Péricles que, além de político alagoano, dos que mais têm dado que falar, agora ingressa no terreno lírico, trazido, aliás, pela mão ilustre de Menotti Del Picchia, quem prefacia "No Tempo das Rimas". Romântico, como constata o prefaciador, Silvestre Péricles constitui, sem dúvida, uma das mais extraordinárias estréias literárias do ano último, embora se considere simples amador de poesias.

Dêsse livro, transcrevemos aqui um soneto, "Nuvem de Amor", para que nossos leitores façam uma idéia do lirismo do novo poeta alagoano:

"Passaste como nuvem côr de rosa
no firmamento azul, em horas mansas.
Da graça, comovida e luminosa,
retrataste a doçura das lembranças.

E conduziste os sonhos meus, formosa,
e a centelha de afeto, em que descansas.
Talvez sejas feliz, ou inditosa,
tu, que levaste as minhas esperanças.

Fico-me só. Sòzinho, e suave, e triste...
Mas, neste peito, ha vibrações sadias
do que foi, e será, e agora existe...

Cardos e flores, com que o ser se junca,
resultam, pela vida, em harmonias,
se o amor, no coração, não morre nunca.

ÁLBUM DE FAMÍLIA



SEBASTIÃO FERNANDES

SEBASTIÃO FERNANDES é um de nossos polígrafos mais estimados. Sua obra infatigável, numerosa, variada e sempre harmoniosa lhe marcou um lugar de exceção em nosso mundo literário. Na crônica e no conto, principalmente, é que êle conquistou, trabalhando coma discreção e o carinho de um beneditino — seu renome e seu prestígio. Sua obra publicada já orça pelos oito volumes, todos louvados pela crítica e lidos e admirados pelo público, sobretudo o público infantil de seus deliciosos, encantadores livros de histórias para crianças, como "A namorada do Sapo", já aparecido em segunda edição. Mas também os contos de "Destinos", seu volume de estréia (1930) mereceram muito justamente o louvor que o cercou, revelando um novo artista da prosa e um legítimo criador, um ficcionista novo e forte. A crônica, por outro lado, tem nêle um de seus melhores cultores, com a arte sutil de fixar os acontecimentos cotidianos, em estilo ágil e sempre agradável. Além disso, Sebastião Fernandes tem escrito crítica e ensaio, com igual êxito, tão certo é que o autor de "Figuras e Legendas" está servido, ao mesmo tempo, por um belo talento e por uma cultura incomum, não se deixando seduzir pelo fabricado e pela improvisação. Modesto, recolhido à sua concha, envôlto em discreção, com o pudor que assinala o verdadeiro artista e o homem inteligente, Sebastião Fernandes vem criando, para nosso deleite e seu próprio encantamento, essa obra significativa e bela que o torna merecedor da nossa melhor estima intelectual.

Êste registro vale por uma comemoração, no mês (abril, 17) em que o escritor comemora seu cinquentenário de nascimento. Nascido em 1902, em São Fidélis (Estado do Rio), Sebastião Fernandes festejou, neste abril, seu meio século, o que é motivo de alegria para seus amigos e, certamente, uma data para a crônica literária.

NOTÍCIAS DE SÃO PAULO

O TEATRO Brasileiro de Comédia continua apresentando a peça em três atos e oito quadros de Edgard da Rocha Miranda, «Para onde a terra cresce», na direção de Adolfo Celli. E, por falar em Adolfo Celli, êste conhecido diretor teatral já començou os ensaios de «Antigona», de Sófocles, e de «Antigona», de Jean Anouilh, a próxima grande estréia do T.B.C., com Cacilda Becker no principal papel.

ACABA de sair mais um número da revista de arte, dirigida por Lina Bardi, «Habitat». Dêste último número, o sexto da coleção, destacamos uma interessante reportagem sôbre a pintora brasileira Tarsila do Amaral, uma das pioneiras da arte moderna em nosso país.

•

PAULO Dantas, autor de «Cidade Enfêrma», livro premiado pela Academia Brasileira de Letras, e pelo «Jornal de Letras», está organizando atualmente a página literária do matutino paulistano «O Tempo». Na referida página, encontramos, todos os domingos, a opinião de um escritor nacional sôbre os dez maiores romances brasileiros.

ALDO Bonadei e Gaston Novelli estão expondo os seus últimos trabalhos de pintura e de cerâmica na Galeria Ambiente, um novo local bastante acolhedor.

POR SUA vez, Renina Katz, artista brasileira, já há alguns dias que vem expondo no Museu de Arte os seus desenhos e gravuras. Esta exposição tem despertado um enorme interêsse entre os entendidos.

EDMUNDO LYS, conhecido intelectual brasileiro, passou alguns dias aqui em São Paulo. Seus amigos tiveram, assim, oportunidade mais uma vez de estar em contato com o referido jornalista e escritor. Ao que parece, Edmundo Lys tem um livro de contos que será lançado brevemente na capital paulista.

O MUSEU de Arte Moderna de São Paulo organizou uma exposição de quadros de artistas italianos contemporâneos. Figuram nessa mostra telas de Carrá, Severini, Sironi, De Pisis, Morandi, Tosi.

«CAOS INTACTO» — eis o nome do segundo livro de versos de Milton de Lima Souza, recentemente publicado. Trata-se de obra barroca, onde a personalidade do jovem poeta se entremostra bastante marcante.

SAÍRAM MAIS dois números da revista Anhembi, dirigida por Paulo Duarte. Colaboradores: Bertrand Russel, Claude Lévi-Strauss, Henri Mugnier, Maria de Lourdes Teixeira, Luciano Salce, Arnaldo Pedroso d'Horta, Paulo Duarte, Pierre Verger, Maurice Rostand, Nicanor Miranda, Flávio A. Pereira e outros.

O TEATRO Brasileiro de Comédia encarregou Vaccarini para fazer os cenários de "Antigona", de Sófocles, e de «Antigona», de Jean Anouilh. O jovem desenhista paulista Darci Penteado está fazendo as máscaras para o côro grego.

FORA DO PRELO

O LIVRO DA SEMANA

"CIMÉRIA"

OSWALDINO Marques não é um estreante em teatro. Como não o é, na poesia. Entretanto, embora já antecipadamente certos de virmos encontrar nesta sua peça em três atos, "Ciméria" (Edição do S.N.T.), um autor seguro de seu "metier", não é sem surprêsa e sem encantamento que lemos êste drama poético que acaba de enriquecer soberbamente a "Coleção Dionysos".

Quando lemos Claudel, no "Annonce", o que mais nos perturba é certamente a maravilha da reconstituição da Idade-Média, a criação dessa atmosfera especial, a recuperação na atualidade dêsse tempo ido, com todos os seus caracteres essenciais e todo o seu colorido, o seu andamento, o seu tom próprio. Essa reconstituição de ambiente é o principal naquela obra-prima. E decorre de muitos fatôres especiais e, sôbretudo, da linguagem, de certa hierarquia de vocabulário e de expressões. Com isso, o elemento poético, não como em Maeterlinck, por exemplo, de superfície, mas de profundidade, decorrendo, não do artificialismo de composição, mas da própria substância poética adquirida por uma perfeita integração nesse mundo remoto, pelo sentimento do tempo, das criaturas e do ambiente. E' êsse mesmo milagre de inspiração que reencontramos neste drama poético do autor brasileiro. Desde o primeiro momento da peça, começa a surgir o mundo físico e moral em que se desenrolará o drama. Suas criaturas, como suas paisagens, começam a erguer-se pelo milagre do verbo criador, nas suas justas proporções, nos seus exatos contornos e, então, tôda a estrutura psiquico-física da obra está à nossa frente. Começamos a assistir o desenrolar da ação — e sentimos a prodigiosa fôrça emocional da peça, sua dramaticidade interna, mais pungente do que seu movimento exterior, seus incidentes dramáticos. E, então, essa "Ciméria", tocada de medievalismo e de poesia intensa nos toma e nos arrasta até à sua última cena, para nos deixar completamente conquistados. Oswaldino Marques rompe o marasmo de nossa literatura dramática, com uma peça de alto significado teatral, como literário. E sua peça, na grande tradição, é obra para ser assistida, tanto ela tem de teatralmente construido, como para ser lida, tal é a sua participação, sua integração na fonte da eterna poesia dos destinos e dos conflitos humanos.

Edmundo Lys

COMO APRENDER ESTATÍSTICA — Os «Elementos de Genética», do engenheiro-agrônomo E. A. Graner, foram entusiàsticamente recebidos pelos mestres do assunto. Agora, o mesmo professor, da Escola Superior de Agricultura «Luís de Queirós», da Universidade de S. Paulo, publica, também, pelas Edições Melhoramentos, «Como aprender estatística». Apresenta a análise as bases para o seu emprêgo na experimentação agronômica e em outros problemas biológicos, o que é da maior importância para a objetividade, tão necessária à compreensão das realidades brasileiras. Fartamente ilustrado, «Como aprender estatistica» é o volume 13 da Biblioteca Agronômica Melhoramentos.

PEQUENA HISTÓRIA DO BRASIL — Destinada ao curso primário, e dando indicações dos principais fatos de nossa vida econômica, «Pequena História do Brasil», de R. Haddock Lôbo com ilustrações de Osvaldo Storni, é obra inteligentemente planejada e executada com argúcia. Fornece, ao aluno, um senso prático dos acontecimentos formadores da nacionalidade e do país, extinguindo lirismos tolos e tabus absurdos. O leitor da «Pequena História do Brasil», aliás bastante clara, terá noções firmes da matéria. Excelente a realização gráfica das Edições Melhoramentos.

FLORES NO LAR — Qual a mulher que não procura enfeitar sua casa? Daí a utilidade que, assim para profissionais, como para amadores, notadamente para as senhoras, oferece o volume ilustrado «Flores no lar», que as Edições Melhoramentos acabam de estampar. Todos os motivos ligados a «Flores no lar» estão lùcidamente explicados nas páginas desta obra de João S. Decker, autor de «Floricultura», «Horticultura», «Cultura do mamoeiro» e «Cultura do morangueiro».

HISTÓRIA DA AMÉRICA — Para uso da segunda série do Curso Ginasial, as Edições Melhoramentos publicam «História da América», de R. Haddock Lôbo consagrado autor de obras didáticas. Inteiramente de acôrdo com as atuais alterações do programa de ensino, o compêndio tem as qualidades necessárias a atrair o estudante à leitura de tão palpitante disciplina. Oportunas ilustrações aumentem o valor das páginas de «História da América».

NOTURNO — O poeta Sebastião Noronha acaba de publicar uma coletânea de poemas a que deu o titulo geral de «Noturnos», o que, desde logo, indica o **parti-pris** romântico de sua poesia, muitas vêzes realmente emotiva, em que pese a forma tradicional em que escreve seus versos, assim se obrigando a compromissos tanta vez extra-poéticos, para não dizer não-poéticos. O metro e a rima em que escuda sua inspiração lirica muitas vêzes forçam a composição do verso e nos faz com que se reduzam suas proporções de espontaneidade, de simplicidade, de sinceridade. «Noturnos» é, entretanto, obra de estréia de um poeta de espírito formado na tradição: alguns de seus poemas nos comunicam verdadeira emoção, por suas notas elegíacas e desconsoladas, seu carregado sentimentalismo, tôdas as páginas vazadas em mussetianas notações.

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ..	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 6	Cultura média	Estudante ginasial
De 7 a 11	Cultura superior	Universitário
De 12 a 14	Genial	Um sábio
Tôdas as quinze		O gênio em pessoa

1 COMO SE CHAMAVA O LOCAL EM QUE MATIAS DE ALBUQUERQUE ORGANIZOU A DEFESA DE PERNAMBUCO CONTRA OS HOLANDESES:

— Pôrto Calvo?
— Arraial do Bom Jesus?
— Pau Amarelo?

2 QUAL DENTRE ÊSTES GUERREIROS O QUE MUDOU O RUMO DA INVASÃO HOLANDESA EM FAVOR DOS INVASORES:

— Domingos Fernandes Calabar?
— Adrian Peter
— Marten Thijssen?

3 COMO ERA O NOME POR INTEIRO DO PRÍNCIPE MAURÍCIO DE NASSAU:

— José Maurício de Nassau?
— Maurício João de Nassau?
— João Maurício de Nassau-Siegen?

4 NA GUERRA CONTRA OS HOLANDESES, NO NORDESTE, QUAL DÊSTES COMANDANTES A SERVIÇO DE PORTUGAL, REALIZOU O MAIOR FEITO ESTRATÉGICO:

— Luís Barbalho?
— Matias de Albuquerque?
— Conde de Bagnoli?

5 QUANDO FOI QUE A INGLATERRA SOFREU O PRIMEIRO BLOQUEIO PARA SER VENCIDA PELA FOME:

— Na guerra contra a Espanha?
— Na primeira grande guerra?
— Na guerra contra Napoleão?

6 COM QUE PAÍS NAPOLEÃO SE UNIU, POR UM TRATADO, A FIM DE INVADIR PORTUGAL EM 1807:

— Com a Austria?
— Com a Espanha?
— Com a Itália?

7 QUAL O APELIDO QUE PUSERAM EM D. JOÃO VI:

— O Suíno?
— O Gago?
— O Surdo?

8 QUEM FOI GOVERNADOR BRASILEIRO EM CAIENA, DE 1810 A 1817, QUANDO D. JOÃO VI DECLAROU GUERRA A FRANÇA:

— Um Almirante?
— Um General?
— Um Desembargador?

9 EM QUE CIDADE ESTRANGEIRA ERA IMPRESSO O JORNAL «O PORTUGUÊS», PELOS REVOLUCIONÁRIOS PERNAMBUCANOS:

— Em Londres?
— Em Paris?
— Em Montevidéu?

10 QUAL A REVOLUÇÃO BRASILEIRA QUE SUPRIMIU TODOS OS TÍTULOS DE NOBREZA E PRIVILÉGIOS DE CLASSE:

— A Inconfidência Mineira?
— A pernambucana de 1817?
— A da República de Piratini?

11 QUAL O PRIMEIRO GRÃO-MESTRE DA MAÇONARIA BRASILEIRA:

— José Bonifácio de Andrada e Silva?
— Hipólito José da Costa?
— D. Pedro I?

12 QUAL O PÔSTO MILITAR DE JOSÉ BONIFÁCIO, O PATRIARCA DE NOSSA INDEPENDÊNCIA, NO EXÉRCITO PORTUGUÊS, AO TEMPO DA INVASÃO FRANCESA:

— Tenente?
— Capitão?
— Tenente-coronel?

13 EM QUE DATA D. JOÃO VI ABRIU OS PORTOS DO BRASIL A TÔDAS AS NAÇÕES AMIGAS:

— 2-12-1810?
— 30- 5-1809?
— 28- 1-1808?

14 QUANTOS DIAS LEVOU D. PEDRO I, DE S. PAULO AO RIO, APÓS O GRITO DO IPIRANGA:

— Cinco?
— Oito?
— Dez?

15 O OBELISCO QUE HÁ NA PRAÇA DA CONCÓRDIA, EM PARIS, DE ONDE VEIO:

— Da Itália?
— Dos Estados Unidos?
— Do Egito?

(Respostas na página 51)

O CORAÇÃO DISTRAÍDO

(Cont. da pág. 50)

— Saí às 2,30. Fui procurar um chapéu para comprar, mas não achei, nenhum. — Pensei que talvez fôsse bom jantarmos fora hoje.

— Passei pela Grande União no caminho de volta — disse ela. — Quanto é a metade de um dólar e três quartos?

Multiplicando e dividindo mentalmente, êle arrumou os livros na mesa e tirou do envelope o cartão, que juntou ao ramo das flores.

— Sete oitavo — anunciou entrando na cozinha.

Ela sacudiu levemente o batedor de ovos de encontro à tijela inoxidável, levou-o depois sob um fio de água corrente da torneira e então olhou para o interior da medida de duas xícaras que era uma das dores de cabeça de sua vida. «Não tem marcada as têrças partes», lamentou-se. «Estou divindindo a receita pela metade, o que dá um têrço de xícara de farinha e sete oitavos de xícara de leite. Que vou fazer?»

Tyler tirou um lápis do bôlso do paletó e marcou aproximadamente um têrço e sete oitavos no interior da vasilha. «Arrisque», opinou, entregando o objeto. Depois preparou um old-fashioned para ela um highball para êle mesmo, levando os copos para a sala. Ela o seguiu, exclamando:

— Ah, você me trouxe flores!

— E livros — disse êle. — Você se queixou há algumas noites de que não há nada no apartamento para se ler.

Deu-lhe ligeiramente as costas, para não parecer demasiado ansioso por um agradecimento dela ou satisfeito consigo próprio. Quando tornou a fitá-la, ela permanecia de pé, com as flores desembrulhadas e o envelope na mão. «Cravos!» — exclamou. «E mimosa. Onde os conseguiu?»

— Naquela mesma loja em que você costuma comprar. Não sei se estão frescos.

— São lindos — tirou o cartão do envelope. Houve um silêncio. — Dia de São Valentim! E eu não me lembrei! Não tenho nada para você!

— Não tem importância — replicou êle, feliz. — Quis lhe fazer uma surprêsa. E esperava que você não se lembrasse mesmo.

Mas foi êle quem se surpreendeu mais: os olhos dela haviam ficado muito brilhantes e agora ela chorava.

— Não sei como pude esquecer — comentou com tristeza.

Êle a abraçou e beijou e ela limpou com a mão as lágrimas, dizendo:

— Pelo menos fiz crepes Suzette para você... se ficarem bons.

Tyler foi buscar um lenço de papel absorvente Kleenex no armário da roupa e ela assou o nariz e depois voltou para a cozinha, onde pôe uma panela no forno, acertou o despertador do fogão, regressando então à sala com um jarro alto que pertencia aos locatários e até então evitara usar. Quando terminou a arrumação das flores, os dois examinaram juntos os livros.

— Hoje foi um dia terrível — disse ela. — Comecei tarde com o trabalho da casa. Minha saia plissada chegou do tintureiro com o plissé mal feito. Não consigo fazer o balanço do nosso livro de cheques — você precisa ver o que há. Depois experimentei consertar o vestido vermelho para usar amanhã à noite. Cortei-o pela cintura e depois que tornei a juntar a blusa com a saia não ficou bom, e eu me lembrei que não se pode cortar a emenda como eu fiz, mas que é preciso descosê-lo. De modo que agora vou ter um trabalhão para pô-lo direito. Na hora de sair, fui mexer na geladeira por um motivo qualquer e descobri que havia poças de leite no fundo — a leiteira rachou e o leite molhou tudo que estava em baixo, já estava estragando as alfaces e a salsa dentro da sacola plástica e caíra até o prato do queijo, começando a azedar. Não tivemos correspondência hoje. Todos os chapéus que experimentei não passavam de chapéus — nenhum me fazia diferente de quando sem chapéu, e o único mérito de um chapéu é modificar a mulher, de maneira que desisti e tomei um ônibus para ir à tal casa de que a Sra. Piel me falou, onde vendem cerâmica finlandesa — entre as ruas 91 e 92, disse ela, na Avenida Lexington — mas como não achei fui caminhando sempre para a frente, até à Rua 97, e naturalmente a casa fica entre as ruas 90 e tudo que me agradava não havia em estoque, só nas amostras, e então vim para o apartamento.

— A pé, da Rua 91 até aqui?

— Pois é. Foi um dia horrível.

Mas agora que ela lhe contara as aventuras do dia, sentia-se perfeitamente alegre. Cada um se serviu de mais uma dose de bebida, antes que o despertador do fogão lhes lembrasse o jantar. Quando Tyler acendeu as velas da mesa repa-

AMOR DE PERDIÇÃO

(Continuação da pág. 17)

Um policial da Ilha, apelidado "Alemão", devido à origem germânica, efetuou a prisão do criminoso que fugira.

A EXPIAÇÃO — Na mesma sessão do Júri deveriam ser julgados ambos os responsáveis pelo bárbaro crime da Praia da Bandeira, mas o Dr. Celso Nascimento, advogado da ré, conseguiu a separação dos julgamentos e a transferência do de Dinaura para outra data.

Submetido ao Júri, Murilo foi condenado à pena de 28 anos de reclusão, acrescida de 1 ano, por medida de segurança. Essa pena complementar, decretada pelo juiz Bandeira Stampa, que presidiu o Tribunal, resultava da apreciação das agravantes e da personalidade do criminoso, frio e bárbaro matador.

CONTOS PARA A "REVISTA"

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS DE SEUS LEITORES

1 — Só serão aceitos contos escritos em tôrno de temas brasileiros, sôbre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariàvelmente dactilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação manterá informações no "Correio da Revista" sôbre os contos selecionados e os considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores procurar a importância de sua colaboração na caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos devem ter no minimo quatro fôlhas dactilografadas, tipo oficio, em espaço dois, e, no máximo, oito fôlhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na fôlha de rosto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, êste será utilizado apenas para efeito de pagamento.

6 — As caracteristicas dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interêsse humoristico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os autores devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literàriamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem caracteristicas próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

rou que ela havia colocado o cartão da ervilha sôbre a estante e perguntou, em direção à cozinha:

— Gostou do cartão de São Valentim? E' feioso, mas foi o melhor que encontrei.
— E' uma gracinha! — respondeu ela. — Uma maravilha.

Os crepe Suzette também saíram maravilhosos, apesar das dificuldades de medida na vasilha de duas xícaras. Depois que Lois serviu o café, levantou a tampa da caixa de bombons e disse:

— Até hoje nunca haviam-me dado chocolates numa caixa em feitio de coração.
— E' a única coisa que não mudou — comentou Tyler. — Lembro-me de caixas assim em feitio de coração com bombons dentro desde que era menino.

O telefone tocou enquanto êle hesitava na escolha de um bombom e Lois se levantou para atender.

— Sim, Bia — disse. — Você está bem?... Nós vamos admiràvelmente. Bem, espere um pouco. Vou perguntar — com a mão no bocal, virou-se para o marido: — E' a Beatriz Curtis. Quer que vamos a um cocktail em casa dela na próxima quinta-feira — êle concordou e ela tirou a mão do bocal: — Iremos encantados... Como? Qual, não é possível. Moris me trouxe flores, bombons e livros... Pois é, hoje. Não é bem dêle?

Terminada a conversa, ela repôs o fone no gancho e voltou para a mesa. Sorrindo, acendeu um cigarro e então, incapaz de conservar por mais tempo secreto o motivo de sua expressão, inclinou-se para êle, tomou-lhe uma das mãos entre as suas e disse:

— Querido, o dia de São Valentim é na quinta-feira próxima.

Num clarão, tôdas as evidências que Tyler não tinha querido aceitar durante todo o dia adquiriram sentido: as cartas que assinara no escritório, datadas de 7 de fevereiro; o memorandum sôbre a sua mesa, no qual anotara um compromisso para almoçar no dia 11: a ausência de multidão em frente ao Brentano e na loja de bombons; o resmungar do florista; e a cara da mulher no elevador.

— Mas hoje é que eu estava precisando de uma noite de São Valentim — declarou Lois. — A sala ficou impregnada do perfume dos cravos.

FUME

MANTENHA, PORÉM, SEUS DENTES LIVRES DAS ANTI-ESTÉTICAS MANCHAS DE NICOTINA

O Creme Dental Nicotan (fórmula original americana) é recomendado especialmente para fumantes. Remove completamente as manchas de nicotina acumulada nos interstícios dos dentes e causadas pelo uso contínuo do cigarro. Nicotan dá aos dentes um brilho deslumbrante e às gengivas uma coloração natural e sadia. Não ataca o esmalte. Não contém pedra pomes nem substâncias cidas ou corrosivas. Tem sabor de cerejas. Nicotan, creme dental especial para fumantes, apresentado em dois tipos: branco e vermelho.

NICOTAN

A SAÚDE DO BEBÊ

DR. SABOIA RIBEIRO

Tratamento dietético do Eczema

O Eczema ocupa um lugar dos mais elevados na estatística das afecções da pele da criança, e no seu tratamento encontra-se um dos melhores exemplos das relações entre a alimentação e as doenças dessa idade, pois mediante sòmente uma modificação adequada do regimen alimentar é dado, muita vez, modificar a lesão, curá-la, com o minimo de medicamentos locais.

Dois fatores grandemente favorecedores do desenvolvimento do Eczema devem ser particularmente vigiados no tratamento das lesões: os contratos humidos e as gorduras da alimentação.

Aliás sem essas condições de ordem geral não parece existir o Eczema.

Diante dessa manifestação, com efeito, pressupõe-se um estado particular da criança, com maior vulnerabilidade da pele, onde uma maior hidratação dos tecidos constitui o meio humido no qual a afecção se desenvolve nas melhores condições, meio que é preciso modificar dando outra consistência dos tecidos, com diminuição de seu teor de *água*.

As gorduras da alimentação favorecem, por seu turno, o desenvovimento do Eczema, de modo que elas são sempre corrigidas, e sempre reduzidas, na alimentação na criança portadora, como medida essencial visando a cura.

Inicialmente o Eczema surge como uma manifestação puramente constitucional, mas depois, é frequente que se infeccione, tornando-se o tratamento, naturalmente, mais complexo, e exigindo outras medidas.

De par com os cuidados da alimentação, e proteção contra a água, do Eczema, não devemos esquecer o tratamento geral da criança, proporcionando-lhe boas condições higienicas de seu ambiente, asseio cuidadoso das roupas, e sol, ar e luz.

Será também necessário fazer um tratamento pelos sais de calcio e pelas vitaminas A e D.

O Eczema, em geral, surge em meninos de criação difícil, pois o pròprio leite materno falha, e a criança se desenvolve mal; e o leite animal logo gera sérios distúrbios gastro-intestinais, caindo o peso da criança, as vêzes de modo fulminante nas crises mais fortes.

A evolução do Eczema é das mais caraterísticas. Êle sòmente surge após uma série de manifestações que o precedem.

Aparece primeiro a seborréa do couro cabeludo. Escamas esbranquiçadas alastram-se pela região da moleira e vizinhanças. Se se retiram tais escamas e se faz ligeira pressão, surge um fundo avermelhado que se cobre de serosidade, que em pouco tempo se coagula formando novas escamas.

Uma eflorescencia áspera e escamosa aparece num e noutro lado da face. Um prurido intenso a acompanha e a criança, coçando-as, faz a irritação, minando um líquido seroso que parece possuir propriedades corrosivas. As lesões mostram desde então uma tendência a crescer em superfície, atingindo a região pré-auricular, queixo e vizinhança. Unem-se muitas vêzes as lesões do couro cabeludo e as da face, formando uma verdadeira máscara, maxime de descurado o tratamento apropriado.

O tratamento dietetico do Eczema varia naturalmente com a idade do paciente.

O leitelho — pobre em gordura — será o alimento empregado para a idade do 2º a 3º mês. — Ou então, o cosimento de cerais, ou farinhas aos quais se adiciona um caseinato tipo Larosan Roche.

Uma mamadeira (com leitelho):

Água	200 c c
Farinha de arroz	3 colhéres de chá
Açúcar	2 " " "

Coser até reduzir a 150 gramas, e acrescentar 3 coleres de chá de leitelho, em pó, mexendo bem, sem ferver.

Um cosimento:

Caldo de carne magra (ou de frango bem desengorrado, ou de ossos)	200 gramas
Semolina	2 a 3 colheres de chá

— Pode-se substituir a semolina por maisena, aveia, ou fecula de batata.

As cenouras também se prestam a um cosimento, passado por peneira, e engrossado com uma dessas farinhas. Tem sabor adocicado, o que satisfaz ao gôsto de certos bebes.

Os pudins com gelatina podem também ser dados ao eczematoso:

Água — 200 gramas — Maisena ou aveia 2 c. de chá — Açúcar idem — Gelatina 2 a 5 fôlhas — Larosan 1 c. de chá.

Depois de coser 5 minutos, juntar 20 a 60 gramas de caldo de frutas frescas.

Com banana, maçã, mamão, batata doce etc. podem-se fazer outros pudins como o que se segue:

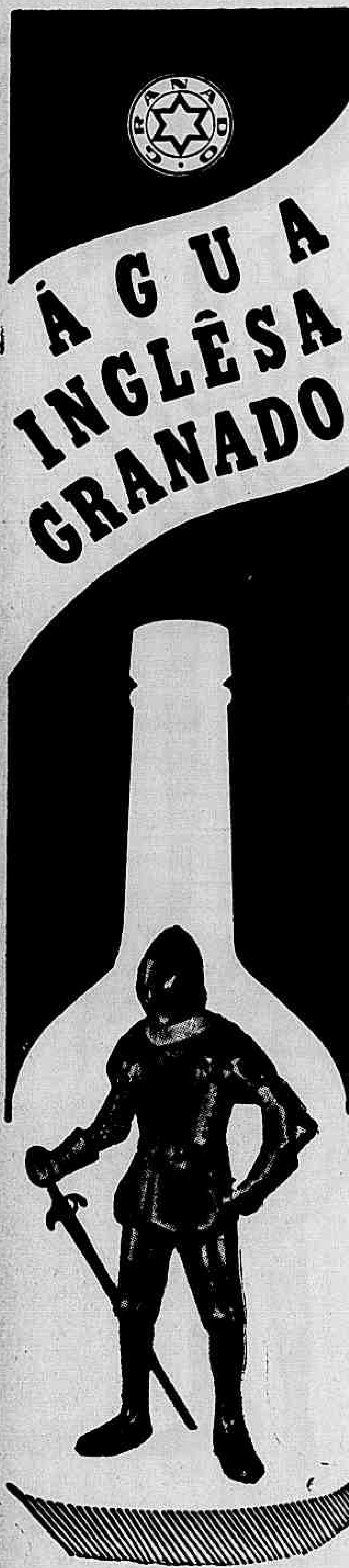
150 gramas de pirão de banana cosida.

50 gramas de água — 2 c. de chá de açúcar — 1 c. de chá de Larosan e 1 a 5 fôlhas de gelatina.

Dar uma fervura.

Quando a criança já atingiu o 6º mês deve-se suprimir o leite.

O regímen será de 4 refeições, com almôço ás 11 horas e jantar ás 19 horas. Lanche ás 15 horas.



Faz de você um forte!

TÔNICA-APERITIVA
NAS CONVALESCENÇAS

AMANHÃ SERÁ TARDE

(Cont. da pág. 39)

que vive espremida sob o pêso da severidade dos pais. Gino Laurini é o rapazinho simpático que está na idade de iniciar seus namoros e não define bem seus sentimentos até o momento em que encontra Mirela. Vittorio de Sicca (consagrado diretor de Ladrões de Bicicletas») está esplêndido no papel do professor. A fotografia é de primeira ordem, embora um tanto fosca, devido a coplagem ou defeitos de laboratório. A música, sem rebuscamentos, acompanha fielmente a narrativa, uma narrativa sóbria, discreta, que segue num crescendo impressionante até ao fim. O corte e a montagem dão uma unidade absoluta ao filme, numa precisão matemática de segundos, que resulta num filme de primeira linha, em todos os sentidos. Espetáculo que deve ser assistido por todos, especialmente por pais de família e professôres. Porque, embora abordando um problema de há quatro anos, na Itália, é um problema que existe, ainda hoje, em tôdas as partes do mundo. E se o filme nô-lo mostra, com tôda a sua exuberância e realismo, o cinema terá cumprido a sua finalidade. Resta-nos, a nós, cumprirmos a nossa.

PEGGY STONE...

(Cont. da pág. 45)

tou em direção à porta, mas um guarda que ali estava a deteve.

— Você está muito linda assim, miss Stone. — Comentou o tenente — O corpo de um elegante rapaz, encimado por uma linda cabeça de mulher.

— Ossos do ofício, tenente. Imagine que passei um mês vivendo e agindo como se fôsse um homem. E o pior é que fui obrigada a beijar, apaixonadamente essa imunda criminosa. Não estarei em paz enquanto não tomar banho com desinfetante e esterilizar a minha bôca.

— Que susto, miss Stone. Quando percebi que você havia desaparecido sem deixar vestígios, e que outros continuavam a desaparecer, perdi completamente a esperança de encontrá-la. De hora em hora eu telefonava para sua secretária Nora. Fala-se nela e ela aparece. Que secretária maravilhosa...

Nora que entrava naquele momento, atirou-se nos braços de Peggy.

— O' minha querida amiga. Que tormento eu tenho sofrido. Todos os dias venho aqui, arrumo o apartamento e às vêzes durmo, esperando vê-la de um momento para outro. Quando você telefonou, reconheci sua voz e suas palavras, pois estou sempre ouvindo o disco que você me deu com tôdas as vozes que costuma usar para disfarce. Se você usou voz de homem, é porque devia estar vigiada e eu teria que responder de acôrdo com suas palavras. Com o espírito alerta, logo que você mencionou o «papai» Richard, não tive dúvidas de que era o tenente Cummings e o avisei incontinente. Vejo que êle chegou primeiro do que eu.

— Nem mesmo no Departamento sabem que me chamo Richard Cummings, de modo que nenhum crimisoso o sabe também. Apenas nas fichas e carteiras de identificação consta o meu primeiro nome, mas só agora percebi como isso é de utilidade.

— Apresse-se, tenente. Vá ao pôsto de gasolina que fica isolado, na «estrada da tortura» e obrigue o empregado a levá-lo ao bar clandestino que é também uma casa de vícios. Leve metralhadoras de mão e liberte os infelizes que lá estão.

O tenente seguiu à risca as instruções de Peggy Stone e um novo antro de crimes desaparecia da cidade.

O CORAÇÃO DISTRAÍDO

(Cont. da pág. 35)

A falta de resposta e algo na expressão da mulher levaram Tyler a acreditar que ela, talvez uma viúva, não tivesse motivo algum para esperar flores naquela noite. No terceiro andar, êle conservou a porta aberta para que ela passasse e, enquanto ela avançava pelo corredor, ajeitou os embrulhos de modo a conseguir enfiar a chave na fechadura do 3-C. Quando a porta girou, Lois chamou logo por êle, da cozinha. Abaixou a cabeça para que a água corresse sôbre o tapête alugado.

— Está uma noite infame.

— Horrorosa — concordou ela. — Pendure a capa no banheiro. Eu só cheguei há vinte minutos, de modo que sei bem.

Sorriu para o marido quando êste passou pela porta da cozinha a caminho da sala; devia ter visto as flores e os embrulhos e êle estranhou que dissesse apenas:

— Vou preparar uma bebida para você e tenho a idéia de fazer crepes Suzette para sobremesa.

Êle colocou as flores sôbre a mesa e começou a desempacotar os livros.

— Telefonei para aqui, do escritório.

(Cont. na pág. 48)

PASSATEMPO

LIDERGRAMA

INICIAMOS hoje mais uma variedade de passatempo que será publicado alternadamente com os problemas de PALAVRAS CRUZADAS. E' o LIDERGRAMA (*líder*, guia, condutor e *grama*, letra, isto é, letra que conduz à solução do problema), que, lançado pelo PICTURE POST, de Londres, alcançou grande êxito entre os seus milhões de leitores e que aqui no Brasil supomos sermos os primeiros a adotá-lo, pois desconhecemos qualquer publicação que já o tenha publicado.

Parece, à primeira vista, mais difícil que as PALAVRAS CRUZADAS; na verdade é um jôgo todo diferente, oferecendo um pouco de dificuldade no comêço, mas tornando-se mais fácil à medida que o aficcionado fôr encontrando as soluções.

Consta o LIDERGRAMA do seguinte: no quadro vertical, à esquerda do qual se acham as chaves-conceitos, coloca-se, da esquerda para a direita, a palavra que cada uma destas chaves sugira (cada letra em uma casa). Depois transporta-se para o quadro de baixo cada letra da palavra achada, pondo-se-a na casa que leva o mesmo número. O conjunto dará, lendo-se de cima para baixo, na primeira coluna do quadro vertical, o nome de um autor e o título de uma das suas obras. No quadro de baixo, preenchidas tôdas as casas, ler-se-á, da direita para a esquerda, um trecho da obra citada. As palavras da citação são separadas umas das outras por casas pretas e se não houver casa preta no fim de uma linha e comêço da seguinte a palavra se continua nesta. As letras que se acham no quadro de baixo se referem às que se encontram à esquerda das chaves e servem de guia para a colocação das letras da solução.

Exemplo: A solução da chave K é EMBOTE, cujas letras, que têm respectivamente por números 4, 51, 17, 39, 24 e 61, serão transportadas para o quadro de baixo e colocadas nas casas em que se acham aquêles números acompanhados de um K.

Esperamos que o LIDERGRAMA alcance o sucesso que as PALAVRAS CRUZADAS têm alcançado e receberemos com prazer as opiniões dos nossos leitores.

PALAVRAS CRUZADAS

✶

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 101

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: —Aviso — Mecha — Bi — Is — Ai — Ar — Uga — Abu — Aba — Teca — Afim — Araci — Abale — Capital — Ilheu — Acaso — Guam — Adur — Uns — Sol — Ogó — Ad — Aa — As — Ab — Lusco — Merlo.

VERTICAIS: — Abuta — Vigor — Si — Osa — Mau — Ei — Hábil — Arame — Acachas — Ba — Afalado — Acaem — Abeca — Ipu — Ata — igual — Lundu — Sugar — órobo — Mó — São — Lam — Ac — Se.

★

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — Cura — Cariri — Rã — Ao — Ara — Côr — Bei — Ana — It — Pé — Ir — Amarra — Arai.

VERTICAIS: — Cá — Ura — Rio — Ar — Careta — Ironia — Rabi — Orar — Ai — Ca — Par — Era — Má — Ri.

COMO APRENDER A DANÇAR

4ª EDIÇÃO AMPLIADA



Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 830 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de ritmos modernos pelo Prof. Gino Fornaciari, Diretor e Prof. do «CURSO PRÁTICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120 — Preço: Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembôlso postal — com o autor — Caixa Postal, 949 — São Paulo.

A venda também nas livrarias do Rio e Livrarias e Casas de Música de São Paulo.

LIDERGRAMA N. 1

A	Amarelo vivo; o mesmo que jalne	91	25	44	1	20	
B	Última letra do alfabeto grego	88	16	64	27	34	
C	Neste lugar	42	13	11	8		
D	Boné usado pelos militares	10	57	18	70	48	
E	Único	14	82				
F	Irritar	2	72	97	53		
G	Doença	5	37	62			
H	Elevação de terreno	96	7	30	93	22	
I	Arma branca mais curta e mais larga que o punhal	26	85	46	56	29	
J	Puros, inocente	76	83	40	65	32	9
K	Tire o gume	4 E	51 M	17 B	39 O	24 T	61 E
L	Senhora	21	50	59	31		
M	Epiglote	74	33				
N	Superior de ordem religiosa	69	19	86	98	81	
O	Receio, temor	49	15	80	99		
P	Impôsto gravoso	89	84	28	41		
Q	Serve para embalar	67	92	60	12		
R	Devorador, voraz	78	87	52	3		
S	Cheiro que sai do estômago quando há indigestão	38	43	36	71	75	
T	Árvore de flores amarelas ou roxas	35	6	58			
U	Diz-se do animal aleijado que coxeia	68	63	73	94		
V	Auréolas	45	95	55	66	23	
X	Uma e outra	54	79	90	77	47	

■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	A 1	F 2
R 3	E K 4	G 5	■	T 6	H 7	C 8	J 9	■	D 10	C 11	Q 12
■	C 13	E 14	O 15	B 16	■	B K 17	D 18	N 19	A 20	■	L 21
H 22	V 23	T K 24	A 25	■	I 26	B 27	P 28	I 29	■	H 30	L 31
J 32	■	M 33	B 34	T 35	■	S 36	G 37	■	S 38	O K 39	J 40
P 41	C 42	■	S 43	A 44	V 45	I 46	■	X 47	D 48	O 49	■
L 50	M K 51	R 52	F 53	■	X 54	V 55	I 56	D 57	T 58	L 59	■
Q 60	E K 61	G 62	U 63	■	B 64	■	J 65	V 66	Q 67	U 68	N 69
■	D 70	S 71	F 72	■	U 73	M 74	S 75	J 76	X 77	■	R 78
X 79	■	O 80	N 81	E 82	J 83	P 84	I 85	N 86	■	R 87	B 88
■	P 89	X 90	A 91	Q 92	H 93	U 94	■	V 95	H 96	F 97	N 98
O 99	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■

A GRANDE JOGADA

(Continuação do número anterior)

Êrro gravíssimo. O árbitro apita e os torcedores levantam-se num grito uníssono:

— Aí, **mascarado**! Besta! Não durma!

Mas quem compreendia o tormento de Tico? Como jogar bem com aquela angústia no coração?

— Que é isso, Tico? Você está desmentindo seu «cartaz. Você já foi bom, velho!

Essa era a voz dos que gesticulavam na assistência, dos indiferentes ao seu sofrimento!

O juiz olhava-o de esguelha, pensando mil coisas a seu respeito. Os fanáticos que tinham apostado a favor do «Rosa de Maio», mostravam uma triste cara de desfalcados. O «placard» exibia a desoladora contagem de 6 a 1 contra o «Rosa», já no segundo tempo.

Foi quando no auge de vibrante luta, quando o público mascando as unhas e com olhos acesos esperava novo tento, o alto-falante berrou:

«Alô! Recebemos um telefonema avisando o jogador Tico que sua espôsa teve um lindo menino, e ambos passam bem».

Todos aplaudiram. Tico suspirou de alívio. Foi como se tirassem um pêso de mil arrobas de seu peito. Teve tanta alegria, que num arranco executa um belo goal, fazendo goal-keeper quase voar longe da trave.

— Goal! Goal!!!

— Mais um! Mais um! Mais...

«Mais um, amigos ouvintes, mais um tento do «Rosa de Maio»! 6 a 2 no «placard»! Alô! Alô! Em tempo. Mais, isto é, a sogra de Tico, manda avisá-lo de que mais um bebê nasceu. O nosso ídolo é pais de um par de gêmeos!»

A assistência delira entre palmas. Tico vibra de comoção. Num outro arranco dá uma bela jogada, marcando outro goal. A bola quase parte o goleiro pelo meio, que é carregado inerte pelos colegas, até ao vestiário.

— Mais um! Mais um!...

E o alto-falante:

«Em tempo! Em tempo! Tico é pai de trigêmeos! Um viva para Tico!»

Júbilo coletivo. Vivas. Tico sentiu as pernas amolecerem. Meu Deus! Três filhos! Os jogadores vieram correndo acalmá-lo, enquanto os torcedores gritavam:

— Vamos! Vamos! Mais um! Mais um goal, Tico! Não desminta o nome do «Rosa»! Mantenha seu «cartaz»!

Levantou-se animado pelos elogios ao seu nome e ao seu quadro. Jogou como um louco. Fêz a mais sensacional atuação da sua carreira. Num supremo esfôrço marcou novo tento e caiu exausto. Abriu de leve os olhos ouvindo milhares de vozes:

— Mais um!...

Esperou aterrorizado, o locutor falar alguma coisa, e escutou:

— Incrível, amigos ouvintes! Isso é uma beleza! Um fato sensacional! A espôsa do querido centro-avante Tico teve outro bebê! Quatro filhos!

Aquilo era demais. Tico desmaiou. Os colegas solícitos interromperam o jôgo e carregaram-no para o vestiário. Puseram-no numa cadeira e esfregaram-lhe os pulsos, reanimando-o. Êle descerrou os olhos devagarinho e murmurou com lábios trementes:

— Quatro filhos, meus Deus!

— Parabéns! Parabéns!

— Voltem ao campo! Deixem-me!

— Não adianta. Faltam dois minutos para o final. E' perda na certa. Mas não faz mal, Tico, você brilhou hoje!

Lá fora milhares de «fãs» clamavam:

— Voltem «rosamaienses»! Não percam o jôgo! Volte Tico! MAIS UM!

Mas o rapaz fechou os olhos e desacordou de uma vez, murmurando em delírios:

— Não... Não quero mais um... Por favor... Chega de filhos!

RESPOSTA AO TESTE

1 — Arraial do Bom Jesus.
2 — Domingos Fernandes Calabar.
3 — João Maurício de Nassau-Siegen.
4 — Luís Barbalho.
5 — Na guerra contra Napoleão.
6 — Com a Espanha.
7 — O Suíno.
8 — Um Desembargador (João Severiano Maciel da Costa).
9 — Em Londres.
10 — A pernambucana de 1817.
11 — José Bonifácio de Andrada e Silva.
12 — Tenente-coronel.
13 — 28-1-1808.
14 — Cinco.
15 — Do Egito (trazido por Napoleão.

CORPO ESBELTO E FACEIRO

VINHO CHICO MINEIRO
Seja inteligente! não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

EUTRICHOL ESPECIAL
que faz voltar a côr natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Podé ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a queda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural.

À venda nas boas Farmácias

PARA COMPLETAR À SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA.

LEITE DE ARROZ BISCUIT
Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio tornando-a lisa, macia, aveludada das, manchas, panos e cravos,
Rua Direita, 191 — 6º andar
LEITE DE ARROZ. O seu us
(Exigir a marca BISCUIT)
constante remove as particulas
e eliminando o cheiro desagradá
mortas e queimadas da pele, sar-
M U L T I F A R M A
vel do suor.
Remessas pelo Reembôlso.
SÃO PAULO

Juventude Alexandre
BELEZA e VIGOR dos CABELOS
CABELOS BRANCOS só tem quem quer
JUVENTUDE ALEXANDRE
USA E NÃO MUDA, quem os não quer

A BELEZA DOS SEIOS
BÉL-HORMON
Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado moderníssimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

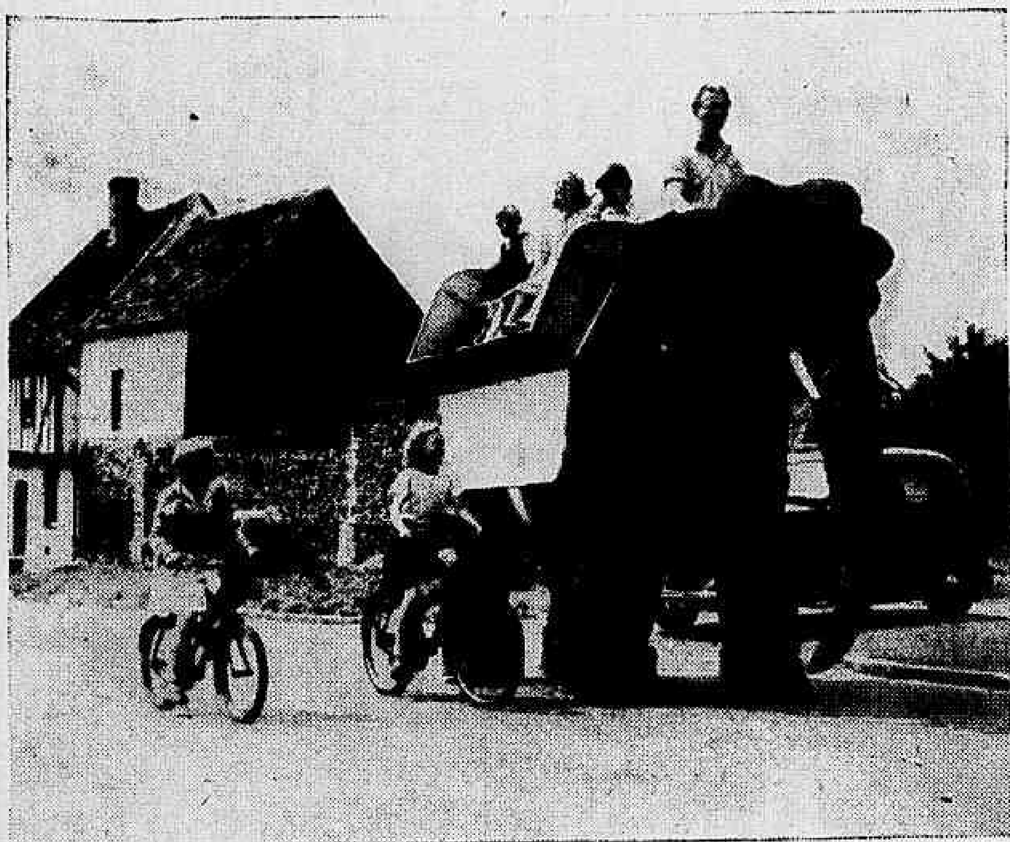
BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº ......
NOME ....
RUA .... Nº ....
CIDADE ....
ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

EXTRAORDINÁRIO ELEFANTE



Mr. Frank Stuart, residente em Essex, imaginou construir um novo tipo de "carro". E lhe veio à idéia êste elefante. O bicho pode percorrer 28 milhas por hora, o que não deixa de ser boa velocidade para tal paquiderme mecânico. Êle se movimenta por meio de um motor a gasolina, e obteve uma licença especial para andar aí pelas estradas e ruas. Não é de ferro, e sim de papel ou papelão. E todo mundo acha que faz excelente papel, conduzindo o seu inventor e a sua excelentíssima família, muito feliz.

EXIBIÇÃO DE POMBOS



Mr. H. Smith, de Lewisham, exibe para o fotógrafo um exemplar de pombo-correio na Exposição Nacional de Pombos-Correio, onde se exibiram mais de 2.500 exemplares, no valor de mais de vinte mil libras esterlinas. A Exposição reverteu em benfício da "Waifs and Strays Society", e teve lugar no New Horticultura Hall. O exemplar exibido aqui pelo seu dono, mostra a beleza de sua plumagem, a regularidade da cauda e a graciosa tonalidade das penas. As Exposições de Pombos-Correio são um sucesso na Inglaterra.

Tudo isto

Alimentos ao mar

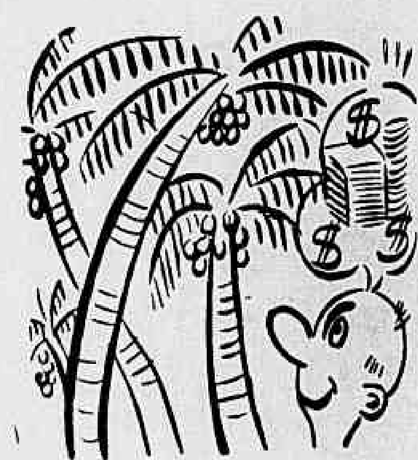
A política dos preços altos é um dos mais curiosos fenômenos dos dias em que vivemos. Dos dias é um modo de dizer, pois que êsse processo de manter elevados os preços das utilidades mais necessárias à vida, já é bastante velho. Todos sabemos o que foi a política do café em nosso país, a da lã na Argentina e a do algodão nos Estados Unidos. O nosso govêrno queimou e jogou ao mar várias dezenas de sacas de café, apenas com o propósito de evitar sua baixa pelo excesso de produção e baixa de procura. O excesso de café inexportável era queimado, enqanto os produtores recebiam dinheiro para entregar milhões de sacos às labaredas. Foi proibido o plantio da chamada «preciosa rubiácea», e a produção ficou equilibrada. Dizem os antigos sociólogos que, para um produto baixar de preço, basta que haja mais oferta do que procura.



Isso, teòricamente, é verdade; mas se esquecem de que, com a política de economia dirigida, as leis básicas da economia estão subvertidas. Vejam o que ocorre com o nosso pescado. Muitas vêzes despejam no mar várias toneladas de peixe imprestável para o consumo, pelo fato de ter sobrado. Mas o fato é que, com a tabela do Entreposto, ninguém se animou a adquiri-los. Agora em Buenos Aires denuncia um jornal «especuladores inimigos do povo», que acabam de lançar às águas do rio da Prata cem mil sacos de batatas, quinze mil sacos de cebolas, pelo fato de não quererem vender a preço mais baixo, e se manter a alta de tais produtos. E' uma política de contradições e muito exquisita, não há dúvida.

O babaçu

TODO mundo diz que o babaçu industrializado seria uma fonte de renda nacional tão grande e forte como a do café. Todo mundo diz e sustenta que o Maranhão é a pátria do babaçu. Ora, ligando uma coisa a outra, chegamos a esta conclusão digna do Conselheiro Acácio: o Maranhão só não poderá ficar o mais rico Estado do Brasil se não explorar o babaçu, industrializando-o. Mas aí é que começam as dificuldades para a terra de Gonçalves Dias. Onde está o dinheiro para isso? O governador daquele Estado, sabendo da existência de uma CDI, isto é, Comissão de Desenvolvimento Industrial, com sede no Rio, pensou em pedir-lhe socorro. Mas a resposta foi desoladora: "Não há, no momento, nenhum problema de industrialização a ser apreciado no Maranhão, no tocante ao babaçu. Os assuntos industriais deverão vir posteriormente e em consequência de outras medidas preliminares indispensáveis. No momento, o que há é um problema daquele Estado, isto é, se o govêrno do Maranhão quer fazer alguma coisa pelo babaçu tem que, primeiramente, criar condições que permitam o trabalho extrativo e a industrialização em larga escala. Fora disso, é malhar em ferro frio". Assim falou um dos membros mais eminentes do CDI. O governador maranhense não tem recursos para abrir estradas, limpar rios, montar maquinarias caras para a industrialização do babaçu, pois, se tivesse dinheiro suficiente, não se lembraria de implorar auxílios a nenhuma CDI. E se pergunta: quando o próprio S. Paulo precisa de ajuda, não recorre ao govêrno federal? Por que o Maranhão não tem êsse direito?



O enforcado

GUALBERTO Vilarroel era Presidente da Bolívia, eleito legalmente, mas foi deposto do poder constitucional e massacrado pela população, e, finalmente, dependurado em um poste da capital do país. Por que fôra êle assassinado e exposto ao escárneo público? O mundo inteiro ficou perplexo, uma vez quo o partido que o elegera estabelecia os seus postulados, exclusivamente, no sentido da nacionalização das fontes de renda nacionais, lutando pela maior moralização dos costumes. Mas foi enforcado. Isso se passou em 1946. Daí para cá, os correligionários de Villarroel estiveram em permanentes perseguições, muitos dêles exilados em países vizinhos, como ocorria com Paz Estensoro, eleito para a Presidência da República boliviana e esbulhado violentamente. O MNR — Movimento Nacional Revolucionário — porém, não descansava. Mesmo de país estrangeiro continuava a alimentar a chama de sua luta política no propósito de conseguir voltar ao poder. E o conseguiu. Não sendo possível vencer pelas urnas, pois sabia que, se até ali chegasse, não seriam os vitoriosos investidos em seus cargos, recorreram ao movimento armado. E mais uma revolução estoura na Bolívia, desta vez de grandes proporções. Paz Estensoro volta a La Paz entre aclamações. Há alguns milhares de mortos e de feridos. O govêrno que estava no poder e derrubado e os seus membros mais eminentes se refugiam em embaixadas estrangeiras ou se escondem convenientemente. E um dos primeiros atos do novo govêrno é o de mandar colocar grandes retratos em côr do mártir Villarroel, pela cidade, um dêles no poste onde foi torturado.



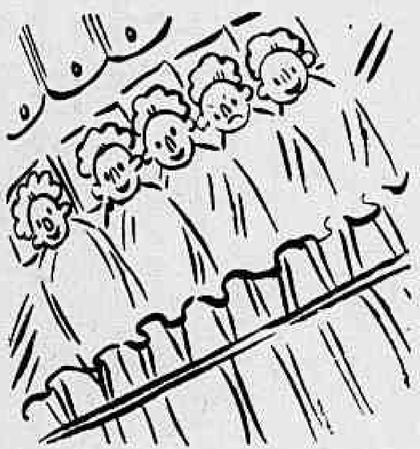
Aconteceu

Os homens fogem



DIZEM telegramas de Fortaleza, Ceará, que o Serviço de Estatística da Prefeitura da capital cearense acusou a existência de dez mulheres para cada homem na cidade, em virtude do êxodo da população masculina para o sul. O fenômeno que se dá ali é o mesmo em qualquer outra cidade do nordeste brasileiro, em cujos meios os rapazes não encontram atrativos para sua vida e recursos para trabalho rendoso e produtivo. A idéia geral é vir para o Rio ou S. Paulo. E vêm seja lá como fôr. Entretanto, é preciso que se explique a todo êsse exército de jovens e homens que correm para o sul do país: nem tudo é ouro sôbre azul por aqui. A vida no Rio está difícil, os salários são baixos, as condições de vida não são mais favoráveis do que as do nordeste. Ninguém se iluda com as aparências, sempre enganadoras. Muitas vêzes vemos rapazes que poderiam conseguir bom futuro lá pelo norte e são arrastados pela enganadora vida do Rio, terminando à margem da civilização, implorando auxílios a conterrâneos, mendigando favores entre congressistas, habituando-se a uma malandragem perigosa ali pela Galeria Cruzeiro. Não se nega que o Rio e S. Paulo, o Recife, Pôrto Alegre e Salvador, ofereçam mais possibilidades a quem quiser trabalhar, do que as pequenas cidades do nordeste. Mas também é bom advertir que a concorrência nessas grandes cidades é muito maior do que nas menores. Na atualidade, de que serve a um rapaz uma colocação na base do salário mínimo? Não dá, sequer, para pagar o quarto de pensão ordinária em que fôr morar. Os governos deviam encontrar um meio de deter essa avalanche despovoadora.

Quíntuplos



PUBLICARAM os jornais do comêço de abril dêste ano, a notícia de que na povoação de Batalha, município de Traipu, em Alagoas, uma pobre sertaneja dera à luz cinco filhos. Júlia Alves de Sousa, de 35 anos de idade, dava ao mundo quatro meninas e um menino. O espôso de Júlia, homem pobre, ficou contente com a safra familial, mas só estava pensando como sustentar cinco bôcas vindas assim, de chôfre, sob o teto humilde de sua tapera naqueles matos sem recursos. E, ao receber da mulher a informação de que era preciso ir ao comércio para trazer leite para as crianças, uma vez que ela não poderia alimentá-los normalmente, o pobre pai aflito saiu como uma bala em busca de recursos para salvar as crianças e a própria espôsa. Muita gente acorreu à casinha modesta da mãe de tanto menino para ver os pimpolhos. Ela estava exausta; mas a «aparadeira» dizia que tudo ia bem. Naquelas brenhas não há parteira diplomada, nem médico ginecologista. O que há é a «aparadeira», a «comadre», a curiosa, que faz os partos com fé em Deus e no Padre Cícero. Os garotinhos eram pequeninos e mirrados. Todos vivos ao nascerem. Já havia quem imaginasse botar nas meninas os nomes de senhoras da alta política estadual e federal, e no menino, o de Getúlio. Talvez assim recebesse o casal algum auxílio. Mas, quando o pai angustiado voltava com algum alimento, já encontrou a barrigada tôda morta. Inanição. Os meninos morreram de fome. Não foi fácil salvá-los com leite materno, pois que os seios mirrados não tinham leite, e a vila era longe, e o pai não tinha telefone nem carro para apressar o líquido vital. Os dramas do sertanejo...

Pornofonía



UMA de nossas emissoras anuncia estar disposta a combater a pornofonia, e sugere que os dicionaristas incluam o neologismo em suas obras. Sòmente aplausos merece a "Eldorado", a mais nova antena do Rio de Janeiro. Não há, porém, nenhum neologismo na palavra pornofonia. O que se verifica é a falta de emprêgo de tal vocábulo. Se os dicionários não o registram, explica-se por um motivo muito simples: os nossos lexicologistas não organizam dicionários: — copiam-nos de outros anteriores. E muitas vêzes copiam tudo errado, sem qualquer sindicância ou verificação de étimos e mesmo de classificação. Quanto a informações toponímicas, por exemplo, as nossas obras enciclopédicas são de uma irregularidade clamorosa. O mesmo sucede com os verbetes. O que um dicionário publica, o outro repete, muitas vêzes literalmente, numa cópia absolutamente servil. Por êsse motivo não temos visto o têrmo "pornofonia" em tais obras, não que seja neologismo, mas porque os autores de léxicos têm preguiça de incluir em suas obras as palavras que, embora existindo na língua, ainda não foram inscritas em tais volumes.. Se temos dicionarizadas várias palavras com o mesmo étimo — porn —, com significado de imoralidades, e o muito conhecido "pornografia", qual o motivo por que os dicionaristas não aumentam o vocabulário com o pornofonia e seus derivados? Apenas porque se limitam a repetir o que um outro autor deixou escrito. É, repetimos, das mais louváveis a decisão da Rádio "Eldorado", combatendo as pornofonias, dirigindo os seus programas num sentido "eufônico".

QUEREM O CHEFE



O aeroporto de Londres foi surpreendido, faz pouco, com a chegada de seis delegados da tribo Mamangwato, das terras adustas da África Inglêsa, que vieram à capital britânica com o fim de obter das autoridades competentes a volta do Chefe Seretse ao seio daquele povo. Com os africanos veio um branco, o Conselheiro da Tribo legalmente nomeado, Mr. P. Fraenkel, bem como um intérprete negro, cujo nome é um tanto difícil de pronunciar: Montiwatsi Mpotokwane, ao lado do Conselheiro branco. Felicidades.

FESTA INFANTIL



UMA Liga de Beneficência de Londres mantém uma seção de crianças, mobilizando-as para festas muito delicadas e muito atraentes. Todos os anos os promotores dêsses festejos organizam "shows" que alcançam grande sucesso em proveito da coletividade que necessita de amparo. Aqui vemos três atores infantis num grupo a caráter, interpretando tipos holandeses. A festividade se denomina "Blue Bird" (Pássaro Azul) e é desempenhada no Hyde Park Hotel, sob o patrocínio da Condessa de Athlone.

CORREIO DA REVISTA

Presado Leitor:

Êste correio, que habitualmente recebe cartas suas pode também remetê-las. O destinatário é Você e é bem possível que tenhamos que manter esta conversa maior número de vêzes.

V. tem nas mãos o exemplar da REVISTA DA SEMANA, que é a sua revista cada semana. Talvez note que algumas modificações vêm sendo aqui introduzidas. Leitor atilado que é V., há de suspeitar que outras hão de vir. E virão mesmo, para dar a V. e aos seus uma revista cada vez mais atual, mais palpitante, correspondendo ao seu desejo de ter uma leitura variada, completa e interessante. E é justo: para isso V. deixa quatro cruzeiros com o jornaleiro.

V. gostou da seção, que intitulamos "A Pergunta da Semana" e vem já saindo desde um mês atrás? Não tenha cerimonias em dizer. Se gostou, aprove. Se não, espinafre. Aqui estamos, de cara limpa, à espera de qualquer opinião, para teimar ou corrigir.

Hoje V. encontrará, para seu recreio, na secção de Palavras Cruzadas do nosso companheiro Renato Cartaxo, um Lidergrama. *Êle lhe explicará o que é isso e esperamos que V. goste. O tal de* Lidergrama *está apaixonando meio mundo, no estrangeiro, e a* Revista *tem a satisfação de lançá-lo no Brasil.*

Espere o próximo número. Se não tiver novidade é porque ficou para o outro. Estamos à procura de nivel e contamos com a sua colaboção inteligente.

A DIREÇÃO

★

Vasco da Gama, 10-3-952

Digníssimo Diretor da Redação A REVISTA DA SEMANA.

Exmo. Sr. — Nós, dois Portuguêses da Metrópole, atualmente a cumprir serviço Militar no "Estado da India, vinhamos por êste meio dirigir-nos mui respeitosamente a V. Ex; se seria possível publicar na Revista que V. Ex. dirige, um anúncio a pedir "Madrinhas de Guerra", para assim podermo-nos trocar correspondência.

Sem outro assunto, agradecemos e subrescrevemo-nos muito respeitosamente, com a mais elevada consideração para V. Exa.

Mário Saul da Silva, soldado de Engenharia e *Antônio Rodrigues*, cabo de Engenharia — Vasco da Gama — Alparqueiros — Gôa — India Portuguêsa.

★

Niterói, 14 de abril de 1952

Senhor Redator.

Muito me penhorou vossa delicadeza apreciando a "Circular" que dirigi aos Chefes de Inspetorias Escolares do Estado do Rio sôbre as causas que, a meu ver, estão contribuindo para impedir o desenvolvimento do ensino primário no meio fluminense. Comentando aquêle expediente, em linguagem patriótica, viestes alistar-vos entre os que procuram encontrar, no exame do grande problema do ensino, a chave para a solução de todos os nossos males.

Aceitai, pois, os meus sinceros protestos de aprêço e simpatia.

Rubens Falcão.

A REVISTA Há 50 Anos

(4-5-1902)

CRÔNICA

Ai, encantadores cronistas das grandes fôlhas parisienses, delicados rendilhadores de prosa, sutís tecelões da trama dourada da fantasia: como perderíeis o tempo e depressa esgotaríeis a facúndia se vos lembrásseis de dar um pulo até a formosa Guanabara e aqui tentar a fortuna das letras! Quinhentos mil habitantes, uma das mais formosas naturezas do universo, uma baía de entontecer as almas ébrias de mistério e nem um assunto, nem um episódio, nem um caso digno da pena do mais despretencioso rabiscador dessas frioleiras tão efêmeras mas tão interessantes em que se compraz a pena leve e ágil do cronista! Nem uma nota de arte, nem um episódio inédito ou atraente da complicada psicologia feminina, nem um fato social denunciando vida, energia, nervos, a consciência de uma existência coletiva e de uma felicidade comum. Tudo torpe, banal, incaracterístico. A apoteose do músculo ou do sangue. O culto incondicional do ouro ou do sucesso. Darwin na sua mais completa, desoladora e estéril vitória. A luta pela vida nos seus aspectos mais crus e mais desabusados. Matar para não ser morto; matar-se para não ser morto pela miséria. Há nada mais triste e mais desconsolado!

Só o crime se propaga e multiplica com uma fôrça prolífica que não para, que em si próprio, na própria calda infame, encontra novos elementos de nutrição. Peguem as nossas fôlhas diárias, percorram-lhe as colunas consagradas ao noticiário; elas não iludem, não fantasiam, não mentem. E' aquilo mesmo, com mais ou menos brilho literário, com maior ou menor emoção artística. Um vasto necrotério de corpos ou de almas, todos os artigos do código penal justificados, comentados e ampliados pela miséria, pela nevrose, por tôdas as perversões, ainda as mais requintadas, do senso moral. Os piscopatas, os antropólogos têm hoje, nesta terra, um laboratório ricamente provido de casos e tipos, mas por isso mesmo o cronista cruza os braços e descansa a pena. Que temos nós, borboletas da prosa, que fazer neste jardim sem flôres, sem mel, sem nectar?

Sim, porque as gentis leitoras da REVISTA DA SEMANA não hão-de querer que lancemos em seus jovens e descuidados espíritos o horror, o trágico horror da galeria policial. Bem lhes basta a atonia, a tristeza a sensaboria destas noites chuvosas, frias insociáveis, tão diferentes das de outros tempos em que o Rio de Janeiro era, senão a mais alegre e feliz, pelo menos uma das mais alegres e felizes cidades do mundo.

JACQUES BONHOMME



Comício realizado no Largo de S. Francisco, sôbre os acontecimentos do Acre

REVELAÇÕES DO CONTINENTE NEGRO-II

AS CIDADES DO OURO E DO JACARANDÁ

PRETORIA : SÓ BRANCO

JOHANNESBURBO : CAMPOS DE TÊNIS

OS DESENHOS DE BURCHELL

Por MARCOS CARNEIRO DE MENDONÇA

NA cidade de Johannesburgo o visitante pode encontrar muita coisa que o interêsse. Grandes avenidas, parques, museus, magnificos biblioteca pública, uma das boas Universidades do mundo, jardim zoológico com rinocerontes, elefantes, tigres de Sumatra e de Bengala, zebras, uma infinidade de outros animais e um lindo casal de onças pretas.

Por outro lado, verifica que os habitantes indígenas que alí se encontram, pertencem às velhas raças negras, cujos representantes puros, aqui no Brasil, vão se tornando de cada vez ráros. São prêtos e pretas de tribos nativas, fortes e retintos, de sangue puro e pele luzidia.

Mas, vê lá se algum dêles ousa estender a mão para o branco que se fêz senhor da terra que os viu nascer! Onde quer que se vá, lá estão as taboletas: "Europeans" (brancos) e "Non-Europeans" (prêtos). Além disso, dentro do perímetro urbano da cidade, especialmente em Pretória, só mesmo o branco pode morar. Negro trabalha, trabalha, depois some. Anda quilômetro em busca da maloca, para dormir. Sob o ponto de vista social, especialmente nas cidades, a posição do prêto chega a ser de amargar. Como isso acabará não se sabe.

Só em Angola a vida do prêto se parece realmente com a nossa. Depois de Angola vem Moçambique, mas já aí a influência dos vizinhos racistas se faz sentir.

Para quem não quiser se incomodar com êsses problemas, tôdas as cidades por nós visitadas oferecem aspectos agradáveis. Creio não haver no mundo nenhuma cidade onde haja tantas quadras de tênis, em residências particulares, como em Johannesburgo; nem país com tantos campos de golf, em relação à sua população, como na União Sul-Africana. No Brasil teremos 50, se tanto; lá são mais de trezentos, estando nessa ou em maior proporção, a existência dos campos de polo, esporte em que são fortíssimos.

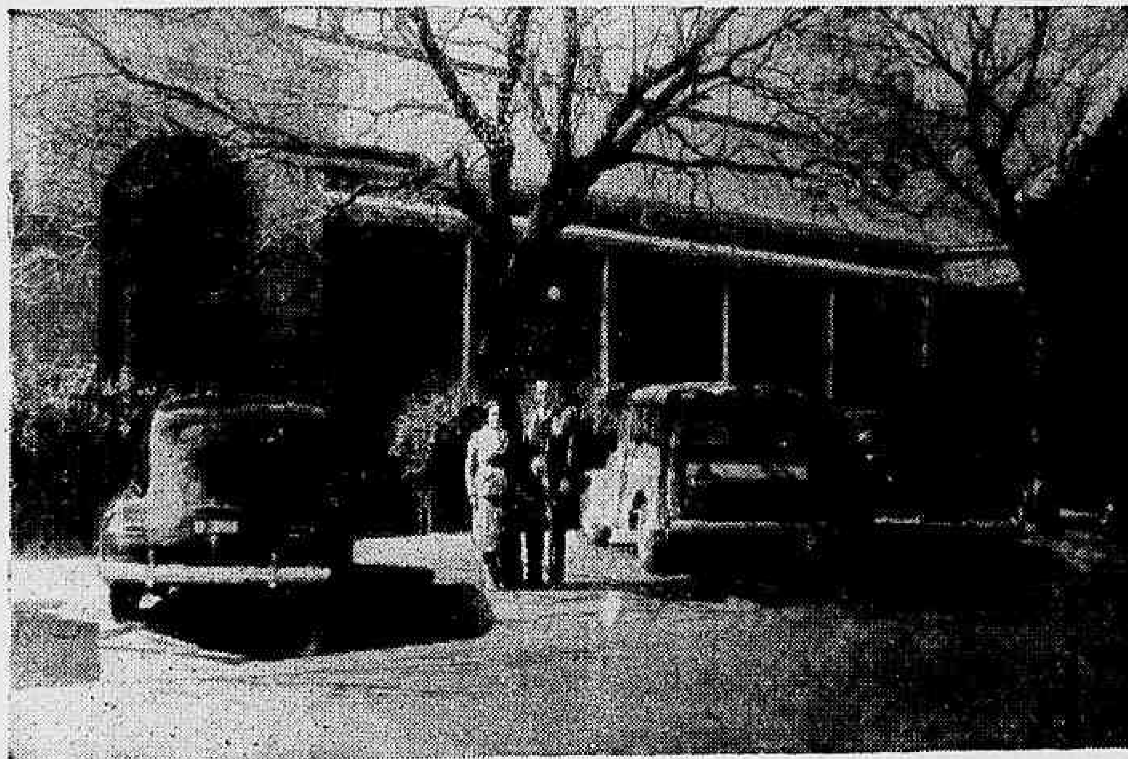
Hoje, em futebol, somos, sem dúvida, melhores do que êles, mas a verdade é que a primeira equipe estrangeira que nos visitou e nos surrou amplamente, foi uma sul-africana, que estêve em São Paulo em 1906.

O intercâmbio esportivo nosso com as organizações congêneres sul-africanas, se impunha, e só não o preconizamos pelos preconceitos de raça e de religião, que lá campeiam. Sendo evidente que, nesse ponto, êles andam precisadíssimos do nosso exemplo.

Johannesburgo caminha a passos largos para o seu primeiro milhão de habitantes. Nasceu do ouro e vive para o ouro. Com cêrca de 160 minas abertas, servidas por mais de 500 quilômetros de galerias subterrâneas, concorre, cada ano, com vultoso contingente para a balança internacional dêsse produto.

Entretanto, para nós, não foi essa a grande atração que nos prendeu à cidade. A nossa grande surprêsa ali foi encontrar, na biblioteca da Universidade de Witwatersrand, uma porção de documentos inéditos sôbre o Brasil. Não sei como foram ali parar; o seu autor se chamava William John Burchell, e devemos à gentileza do Vice-Reitor daquela Universidade, que por carta dirigida para Lourenço Marques nos convidava a voltar a Johannesburgo, conhecer êsses documentos.

São desenhos magnificos e preciosos para nós. Burchell aqui estêve durante 5 longos anos, percorrendo os nossos sertões e estudando a nossa flora. Chegou ao Rio em 1825 e partiu do Pará para a Inglaterra, em 1830.



Neste prédio estêve prêso Winston Churchill, durante a Guerra dos Boers, como êle conta em suas memórias, narrando a fuga sensacional que logrou efetuar. Vê-se, na frente, o casal Marcos Carneiro de Mendonça.

Como se sabe, quando o Brasil proclamou a sua independência, houve tremenda luta nos bastidores da política européia e norte-americana no sentido de ser ou não reconhecida essa independência. Havia muita simpatia pela nossa causa, mas nem por isso aparecia quem quisesse reconhecê-la antes de Portugal. E, em Portugal, a última coisa que se admitia era êsse reconhecimento. A situação de incertezas perdurou até 1825, ano em que a Grã-Bretanha e Portugal concordaram finalmente em mandar ao Brasil um emissário com poderes para resolver, em definitivo, a questão.

Coube a Sir Charles Stuart, diplomata experimentado, essa honrosa e difícil missão. A maneira pela qual se desincumbiu da mesma não tem, no momento, para nós, a mesma significação que a do encontro, em Johannesburgo, de tantos e tão valiosos documentos inéditos sôbre o Brasil.

Mrs. Helen M. McKay, "dona" do assunto Burchell em Johannesburgo, conta-nos que William Swainson, aconselhara-o a vir para o Brasil, onde estivera de 1816 a 1818, e onde, para êle, se encontrava o maior campo de estudo que um botânico poderia desejar. Apaixonando-se pela idéia, Burchell empenhou-se para conseguir um meio de realizar o seu objetivo, conseguindo por fim um lugar na missão Charles Stuart. Partiram pelo "Wellesley", de Portsmouth a 15 de março e chegaram ao Rio de Janeiro a 18 de julho de 1825.

Todo o material da Flora brasileira por êle colhido no Rio de Janeiro, Minas, São Paulo, Goiás e Amazônia, foi remetido para a Grã-Bretanha. Só os seus trabalhos se encontram na biblioteca da Universidade de Witwatersrand. Entre êstes, figuram 8 pran-

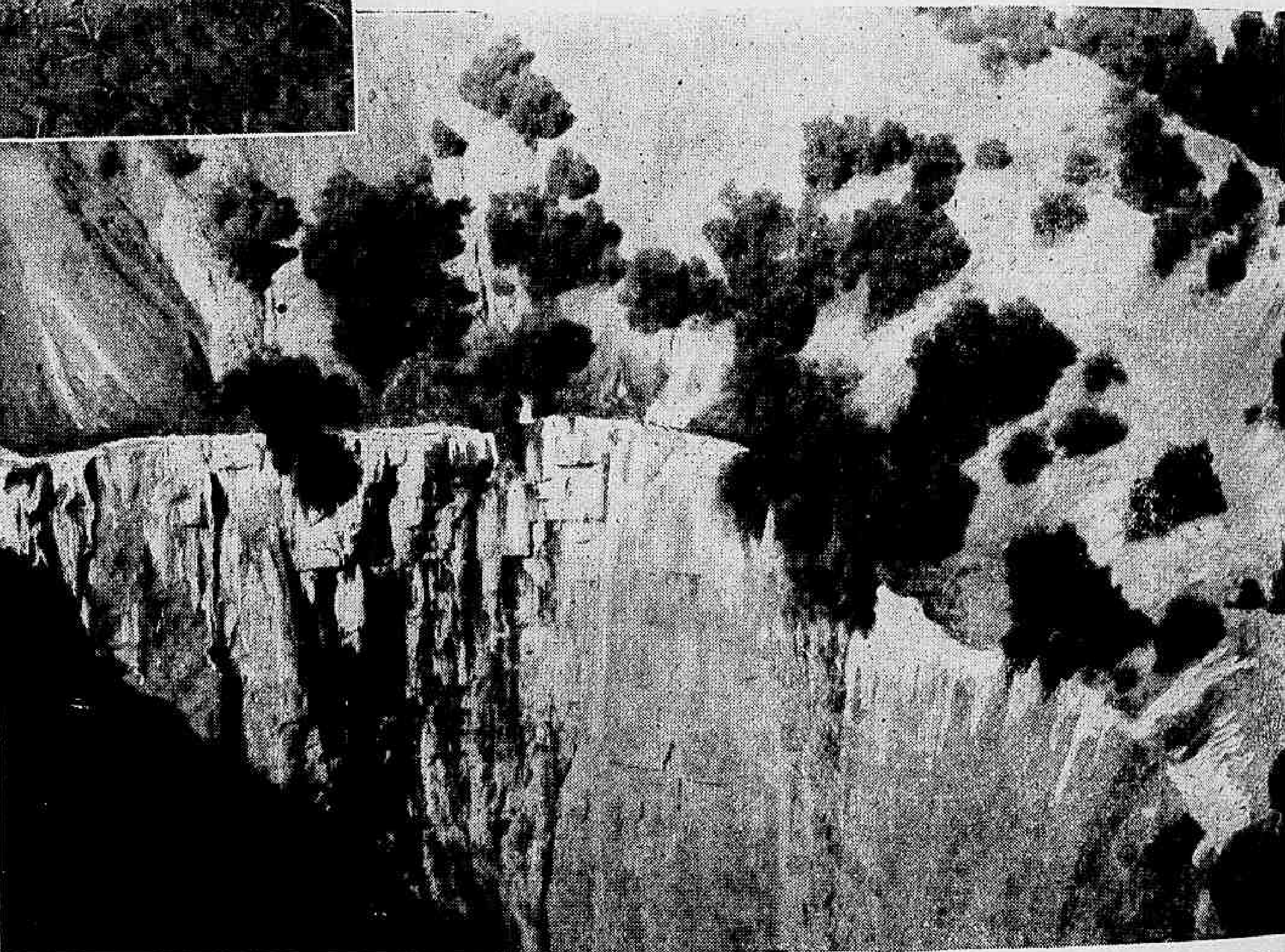
AS CIDADES DO OURO E DO JACARANDÁ

Envólucros de palha protegem estas mudas de jacarandá contra o... frio! Acreditem se quiserem: o frio na África chega a ameaçar as plantações.

chas por êle desenhadas — e aí foi a nossa grande surprêsa — que, em conjunto, nos apresentam o Rio de Janeiro de 1826, visto desde o fundo da baia até a entrada da barra. Em outras pranchas, também por êle desenhadas, temos a cidade de Santos e a de Belém do Pará.

Foi um achado sensacional, sobretudo para mim, porquanto ao partir para Africa, todos os amigos e conhecidos, como é natural, perguntavam-me: "Vai caçar?" "Sim, vou caçar documentos..."

E por falar em caçadas, em Lourenço Marques, almoçando em Palácio com o ilustre Governador Geral de Moçambique, comandante Gabriel Teixeira, encontrei-me com um rapagão inglês, bem diferente de mim. O homem já matara mais de 500 leões e eu, nem um só dêles. Mas posso garantir com sinceridade, que a emoção íntima que senti ao enfrentar os documentos deixados por Mr. Burchell, relativos ao Rio de Janeiro de 1826, deve ter sido quase tão forte quanto a que êle sentiu ao matar o seu primeiro leão. Sendo certo que, se êle depois do primeiro, matou muitos outros, por meu lado fui também fazendo as minhas caçadas e, até hoje, consegui enjaular em minha biblioteca, mais documentos capazes de fazer inveja aos caçadores do meu ramo, do que os que o nosso inglês conseguí caçar para inveja e admiração dos da sua classe.



O "Big-Hole", que se aprofunda num gigantesco maciço, é visto aqui em sua imponência. Dêle já se retirou, em 50 anos de excavações, mais de três toneladas de diamantes, em 396 metros de profundidade por 1800 metros de circunferência.

Os meus colegas de caça, quando souberam que ao voltar da minha última viagem vim acompanhado de inéditos de D. José I, D. João VI, Wellington, Beresford, Strangford, do Marquês do Pombal, do 2º Vice-Rei do Brasil Conde da Cunha, do 3º Vice-Rei Marquês do Lavradio, do Duque de Palmella, do Conde de Linhares, de George Canning, Lord Cockrane, do Brigº-general Jacques Funck, do Brigº-general João Henrique Bohm, de Fernando Dias Paes Leme, de Sir Charles Stuart, de... sei lá, são tantos que não os posso aqui relacionar, hão de por certo, se espantar da caçada feita. Aliás, quase todos, relativos ao Brasil.

De Sir Charles Stuart, por exemplo, tenho a carta original para D. João VI, escrita do Rio, em cumprimento da sua missão, enviando a cópia do tratado que já aqui assinara, pelo qual, a nossa independência seria por êle, D. João VI, finalmente reconhecida.

Entre êsses documentos, os originais do Marquês do Pombal são incríveis. Há dêle, entre outros, o dossier completo das Instruções passadas ao Conde de Bobadella, ao Conde da Cunha e ao Marquês do Lavradio, sôbre a expulsão dos jesuitas daqui e de Portugal, e sôbre as medidas a tomar contra a grave ameaça que pairava de invasão do Brasil pelos espanhóis e pelos inglêses, êstes, na opinião de Pombal, instigados em Londres pela cobiça dos seus mercadores e pelos próprios jesuitas daquela cidade.

Entre as peças dêsse dossier, organizador e assinado pelo Marquês do Pombal, ainda como Conde de Oeyras, há um exemplar perfeito do decreto de expulsão dos jesuitas, de 3 de setembro de 1759, por certo um dos únicos existentes no mundo.

Com o tempo e à medida do possível, os interessados irão sendo postos a par de todo o conteúdo dêsses documentos.

Quanto aos de Johannesburgo, ao deixar a Universidade, ficamos mais ou menos entendidos, no sentido de serem os mesmos publicados de comum acôrdo, em inglês, e português; sendo que, sôbre isso, já aqui fui procurado por quem de direito.

Tal como na Bélgica, as últimas guerras influiram para a separação das raças que constituem as populações brancas da União Sul-Africana. Na Bélgica o Rei Leopoldo II, em seu longo reinado, conseguiu fazer do francês a única língua oficial. Depois da guerra de 1914-18, o seu grande sucessor, Alberto I, foi obrigado a aceitar como também língua oficial o flamengo.

Na União Sul-Africana deu-se o mesmo, talvez em tom mais agressivo. Hoje alí, por idêntica razão, não só há duas línguas oficiais — o africaaner e o inglês — como as duas cidades — Pretória e Capetown — dividem a honra de ser, cada uma, por seis meses, a sede oficial do govêrno. Com isso, é bem de ver, "muito se divertem" os diplomatas acreditados junto àquele govêrno. Especialmente agora que as cidades estão superlotadas de estrangeiros e as casas de cada vez mais difíceis de achar.

A existência de duas línguas

e de duas capitais só podia provir do entrechoque de raças e de interêsses políticos no país; parecendo-nos uma e outra coisa, mais acentuada nos Estados onde predominam os descendentes dos "boers". Aí, ter nome de família boer e querer manter os filhos em colégio inglês, já é meio cumplicado. Em geral, reconhecem ter êsse problema se acentuado com a morte do General Smuts, cujos partidários estão hoje em minoria, no país.

Quanto às notícias sôbre a proibição formal de prêto não poder andar na mesma calçada que branco, não são verdadeiras. Sente-se a subordinação, mas não a exclusão. Vimos notícia dos nossos marinheiros do Saldanha da Gama, pouco tempo antes da nossa chegada lá, terem sido cercados nas ruas de Capetown, pela polícia local, por andarem, sendo escuros, transitando nas calçadas dos brancos. Se o fizeram, foi por atitude, pois a realidade, segundo verificamos, é outra. A separação não existe ou se existe, não é obedecida. Nos ônibus e nos trens, sim.

A cidade que se apresenta com foros de maior tradição histórica e racista, hoje a bela cidade dos jacarandás, é Pretória. Havendo quem tenha a impressão de que se êles chegassem a pensar que o nome Pretória poderia vir de prêto, mudariam-no para Whitoria.

Aqui no Rio de Janeiro, quando aparece um filme com danças africanas, o sucesso é sempre grande, sobretudo sendo colorido. Pois em Johannesburgo, cada domingo, pela manhã, se pode apreciar, ao vivo, êsse espetáculo.

Foi com o maior prazer que por duas vêzes, assistimos às diversas tribos africanas se fazerem representar pelos respectivos contingentes de músicos e guerreiros dançadores, em um mesmo anfiteatro, preparado para êste fim. Cada tribo apresenta com as vestimentas, plumagens multicores e instrumentos próprios da sua raça, religião e região.







Os prêtos africanos têm suas danças características e elas podem ser assistidas com freqüência, em Johannesburgo. Nesta página, três lances de uma dessas danças, nas quais o folclorista brasileiro poderá reconhecer o ritmo e a atitude dos nossos terreiros de macumba.

O aspecto marcial dos homens, os coloridos das vestimentas, a sonoridade e o ritmo dos instrumentos musicais, enriquecidos pelo chocalhar dos guizos que trazem nas pernas, pescoço, nos braços e no peito; tudo vibrando e tudo somado à intensidade dos movimentos certos, rítmicos e varonis, entusiasma e deixa-nos, por vêzes, a impressão de quererem, na repetição do gesto violento e compassado, afundar a terra sob a pressão da batida dos seus pés fortes e dominadores.

O espetáculo vale também para o viajante, pelo colorido exótico das roupas usadas pelos milhares de prêtos, que ali se reunem para assisti-lo ou para nêle tomarem parte.

QUAL O SANTO MAIS POPULAR NO BRASIL?



STA. TERESINHA?



Santa milagrosa muito popular, Santa Teresinha do Menino Jesus é da especial devoção das crianças e dos jovens, que colocam suas esperanças e promessas no altar dessa irmã carmelita de ar muito doce, canonizada em 1925 pelo Papa Pio XI. A donzela que morreu vestindo o hábito das freiras de Lisieux, com apenas 24 anos de idade (1897), encontra talvez nessa circunstância o motivo da particular devoção que desperta entre os católicos mais jovens. Será a meiga Santa Teresinha, festejada pela Igreja a 3 de outubro, o santo mais popular do Brasil?

STO. ANTÔNIO?



Ou mais popular que ela, canonizada há apenas um quarto de século, será Santo Antônio, o santo casamenteiro? O santo dos grandes festejos de Junho, junto da fogueira onde assam o milho e o cará e quando se tiram as sortes no copo e na bacia deixada no sereno, para ver quem será o noivo? O santo que ajuda a encontrar objetos perdidos: tesoura, dedal ou dinheiro? Santo Antônio tem tanto prestígio que chegou a ser oficial do exército, com o nome na fôlha de pagamento. Santo português, nascido em Lisboa, Santo Antônio de Pádua será o mais popular no Brasil?

SÃO JOSÉ?



S. José foi casado com a Virgem Maria, de quem nasceu Jesus, e é festejado a 19 de Março, no calendário cristão. De norte a sul do nosso país sua intercessão é pedida todos os dias, com promessas e novenas. As amas negras tinham o nome de São José nas cantigas de acalentar criança e as mães repetem seu nome junto ao berço dos filhos. Não há canto do país onde não se tenha erguido uma igreja sob a invocação de São José, um entre os santos mais populares no Brasil.

S. JUDAS TADEU?



Os jornais aparecem frequentemente com agradecimentos feitos a São Judas Tadeu, por graças alcançadas por seu intermédio. O prestígio dêsse que foi um dos doze apóstolos e privou da intimidade de Jesus só tem crescido nos últimos tempos e dizem que sua proteção não é invocada inùtilmente. Sua festa é a 28 de Outubro, quando há uma romaria aos altares em que é representada sua imagem. São Judas Tadeu não figura entre as devoções mais antigas dos brasileiros mas é hoje uma das mais populares.

SÃO JORGE?



São Jorge foi um príncipe da Capadócia (Ásia Menor), martirizado sob o reinado do imperador Deocleciano, no ano 303. Sua fé ardente e êsse sacrifício o levaram à glória do altar. E' conhecido como o Santo Guerreiro, representado a cavalo, tendo na mão uma lança com a qual enfrenta um monstro. Contando com muita devoção da parte dos católicos, seu culto é hoje misturado às superstições africanas introduzidas pelos negros em nosso país. Sua festa que é a 23 de Abril, começa dois dias antes e atrai numeroso povo às igrejas. Também os terreiros de macumba festejam S. Jorge, com ritos bárbaros, pois êle é confundido com Ogun, da idolatria africana. Será por isso São Jorge o mais popular dos santos?

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 18 ★ 3-5-52

Redator-Chefe:
ALCEU MARINHO REGO

Redator-Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JÚNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

Desenhos de
ALBERTO LIMA

Diretor:
Gratuliano Brito

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Intern. de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 200,00
Seis meses	Cr$ 100,00
Registrada — Um ano	Cr$ 230,00
Seis meses	Cr$ 120,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 350,00
Seis meses	Cr$ 180,00

O número avulso custa Cr$ 4,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 4,50

CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado Cunha, Avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: venda e publicidade na Capital a cargo da Agência Zambardino, rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569

Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y.. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2.º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente. 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida, 299, tel. 32, Av. 9509, B. Aires

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Êste número consta de 60 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

Rua Visconde de Maraguape, 15 — Rio de Janeiro

TELEFONES:

Redação: 22-4447 ★ Publicidade: 22-8570 ★ Portaria: 22-5602 ★ Gerência: 22-8647 ★ Contabilidade: 22-2550

TAPETES

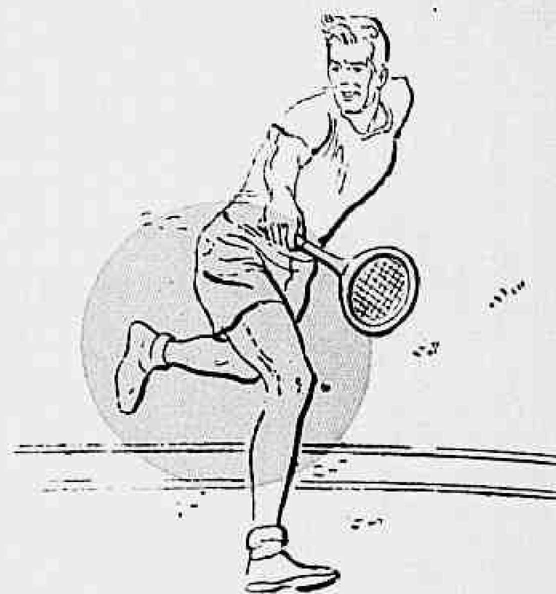
Passadeiras

GRUPOS ESTOFADOS

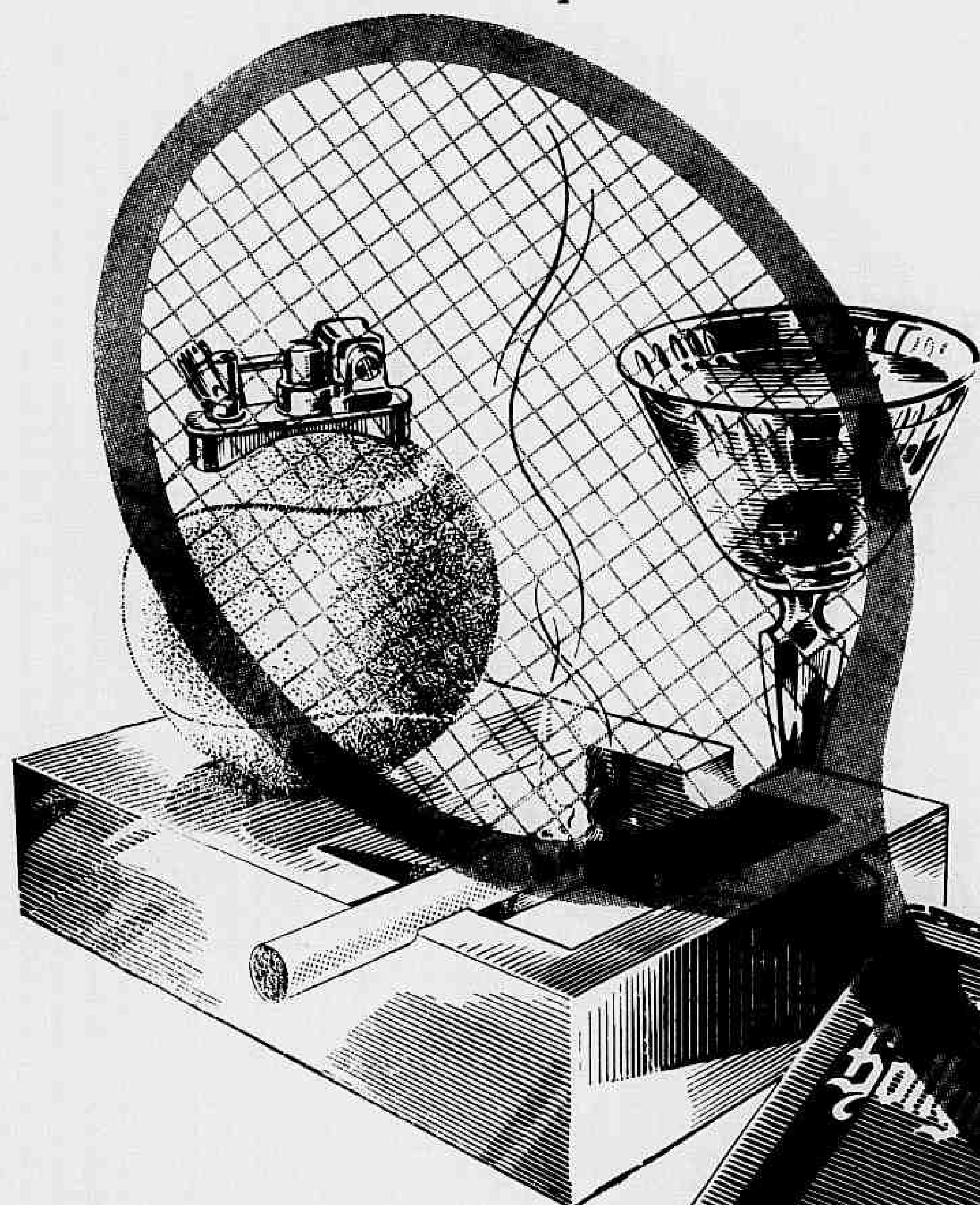
especialidade de nossas oficinas para entrega imediata.



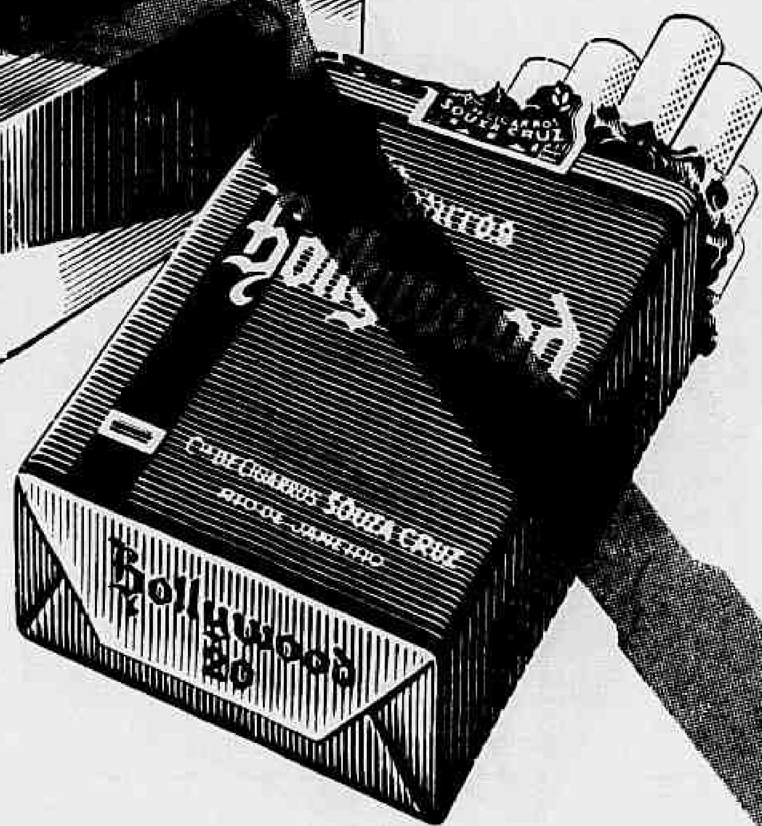
65, Rua da CARIOCA, 67 – Rio



sua recompensa... e nosso orgulho!



Tenis... amigos que se reunem em amável competição esportiva... elegante pretexto para apreciar as coisas boas da vida, como Hollywood - o cigarro tradicional da sociedade brasileira...



cigarros Hollywood

uma tradição de bom gosto



UM PRODUTO SOUZA CRUZ

BB 144